



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Faculdade de Educação-FACED
Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado

**FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: UM OLHAR SOCIOCULTURAL
E EDUCACIONAL**

Inéia Simas de Souza

Manaus- 2011

FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: UM OLHAR SOCIOCULTURAL E
EDUCACIONAL

Inéia Simas de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação/Mestrado,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Educação.

Orientador: Professor Dr. Jorge Gregório da Silva

Manaus-2011

Inéia Simas de Souza

FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS: UM OLHAR SOCIOCULTURAL E
EDUCACIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação/Mestrado,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Dr. Jorge Gregório da Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Professora Dra. Elizabeth da Conceição Santos
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Professor Dr. Sérgio Ivan Gil Braga
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

DEDICATÓRIA

A meus pais Ruyvaldo (in memoriam) e Conceição e, especialmente, a todos que como eu amam o Festival Folclórico de Parintins e acreditam que o mesmo mereça um lugar de destaque e discussão na escola, lugar do saber e da alegria compartilhada.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os nomes que deveriam aparecer aqui, portanto, agradeço a algumas pessoas fundamentais para a concretização desse estudo.

A Deus pelo discernimento.

A minha mãe Conceição, a maior incentivadora de meus estudos, minha eterna mestra.

A meu irmão Inaldo e a mana Iranilda pelo carinho e compreensão.

A meu marido, Ricardo, o ombro que sempre esteve pronto para segurar o desespero quando o pensamento não fluía.

A meu orientador, professor Dr. Jorge Gregório da Silva, que acreditou em mim e indicou os caminhos a serem tomados.

Aos colegas e professores do curso de mestrado e, especialmente, a amiga Cíntia Lins por seus conselhos e sugestões.

Ao grupo de sujeitos entrevistados, pelas informações fornecidas.

A prima Rizélia por ter sido minha motorista e mediadora nas entrevistas em Parintins.

Ao tio Miguel por sempre ter acreditado e incentivado meus estudos.

Enfim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para a elaboração dessa dissertação.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A presente dissertação propõe um novo olhar sobre o Festival Folclórico de Parintins, isto é, volta-se para os aspectos socioculturais e educacionais da festa, propondo uma discussão acerca da mesma. Inicialmente, aborda o Festival como manifestação cultural, sendo visto como voz social, pois é uma maneira do povo expressar sua cultura, seu modo de pensar, agir, fazer e realizar suas atividades do dia a dia. Dessa maneira, analisa as contribuições desse Festival para melhoria das condições socioculturais e educacionais do município, pois é uma festa que nas últimas décadas serve de denúncias dos problemas socioambientais e também auxilia no desenvolvimento de Parintins e, principalmente, vem contribuindo para a construção de uma identidade cultural, por meio da cultura e de informações, que são divulgadas durante os três dias de espetáculo. Em seguida, aborda as transformações históricas pelas quais o boi passou, pois deixou de ser de rua e passou a ser de arena, havendo uma espetacularização da brincadeira e ressignificação simbólica, bem como inserindo com mais ênfase a figura do indígena ao folclore amazônico. Principalmente, reflete sobre a importância e contribuição desse Festival no campo escolar, pois a própria escola tem sua rotina alterada em virtude dessa festividade. Nesse sentido, aconselha-se que a escola explore as toadas do boi como instrumento pedagógico para auxiliar na construção do conhecimento científico aliado ao conhecimento popular.

Palavras chave: Festival Folclórico de Parintins, toada, educação e cultura.

ABSTRACT

This present dissertation aims a new look at Parintins Folk Festival, that is, turning to educational and social cultural aspects of the feast, proposing a discussion around it. At first, it broaches the Festival as cultural manifestation thru social voice cause it's a way people express ways of thinking, acting and doing their day by day activities. In this way, it analyses the Festival contributions to improve on the sociocultural and educational condicions of the town as it has been, since the last decades, the one which makes use of denunciation to the socio environmental problems and also helps Parintins development, mainly, this has contributed towards the construction of a cultural identity by means of culture and informations, which are spread in the three days of performances. Then it approaches the historical transformations in which the boi bumbá has passed since it used to perform on streets and now inside the arena. There has been a fun spectacularization and a new symbolic significance expressed by that entertainment as well as put more emphasis on the indian figure to the Amazon Folklore. Mostly it considers the importance and contribution of this Festival in the school field, as the school daily routine has changed itself as consequence of this festivity. In a sense, the school should explore the boi bumba chants as educational instrument to help the construction of the popular and scientific knowledge.

Key words: Parintins Folk Festival, chant, education and culture

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Entrevista com os representantes dos bumbás Caprichoso e Garantido.....	116
Gráfico 2- Entrevista com os moradores antigos	117
Gráfico 3- Entrevista com os professores	118
Gráfico 4- Entrevista com os alunos	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 AS CONTRIBUIÇÕES DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES SOCIOCULTURAIS E EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO.....	18
1.1 Manifestação cultural e denúncias dos problemas sociais.....	23
1.2 Boi-bumbá e desenvolvimento sociocultural de Parintins	31
1.3 Festival e construção da identidade cultural	37
1.4 Integração entre cultura e informação	44
2 AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS	51
2.1 Boi de rua e boi de arena	53
2.2 Tradição e modernidade: ressignificação dos símbolos	58
2.3 Espetacularização da brincadeira: rupturas, permanências e inovações	66
2.4 A figura do índio inserida ao folclore amazônico	73
3 A IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES CONTIDAS NAS TOADAS DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR	80
3.1 A escola como veículo de formação e informação	81
3.2 Currículo e Temas Transversais	88
3.3 A complexidade da questão ambiental	97
3.4 A toada como brinquedo pedagógico.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
APÊNDICES	115
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

A brincadeira do boi-bumbá em Parintins que começou como promessa a uma graça alcançada- cura de uma doença ou vida bem sucedida- por seus fundadores, é hoje o Festival Folclórico de Parintins. Trata-se de uma festa que se iniciou na rua e com o passar do tempo tornou-se de arena, envolvendo novas personagens em sua trama e modificando um pouco a narrativa, porém permanecendo com elementos indispensáveis para narrar sua história.

Com isso, atingiu grande repercussão no cenário nacional e até mesmo internacional. Devido à proporção que a festa atingiu, novos elementos foram inseridos em cena na tentativa de definir novos valores, olhares, novas concepções, nova representação social e experiências vividas pelas diferentes etnias indígenas.

Na verdade, o boi-bumbá é uma brincadeira que surgiu do povo. Essa manifestação cultural, além de alegrar e trazer felicidade ajuda a formar princípios, valores culturais, a traduzir as emoções do povo amazônico. Por essa razão, acredita-se que esse Festival possa promover mudança de comportamento nas pessoas, de modo que as questões relativas à preservação e conservação da natureza, aos povos indígenas e à diversidade cultural sejam respeitadas.

O tema escolhido para pesquisa é o Festival Folclórico de Parintins e sua relação com a educação, por ser esse Festival uma festa que traduz o cotidiano do povo amazônico, em seus aspectos religiosos, artísticos e culturais, modificando parcialmente a estrutura da cidade, envolvendo os segmentos: econômico, social, cultural, artístico e educacional, visto que a cidade se prepara para a apresentação de seu grandioso espetáculo.

O eixo motivacional para escolha desse tema é o fato de a pesquisadora ser parintinense e ter vivenciado até os 20 anos de idade a mobilidade que esse Festival proporciona à cidade, bem como o comportamento dos moradores e, especialmente, o dia a dia dos alunos, pois a própria escola tem sua rotina modificada em virtude dessa festa. Por isso, faz-se necessária uma análise investigativa no campo escolar de como essa festividade é recebida e projetada pelo corpo docente e discente e de que modo a escola administra tais acontecimentos.

Com o correr do tempo e a grandiosidade da festa, essa manifestação adentrou o espaço escolar e boa parte das escolas da cidade, em suas festas juninas, apresentam o seu boizinho, o qual conta com a participação dos professores, alunos, pais e a

comunidade na confecção das fantasias e adereços, composição de toadas, enfim atividades que permitem aos alunos e demais participantes revelarem seus talentos. Tudo isso por conta dos bumbás da cidade: Caprichoso e Garantido, os quais por sua força tornam-se motivo de inspiração para muitos jovens.

Partindo desses pressupostos, a pesquisa baseia-se nos seguintes objetivos para alcançar seus resultados.

Objetivo geral:

- Conhecer as contribuições do Festival de Parintins para a melhoria das condições socioculturais e educacionais do município;

Objetivos específicos:

- Compreender as transformações históricas do Festival Folclórico de Parintins;
- Refletir sobre a importância das informações contidas nas toadas do Festival Folclórico de Parintins para a educação escolar;

O Festival Folclórico de Parintins abrange o universo do caboclo, do indígena, abordando temáticas de cunho político, voltadas para a preservação do meio ambiente, discutindo a realidade atual e os desafios futuros, na tentativa de alertar e sensibilizar a população quanto às questões socioambientais. É nessa perspectiva que os valores culturais internos e externos vão construindo e consolidando a identidade cultural do povo parintinense, pois o boi é uma manifestação artístico-cultural que pode ser vista como uma visão de como as classes populares percebem seu passado e presente para construir uma história no futuro.

Com base nestas informações, há necessidade de compreender as transformações históricas do Festival de Parintins, refletir sobre a sua importância na educação escolar e analisar os possíveis problemas e as perspectivas do Festival para o município.

No processo de pesquisa são postas as seguintes questões norteadoras:

- Quais as contribuições do Festival Folclórico de Parintins para a melhoria das condições socioculturais e educacionais do município?
- Quais as transformações históricas do Festival Folclórico de Parintins?
- Qual a importância das informações contidas nas toadas do Festival Folclórico de Parintins para a educação escolar?

Assim, para a construção dessa pesquisa é necessária a escolha de uma epistemologia, a qual auxilie no estudo do objeto. Conforme o pensamento de Bachelard (1983, p.115):

Para a epistemologia é preciso aceitar o postulado seguinte: o objeto não poderia ser designado como um “objetivo” imediato; em outras palavras, uma ida ao objeto não é inicialmente objetivo. É preciso, pois aceitar uma verdadeira ruptura entre o conhecimento sensível e o conhecimento científico.

Nesse sentido, a epistemologia tem como objeto de estudo o conhecimento científico e não as particularidades estudadas pela própria ciência, ou seja, busca a explicação dos fundamentos, dos princípios e dos métodos da ciência, por isso, não acreditamos na existência de uma epistemologia única e sim em epistemologias que nos conduzem à construção e estudo do objeto a ser pesquisado.

Assim, reconhecemos a existência de outras epistemologias, porém para a realização desta pesquisa escolhemos a fenomenologia, devido a mesma ser a mais adequada para tratar a temática em questão. Portanto, esta pesquisa tem por base o método fenomenológico, que para Masini (1989, p. 63):

Parte da compreensão de nosso viver – não de definições ou conceitos – da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos no outro, interpretações, ou compreensões diferentes, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão.

Desse modo, esse método caracteriza-se como uma reflexão de determinado fenômeno a ser estudado. Neste caso, o fenômeno parte de nossa vivência, é o Festival de Parintins. Pretendemos investigar a relação e a proporção que alcança no município, partindo do princípio que o mesmo modifica a realidade da cidade. De acordo com a perspectiva de Bachelard (1983, p. 28): “[...] numa fenomenologia de primeiro contato, os enfoques sofrem de um subjetivismo implícito [...]”, por isso, o pesquisador ao olhar o seu objeto de estudo deve manter um certo distanciamento para poder abordar e compreender melhor o fenômeno e construir seu objeto científico.

A fenomenologia proporciona o saber/compreensão que se fundamenta no rigor científico porque procura valorizar o ser na sua singularidade, conferindo-lhe uma unidade de sentido.

Ainda conforme a concepção de Masini (1989, p. 66): “As pesquisas de enfoque fenomenológico constituem-se, pois como etapas de compreensão e interpretação do fenômeno- que poderá ser retomado e visto sob nova interpretação”. Dessa maneira, por meio da festa de Parintins é possível vislumbrar as nuances que a mesma proporciona e, ao mesmo tempo, utilizá-las a favor da comunidade. Nesse processo, é fundamental

tentar descobrir e interpretar o que o fenômeno tem de mais vital, consistindo numa investigação que elucida os fatos e contribui para a descoberta do novo, além de sua aparência, isto é, evidenciando sua essência.

Portanto, a concepção teórica que norteia esta pesquisa é a fenomenologia, pois segundo Trivinos (1987) o fenomenólogo estuda a realidade com o desejo de descrevê-la, de apresentá-la tal como ela é, em sua experiência pura, sem o propósito de introduzir transformações substanciais nela. Na visão de Sokolowski (2004, p. 10): “A fenomenologia é o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós por meio dessa experiência”. Desse modo, a pesquisa tentará mostrar a realidade do Festival de Parintins na vida do povo parintinense através de suas contribuições no campo cultural, educacional e social.

Ainda conforme o pensamento de Sokolowski (2004, p. 215) como filosofia pré-moderna, “[...] a fenomenologia compreende a razão como constituída para a verdade. Vê a mente humana como ajustada em direção a evidência, para manifestar o modo como as coisas são [...]”, isto é, permite e valida a descrição em detalhes dos fenômenos que nos cercam, bem como a compreensão da razão e da verdade.

Nesse sentido, a pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, que permite uma visão mais abrangente dos fatos, isto é, supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada por meio do trabalho de campo. Minayo (2001, p. 64) “define o trabalho de campo como fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano”.

Dessa forma, foram pesquisados 22 sujeitos, amostra aleatória, entre eles, professores e alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, sendo 4 professores (História, Geografia, Português e Ciências), 8 alunos (2 de cada turma), 3 representantes do Caprichoso, 3 do Garantido e 4 “moradores antigos” da cidade. Portanto, para se ter uma visão mais ampla da realidade, a pesquisa não se restringiu ao universo escolar. Como o boi transforma a estrutura da cidade houve a necessidade de ouvir os representantes dos bumbás e “moradores antigos” para juntos obtermos um perfil de como essa festividade interfere no cotidiano escolar.

A escolha dos alunos deve-se ao fato de serem jovens e participativos nos ensaios dos bumbás Caprichoso e Garantido, bem como no bozinho da sua escola. Também acreditamos na força da interdisciplinaridade para trabalhar essa temática. Quanto à escolha pelos professores das disciplinas supracitadas, foi na tentativa de

investigar se as toadas dos bois contribuem de alguma maneira no seu trabalho na sala de aula por meio de assuntos como: os povos indígenas, estrutura física da cidade, poesias, meio ambiente etc, de modo a não trabalhar esses conteúdos somente nas aulas de artes, mas promover o conhecimento disponibilizado pela festa nas demais disciplinas.

Na tentativa de resguardar a privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, os mesmos são identificados por meio de letras que se iniciam na letra A e finalizam na letra H conforme o grupo de entrevistados. Para o grupo de representantes dos bumbás é utilizada a palavra representante e as letras de A a F. Para o grupo de moradores é utilizada a palavra morador e as letras de A a D. Para o grupo de professores é utilizada a palavra professor e as letras de A a D. Para o grupo de alunos é utilizada a palavra aluno e as letras de A a H.

Os instrumentos de pesquisa utilizados neste estudo são os seguintes: pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Severino (2002, p. 39) propõe:

O fichário de documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemáticamente feito, proporciona ao estudante rica informação para seus estudos.

Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com sua base de dados bibliográficos. Assim, o interesse ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, envolvendo a obtenção de dados descritivos coletados no contato direto com a situação estudada, procurando retratar a perspectiva dos participantes.

Os procedimentos utilizados são: a observação participante e a entrevista semiestruturada.

A observação participante possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, permitindo a coleta de dados nas situações em que é impossível outros modos de comunicação, sendo realizada diariamente na

instituição. Para Minayo (2001, p. 59-60): “A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas [...]”.

A entrevista permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos, podendo ser estruturada, não-estruturada. Neste caso optou-se pela semiestruturada que conforme Minayo (2001, p. 57): “É o procedimento mais usual no trabalho de campo, pois através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”.

A dissertação está organizada em três capítulos, os quais estão imbricados uns com os outros. Ao longo dos capítulos é traçado o diálogo entre os autores, os sujeitos pesquisados e a pesquisadora a fim de confrontar a análise dos dados e o referencial teórico.

O primeiro capítulo trata sobre a origem dos bois e, conseqüentemente, da festa, bem como as contribuições do Festival Folclórico de Parintins para a melhoria das condições socioculturais e educacionais do município, isto é, as suas influências na vida cotidiana das pessoas.

Estuda, portanto, o Festival como manifestação cultural de um povo e as denúncias dos seus problemas socioambientais vigentes. Enfatiza o boi-bumbá e o desenvolvimento sociocultural de Parintins, pois a cidade se prepara e se transforma para a chegada dessa festividade e dos turistas. Desse modo, também analisa se este Festival contribui de alguma maneira para a construção da identidade cultural desse povo. Visa ainda a integração entre cultura e informação divulgadas nas festividades de Parintins, principalmente, no brincar de boi. Atualmente, o Festival não é só um meio de divulgação da cultura parintinense, é também fonte de renda para muitos moradores da cidade e pessoas de fora, que vislumbram essa festa como uma possibilidade de aumentar sua renda.

O segundo capítulo reflete sobre as transformações que o Festival Folclórico de Parintins tem passado desde os tempos que o boi saía nas ruas da cidade à sua organização em forma de festivais. Com o passar do tempo, o boi deixou de ser de rua e passou a ser de arena apresentando-se, sem perder o seu significado, enriquecendo-se e criando identidade própria. Tais transformações incluem mudanças e rupturas em relação ao modo de apresentação, ou seja, da tradição mantida e, conseqüentemente, da

modernidade que alcançou no decorrer do tempo com uso de novas tecnologias e adaptações.

Essas novas tecnologias e adaptações, inclusive, tornaram-se responsáveis pela espetacularização da brincadeira. Do mesmo modo, a utilização dos meios de comunicação para divulgação da cidade e de seu Festival. Não se pode esquecer que na região Norte esse Festival adquiriu caráter próprio, pois inseriu em seu contexto a figura do índio com mais ênfase bem como o cenário regional.

O terceiro capítulo analisa a importância das informações contidas nas toadas do Festival Folclórico de Parintins para a educação escolar devido aos temas dos bumbás serem pertinentes às questões relacionadas ao Meio Ambiente, preservação, desmatamento etc. Assim, acreditamos que a escola como veículo de formação e informação tem a possibilidade de inserir em sua grade curricular temáticas voltadas para as questões socioambientais que afligem a região e o homem amazônico, ou seja, conduzir até a escola temáticas do cotidiano. Para isso, é interessante a escola utilizar a toada como instrumento pedagógico que desenvolva uma melhor aprendizagem nos alunos.

Esse Festival, a cada ano que passa, vem contribuindo para a formação cultural do povo parintinense, pois na contextualização do povo amazônico, sua história é contada e recontada através de toadas¹, lendas, rituais. De modo lúdico, sua trama é narrada e encenada todos os anos com enfoques diferentes, porém com o mesmo objetivo: divulgar a cultura do homem amazônico.

Desse modo, o brincar de boi constitui-se numa brincadeira que além de divertir chama atenção para os problemas socioambientais vigentes, bem como para o processo de formação e ocupação da Amazônia. O folclore de Parintins é uma festa de um povo que tem fé, tradição e história, pois o auto do boi é um festejo que acontece há muitas gerações, porém em Parintins ganhou um novo significado, devido ser levado em consideração as questões regionais, enfatizando a figura do índio e do caboclo, exaltando assim a cultura e a diversidade local.

¹ Na linguagem do boi-bumbá, são as músicas que animam a festa.

1 AS CONTRIBUIÇÕES DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS PARA A MELHORIA DAS CONDIÇÕES SOCIOCULTURAIS E EDUCACIONAIS DO MUNICÍPIO

A educação no mundo contemporâneo tem sido um grande desafio para a humanidade, pois ela precisa ser de responsabilidade e compromisso social de todos os sujeitos envolvidos no processo. Do mesmo modo, a educação é o meio pelo qual os grupos sociais se mantêm através dos tempos, por isso, é fundamental que a sociedade envolvente promova novos métodos e caminhos para se chegar ao conhecimento e que o mesmo possa fazer a diferença na vida das pessoas.

Nesse contexto, o processo de formação dos indivíduos frente aos diversos desafios da contemporaneidade assume significativa relevância, visto ser importante pensar a educação como elemento primordial para a (re) construção do sujeito social, capaz de apontar novos caminhos em direção ao conhecimento, mesmo que em condições adversas.

Conforme Morin (2009, p. 76): “[...] o desafio da complexidade do mundo contemporâneo constitui um problema-chave do pensamento e da ação política”. Nessa perspectiva, o pensamento educacional na atualidade requer um diálogo crítico de responsabilidade sociopolítica para uma participação cidadã efetiva na vida coletiva. Haja vista a educação ser um objeto complexo por natureza e também ser um processo plural nos diversos campos de atuação humana, é preciso desenvolver com os educandos um olhar multidimensional sobre a realidade.

Uma das propostas da teoria da complexidade é renovação, assim podemos descobrir novos modos de pensar a realidade em sua complexidade, novos modos de dialogar com o mundo e interpretá-lo à luz de um novo olhar. Parafraseando Morin (2009, p. 66): “[...] uma sociedade é o produto das interações entre os indivíduos que a compõem [...]”. Desse ponto de vista pode-se compreender a educação como um processo passível de formar um homem em sintonia com seu tempo por intermédio do diálogo, para que haja a renovação do seu modo de pensar e agir em sociedade.

Ainda na perspectiva de Morin (2009, p. 64):

O desafio da complexidade se intensifica no mundo contemporâneo já que nos encontramos numa época de mundialização, que prefiro chamar de era planetária. Isto significa que todos os problemas fundamentais que se colocam num contexto francês ou europeu o ultrapassam, pois decorrem cada um a seu modo, dos processos mundiais.

É com base nesse pensamento que acreditamos ser possível a construção do conhecimento por meio da problemática ambiental contemporânea e os desafios para educação, a fim de compreender a complexidade do mundo contemporâneo. Por conta dessa complexidade entendemos que o Festival Folclórico de Parintins é um fator preponderante para a construção de uma sociedade diferente, principalmente, no município de Parintins, pois o boi agrega valores à vida das pessoas da cidade e as de fora também, de forma direta e indireta.

São muitas as informações contidas no Festival de Parintins, por isso é fundamental que essa festa seja utilizada como vínculo entre educação e o saber, pois por meio das toadas e em todo ritual encenado no espetáculo do boi-bumbá há muitas informações com relação à educação ambiental, que aqui entendemos como um ato político voltado para a transformação social, em que o principal responsável é o ser humano.

É por isso, que pesquisadores como Santos (2002, p. 92) entendem que a educação ambiental:

[...] ao se valer dos elementos do Festival, pretende contribuir para que a questão ambiental seja compreendida na dimensão e complexidade a ela pertinente, principalmente com relação aos países emergentes, onde as disparidades emanadas das relações de dominação dos países desenvolvidos impõem uma visão reducionista que permite manter o “status quo” e uma atribuição de responsabilidade unilateral.

Conforme a autora, refletir sobre a complexidade ambiental é uma necessidade que decorre da percepção da falta de compromisso das pessoas em relação às questões socioambientais e exige uma visão menos linear para que se possibilite e garanta mudanças sociopolíticas. Nesse sentido, cabe destacar que esse Festival é um elemento vital para que a escola possa trabalhar as informações contidas nas toadas dos bumbás a fim de educar para a cidadania e sensibilizar as pessoas para a transformação das diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida.

Se é por meio da brincadeira e da música que a aprendizagem é assimilada de forma mais rápida e divertida, então a escola pode se valer dessa festa tão famosa que sua cidade promove e com isso, oportunizar um aprendizado diferente para suas crianças e jovens.

Segundo Fernandes (2003, p. 69): “Podemos encarar a influência educativa do folclore de vários ângulos. Na vida cotidiana, onde ela se dá é construtiva: corresponde

a motivações desencadeadas pelas próprias condições de existência dos indivíduos”, por isso é preciso encarar e acreditar no valor educativo do folclore, pois por meio dele a educação pode ser transmitida de várias maneiras e auxiliar na preparação de crianças e jovens para a vida.

Dentro dessa perspectiva, o Festival Folclórico de Parintins é uma festa popular que atingiu não apenas caráter nacional, mas também internacional, contagiando várias pessoas com seu ritmo empolgante, vibrante, valorizando a cultura local, atraindo milhares de brincantes².

A apresentação dos bois, em sua origem, narra a história de um casal de negros (Pai Francisco e Mãe Catirina) na qual o marido comete um crime ao matar o boi de seu amo (senhor de escravos, patrão), para satisfazer o desejo da esposa grávida que quer comer a língua do boi. Por esta razão, é condenado à morte e só é salvo porque um padre e um pajé ressuscitam o boi de seu amo (estas personagens variam, podendo ser uma feiticeira, uma mãe-de-santo, ou qualquer outro que tenha o domínio da magia).

Estes são os temas e as personagens principais da dramatização posta em cena pelos bois. É claro que não sendo possível congelar tradições, novos elementos vão sendo introduzidos no drama e em Parintins adquiriu sentido próprio, pois houve a inserção da figura do índio e do lendário amazônico com mais ênfase à brincadeira.

Essa festa popular, em Parintins, iniciou-se no século XX, no ano de 1913 com os bumbás Caprichoso e Garantido, os quais realizavam brincadeiras de rua por intermédio de toadas, desafios e outras atividades relacionadas à vida social e cultural do povo parintinense. O surgimento destes bumbás é muito controverso, pois não há documentos que registrem e comprovem o início da brincadeira.

Segundo os Monteverde³, o Garantido surgiu após Lindolfo Monteverde ter sido acometido de uma grave doença e ter feito uma promessa a São João Batista: de todos os anos o boi sair na rua no mês de junho alegrando a população. Entretanto, Saunier (2003, p. 87), em entrevista concedida por Lindolfo em 21 de junho de 1970, diz “Eu tinha dezoito anos em 1920, quando botei pela primeira vez o novilho que completa este ano 50 anos de existência e por isso, estou alegre [...]”. Assim, o boi-bumbá Garantido apresenta duas versões de surgimento, porém a aceita e divulgada pelo grupo vermelho e branco é a versão da família Monteverde.

² Pessoas que dançam e brincam no boi-bumbá.

³ Família de Lindolfo Monteverde, folclorista, que fundou o boi-bumbá Garantido em Parintins.

Ainda segundo Saunier (2003, p. 206): “O Caprichoso nasceu em Manaus, em 1912 e foi trazido para Parintins, em 1913, pelo Sr. Emídio Rodrigues Vieira”. Todavia, Andrade (2007) diz que o Caprichoso surgiu em 20 de outubro de 1913 com os irmãos Cid, vindos do estado do Ceará, juntamente com o amigo José Furtado Belém, que assumiram a brincadeira, pois esperavam ter uma boa vida em Parintins prometendo que o boi sairia todos os anos. Nessa perspectiva, o surgimento do boi Caprichoso também caracteriza-se como promessa e, atualmente, é a versão contada pelo grupo azul e branco.

Como bem define Braga (2002, p. 354):

Deve-se observar que as versões sobre o surgimento dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso fazem menção a uma promessa feita a São João por um dono ou amo de boi, com a finalidade de receber uma graça, no caso em função de doença- de que foi acometido Lindolfo Monteverde- ou para alcançar êxito na nova terra, como acontecera aos irmãos Cid. [...]

E assim, por meio de promessas e controvérsias, surgiram os bumbás Caprichoso e Garantido que desde 1913 ou não, trazem alegria, esperança, emoção etc, ao município de Parintins, e a cada ano que passa mais pessoas participam da festa.

De 1913 a 1965, ocorreram mudanças e transformações no brincar de boi, pois a brincadeira deixou de ser de rua e passou a ser de arena, isto é, os bois não saíam mais nas ruas para os desafios e confrontos. E no ano de 1965 foi criado o Festival Folclórico de Parintins por um grupo de amigos ligados à Juventude Alegre Católica (JAC), Xisto Pereira, Lucenor Barros e Raimundo Muniz, “unindo” os bumbás Caprichoso e Garantido, nos dias de apresentação.

Conforme Braga (2002, p. 28):

O Festival de Parintins teve início no dia 12 de junho de 1966, como o primeiro Festival Folclórico oficial. O local foi a quadra da catedral e ali foram realizados mais oito festivais. A partir dessa data, os bois-bumbás Garantido e Caprichoso adquiriram caráter competitivo durante as suas apresentações, com vistas a conquista da simpatia popular e do julgamento final que acarretaria o título de melhor do Festival.

Assim, a simples brincadeira de rua passou a ser de arena iniciando-se na quadra da Catedral e mais tarde passou por outros lugares de apresentação até chegar ao espaço

criado para esse espetáculo que é o Bumbódromo⁴, o qual vem marcando a atual forma de apresentação dos bumbás. A partir da década de 80 as apresentações do Festival passaram a ter recursos do governo do estado do Amazonas, havendo a reforma do bumbódromo, que foi inaugurado em 1988 e, atualmente, é o lugar onde acontece o Festival Folclórico de Parintins.

Pouco a pouco os bumbás conquistaram prestígio na cidade, assumindo seu caráter atual, tornando-se uma organização, administrada por uma diretoria e inserindo componentes indígenas à festa, isto é, o índio da floresta presente no folclore amazônico.

Assim, de acordo com a pesquisa realizada no município de Parintins a respeito do Festival Folclórico que a cidade promove, 83,33% (ver gráfico 1, p.116) dos representantes dos bumbás Caprichoso e Garantido mostraram-se favoráveis em relação à P4, que indaga sobre a inserção do índio e lendário amazônico ao Festival. Conforme o entrevistado E: “O índio sempre esteve presente no auto do boi e no boi-bumbá o índio se caracterizou na Amazônia e ganhou força”. Entretanto, 16,67% (ver gráfico 1, p. 116) foram parcialmente favoráveis, como o representante B: “O índio sempre fez parte da brincadeira, porém ao inserir as tribos indígenas no Festival algumas pessoas tinham vergonha de dançar como índio, hoje se orgulham dessa festividade”. Ou seja, os entrevistados reconhecem o fato de o índio não ser inovação no Festival, pois conforme os relatos o mesmo está presente desde o auto do boi do nordeste embora de forma modesta, mas em Parintins ganhou destaque devido às peculiaridades do local.

Desde então, Parintins tem passado por transformações significativas devido a esse espetáculo. E, conseqüentemente, essas mudanças atingem vários setores que contribuem para um melhor desenvolvimento sociocultural e educacional.

Nas últimas décadas, o povo da ilha Tupinambarana, por meio do boi-bumbá vem enfocando o imaginário e o cenário amazônico, bem como a sua biodiversidade. A festa que começou como uma brincadeira de rua, hoje é responsável por grande parte da arrecadação do município, geração de empregos, melhorias na infraestrutura da cidade e também contribui no campo educacional, pois boa parte das escolas tem a apresentação do seu “boizinho” em suas festas juninas.

Braga (2002, p. 422) acredita que:

⁴ Arena projetada para a disputa entre os bumbás Caprichoso e Garantido. Seu nome oficial é Centro Educacional e Desportivo Amazonino Mendes, em homenagem ao ex-governador do estado, Amazonino Armando Mendes.

De fato, os bumbás têm contribuído indiretamente para melhorias urbanas em Parintins, justificando certos investimentos públicos em função de vocação do lugar, para o turismo que hoje desponta como uma atividade econômica promissora em Parintins e no Estado do Amazonas.

Essas contribuições para melhoria das condições socioculturais e educacionais ajudam a equilibrar a economia do município e é incentivo para que jovens e crianças desenvolvam seus potenciais artísticos, pois Parintins tem exportado muitos artistas para outras festas populares, tanto nacionais quanto internacionais. E é por meio dessa manifestação que se pode perceber o desenvolvimento da cidade.

Em relação à P1, 100% dos entrevistados (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis, no que se refere às contribuições desse Festival para melhorias nas condições socioculturais e educacionais do município de Parintins. Segundo o representante A: “O boi contribui de muitas maneiras na área da educação, pois ao buscar-se informações para a festa através de pesquisas folclóricas já é uma contribuição”. Para o representante F: “Os avanços são em vários segmentos do município através da nossa manifestação cultural, melhorias na parte social, educacional e cultural”. Assim, conforme os entrevistados, o boi abriu as portas do desenvolvimento para a cidade.

Por tudo isso, pode-se dizer que este Festival, ao longo dos anos, tem proporcionado ao município de Parintins e a sua população, mudanças nos setores econômico, social, educacional, político e cultural. Devido à grandiosidade que a festa atingiu, a cidade se prepara o ano inteiro para a chegada desse espetáculo e, a cada ano que passa, mais transformações acontecem.

1.1 Manifestação cultural e denúncias dos problemas socioambientais

Parintins se transforma com a chegada do mês de junho. Dividida nas cores azul e vermelho dos bumbás, Caprichoso e Garantido, é palco de uma das maiores manifestações culturais da região norte do Brasil, o Festival Folclórico de Parintins. No final do mês de junho, as atenções se voltam para as apresentações dos bois, que há anos brincam nas ruas da cidade e dividem "o coração" do povo da ilha e dos que nela chegam.

Por isso, para compreender a dinâmica desse Festival é necessário estabelecer e entender os conceitos de Folclore e Manifestação Cultural, pois ambos influenciam e dão origem ao histórico da festa, relacionando e inserindo a figura do índio e do caboclo amazônico no auto do boi como meio de divulgar a cultura do homem amazônico.

Segundo Fernandes (2003, p. 28): “O folclore constitui uma realidade social”. Sendo assim, pode ser entendido como gênero de cultura de origem popular, constituído por costumes e tradições populares, transmitidos de geração a geração com o objetivo de transmitir e preservar às futuras gerações hábitos que definem e caracterizam determinado povo, no seu modo de pensar, agir, falar e realizar suas atividades.

Brandão (1982, p. 87) define Folclore como sendo “um instante fugaz da vida dos homens e de suas sociedades por meio da cultura. Tudo nele é relação e tudo se articula com outras coisas da cultura, em seu próprio nível [...] e em outros”. Dessa maneira, tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição é chamado de Folclore. Por meio dele, o homem expressa suas crenças, costumes, lendas etc.

Todos os povos têm suas tradições que são transmitidas através do tempo. O folclore vive da coletividade do que é criado e recriado, conhecido e reproduzido pela sociedade; por isso, ele precisa ser incorporado aos costumes da comunidade para, enfim, ser um momento de cultura.

Ainda para Brandão (1982, p. 41 e 42): “O folclore perdura, e aquilo que nele, em um momento se recria, em outro, precisa ser consagrado. Precisa ser incorporado aos costumes de uma comunidade e ali se conservar por anos, de uma geração a outra”. Ou seja, ele se transmite de pessoa a pessoa, geração a geração, de etnia a etnia, é reproduzido e repassado de modo que não se perca no tempo, sendo divulgado e incorporado à cultura local, preservando os costumes de um determinado povo.

Conforme Megale (2003, p. 132):

[...] Sendo o folclore um fator da mais intensa penetração no campo do ensino, sua devida aplicação poderá fazer com que a criança não só aprenda a sabedoria, os sentimentos, o espírito de tradição de seu povo, como também valorize seu aspecto de ciência, de estética e de comunidade, evitando assim que seus padrões tradicionais sejam substituídos por modelos exóticos.

Desse modo, já está comprovada a importância e o valor do folclore na tarefa educativa, por isso o mesmo deve ser aproveitado de maneira a favorecer a valorização de técnicas populares em prol da comunidade, e ser utilizado de maneira a cultivar a aprendizagem das crianças e jovens de um modo especial.

Na visão de Braga (2002, p. 324): “[...] é interessante observar que o folclore se refere a um contexto amazônico e é resultado da criatividade dos parintinenses, agindo de modo criativo na história e tradição popular para constituir uma sabedoria [...]”. Assim, pode-se dizer que Folclore é tudo que simboliza os hábitos do povo e que foi

conservado através do tempo, como o conhecimento passado de geração em geração, por meio de lendas, canções, mitos, hábitos, comidas, festas etc. Por isso, para se conhecer a história de um povo, é necessário que se conheça a cultura, as tradições, o folclore, pois este também é um modo de manifestação cultural dos povos.

Todavia, as manifestações populares sejam elas religiosas ou profanas e demais comemorações existentes levam em consideração não apenas o artístico da festa, mas também as relações sociais que são estabelecidas e proporcionadas. Por isso, na perspectiva de Turner (1974, p. 35): “[...] os ritos em parte têm a finalidade de efetuar uma reconciliação entre as partes em jogo, visíveis e invisíveis, embora também contenham episódios de exorcismo”. Os ritos traduzem a expressão e a linguagem de um povo por meio de sua (re) afirmação dos laços de solidariedade e amizade que unem a nação e permitem a construção de suas identidades. Com base nisso, Maffesoli (2006, p. 134) também acredita que: “É próprio do espetáculo acentuar, diretamente, ou de maneira eufemística, a dimensão sensível, tátil da existência social”. Sendo assim, por intermédio dessa festa que acontece em Parintins, é possível estabelecer melhor as relações sociais definidas pelos grupos ao longo do tempo.

Contudo, para outros estudiosos como Santos (2006, p. 66), “as manifestações culturais não podem ser totalmente reduzidas às relações sociais de que são produto. Elas têm sua dinâmica própria”, pois são as manifestações que caracterizam, definem e representam a cultura de um povo. Possuem grande importância no que diz respeito ao conhecimento que é passado de geração a geração por meio de seus espetáculos simbólicos.

Assim, por intermédio da brincadeira do boi-bumbá é possível representar a cultura do povo parintinense, pois é uma festa que adquiriu contornos bem definidos, incorporando mitos e lendas junto ao auto do boi. Desse modo, o Festival traduz sua manifestação cultural como veículo de informação e brincadeira, em que as pessoas vão compreendendo melhor o processo histórico da região amazônica, formação, costumes e crenças do seu povo.

Para os entrevistados em relação à P6, se o Festival traduz sua manifestação em forma de informação e brincadeira, 83,33% (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis, pois segundo o representante A: “Aprender brincando é uma maravilha, pois aprender a História da Amazônia através de músicas e teatro é mais gostoso que em sala de aula, é mais divertido”. Nessa perspectiva, o boi é uma brincadeira que traz informações importantes de conhecimento da cultura amazônica e, sobretudo da formação e

ocupação da Amazônia. Porém, 16,67% (ver gráfico1, p. 116) são desfavoráveis, como o representante B: “Nós tentamos colocar o boi como cultura, mas não é a tradução da nossa. Não é o que o amazonense é na realidade: dentro do boi existe muita coisa que não é nossa, como a sinhazinha”. Apesar de incluir novos itens à brincadeira, não podemos esquecer que o boi-bumbá de Parintins é uma releitura do boi do nordeste que sofreu modificações, porém traz informações e conhecimentos sobre a região.

Assim, o Festival de Parintins encena a vida da floresta com todos os seus elementos que fazem parte do folclore e mesmo da realidade do caboclo amazônico. Os índios, os animais, a indumentária, os costumes, as tradições são invocadas de maneira que se vê no espetáculo uma forma de apelo à preservação da natureza.

O folclore denomina um campo de estudos identificado como antiguidades populares ou literatura popular e utiliza a cultura de maneira primordial, referindo-se de forma geral à tradição de um determinado grupo, aos traços característicos de um povo ou de uma região, sendo também chamado de legítimos. Esse enfoque leva muitas vezes a uma interpretação desarticulada do que seja cultura.

Nessa perspectiva, é fundamental, conforme Santos (2006, p. 8), “entender que cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”. Ou seja, o conhecimento que vem sendo acumulado com o tempo é produto das relações sociais estabelecidas pela sociedade consigo mesma e com as demais, resultando nas peculiaridades culturais.

Também se pode definir cultura como dimensão de um processo social da vida de uma sociedade. Inclui-se todo conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. Está determinada pelo social e inserida em todo fato socioeconômico. Não é vivida da mesma maneira por todos, pois é um processo de criação de sentidos, significações, explicações e simbolizações que são expressas de diferentes maneiras pelo povo ou grupo social.

Santos (2006, p. 45) afirma que cultura “é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Isto é, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas”. Ao contrário, é um produto coletivo da vida humana, ou seja, é uma das principais características humanas, pois somente o homem tem a capacidade de desenvolver culturas, distinguindo-se de outros seres. Apesar das evoluções pelas quais passa o mundo, a cultura tem a capacidade de permanecer quase intacta e é passada aos descendentes como uma memória coletiva,

lembrando que a cultura é um elemento social, impossível de desenvolver-se individualmente.

Quando se fala em cultura, evidencia-se a vivência histórica de significados que um grupo conjuga e com o qual distinguem suas técnicas e suas linguagens, as quais são manifestadas por intermédio dos valores, da fé, do gesto e, principalmente, com a história que coletivamente constroem. Por esse ângulo, a cultura não se confunde com as competências que alguns têm e outros não têm, sim como modo de identificar os grupos sociais.

Santos (2006, p. 79) afirma que, ao longo da história, a cultura dominante desenvolveu um universo de legitimidade própria e, portanto:

A cultura em nossa sociedade não é imune às relações de dominação que a caracterizam. Mas é ingênuo pensar que, se a cultura comum é usada para fortalecer as classes dominantes, ela deve ser por isso jogada fora. O que interessa é que a sociedade se democratize e que sua opressão política, econômica e cultural seja eliminada. A cultura é um aspecto de nossa realidade e sua transformação, ao mesmo tempo a expressa e a modifica.

Desse modo, fica claro que a cultura não é única entre os povos e, sobretudo, a mesma para todas as classes sociais, pois assim como há divisão de classes, há também uma divisão no termo “cultura”: cultura de massa, popular, dominante etc. Apesar de a cultura popular fortalecer a dominante, ela não deve ser esquecida, posta de lado, à margem, sendo inferiorizada.

Por meio da sua expressão cultural, o Festival Folclórico de Parintins abrange um universo rico de informações que contribuem para o esclarecimento de acontecimentos históricos, uma maneira de interpretar o passado para entender melhor o presente.

Assim, entende-se manifestação cultural como todas as manifestações que caracterizam, identificam, representam a cultura de um povo ou nação; cada um com suas determinadas peculiaridades e princípios, sem qualquer tipo de censura ou proibição moral, exercidas pela liberdade plena de opinião e pensamento. É uma definição muito abrangente, mas que procura contemplar, de um modo amplo, todas as características que constituem estas manifestações.

Sendo as manifestações culturais o modo como a experiência humana, que se verifica em certa dimensão geográfica, é transmitida no tempo, a questão da cultura está estritamente vinculada à formação e à permanência da nação como conjunto de

indivíduos que, em geral, habitam um mesmo território, que compartilham uma experiência histórica comum e que têm a aspiração de construir um futuro comum, ainda que as visões sobre este futuro possam ser distintas.

A manifestação cultural é, sem dúvida, a voz social, uma maneira subjetiva de o ser humano transpor seu interior, o que pensa, o que deseja fazer, mover ou modificar, numa busca incessante pelo novo em prol da vida. Várias são as maneiras de se expressar: na tela, na música, na dança e em outras performances.

O boi-bumbá de Parintins além de representar uma manifestação cultural também tem sido instrumento de denúncias dos problemas socioambientais vigentes na Amazônia e no cenário nacional e internacional, visto que identifica e representa a cultura do povo amazônico, com suas peculiaridades, trazendo em seu bojo não só uma simples brincadeira de boi, mas sim, um novo olhar sobre a realidade amazônica, pois a cada ano que passa, o ritual da festa é o mesmo, porém com conotações diferentes, temas relacionados ao meio ambiente, à preservação, à figura do índio etc, isto é, traz os problemas sociais à tona, divulga, informa sobre os acontecimentos que estão ao nosso redor e propõe mudanças.

Conforme os entrevistados, em relação à P10, referente ao fato dos bumbás, atualmente, levarem em consideração as questões socioambientais, 83,33% (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis, como o representante C:

Primeiro entendemos que é necessário a conscientização dos bois com a questão social e ambiental. Como, por exemplo, o tratamento do lixo produzido, senão é uma contradição, pois o que pensamos e defendemos na arena nós também precisamos ter cuidado, pois o material utilizado pode ser agressivo ao meio ambiente e é preciso tratá-lo.

Conforme o entrevistado, os bumbás vêm tendo essa preocupação com o tratamento do lixo e, sobretudo, pondo em prática o que é apresentado na arena por meio de sensibilização à comunidade.

Já 16,67% (ver gráfico 1, p. 116) mostraram-se parcialmente favoráveis. Segundo o representante F: “Nas questões sociais o boi ainda tem muitas dívidas com o povo, mas as questões ambientais são cantadas e decantadas na arena”. Na realidade, os aspectos socioambientais estão imbricados. Na verdade, tudo que é narrado na arena está associado a esses aspectos. Tais temáticas já são desenvolvidas pelos bumbás, mesmo que de maneira modesta.

De acordo com Vieira Filho (2003, p. 16):

Verifica-se na festa dos bumbás de Parintins que através de gestos, atitudes e alegorias, veicula-se uma mensagem, isto é, uma nova visão de mundo em relação a Amazônia, valorizando a vida cotidiana do caboclo ribeirinho, exaltando aspectos das culturas indígenas e uma atitude preservacionista em relação à natureza.

Sendo assim, o boi serve como veículo de formação e informação sobre a cultura local, onde o brincar de boi se transforma em denúncia dos problemas socioambientais vigentes, enaltecendo a cultura do índio e do caboclo como expressão máxima da Amazônia, com seus contos, mitos, lendas, credences e religiosidades para a formação do povo amazônico.

Atualmente, na escolha dos temas para apresentação dos bumbás tem se levado em consideração temáticas referentes às questões indígenas e povos que foram responsáveis pela formação social e cultural da região, bem como o meio ambiente.

A escolha desses temas não é feita de maneira aleatória. São realizados estudos pelos pesquisadores e artistas responsáveis pelas comissões de arte, pois é a partir daí que a festa é pensada e criada. E nesse momento em que a humanidade passa por problemas cruciais e precisa de soluções urgentes, o boi-bumbá de Parintins em sua trama torna-se elemento de denúncia das mazelas sociais, promovendo ao mesmo tempo brincadeira e reflexão sobre o mundo atual.

Nessa perspectiva, Braga (2002, p. 40) afirma que:

O tema escolhido trata sempre de situações pertinentes à vida local e regional, onde se incluem o caboclo, o índio e a mitologia regional, a fauna, a flora, os rios, a origem do boi-bumbá na Amazônia, bem como uma tendência de introduzir nos temas certas conjeturas que fazem referência à formação da sociedade parintinense e amazônica, cujos atores principais seriam o branco, o negro e o índio.

Por isso, o tema da festa é relevante, conforme a necessidade, como forma de sensibilizar a população e exaltar a natureza e a nossa biodiversidade, para preservação e conservação do patrimônio verde. Verifica-se também referência às populações indígenas que habitavam historicamente a Amazônia, ao homem mestiço e caboclo amazônico que defende as raízes culturais do seu povo e clama pela preservação da natureza.

Conforme a P5, de como é feita a escolha do tema e qual a relação dele com o boi, 66,67% (ver gráfico 1, p. 116) dos entrevistados são favoráveis. Para o representante E: “A partir de 90 os temas têm levado em consideração as questões da Amazônia, mas nascem de uma necessidade de se explorar melhor a Amazônia”. No entanto, 16,67% (ver gráfico 1, p. 116) dos entrevistados são parcialmente favoráveis, como o representante B:

Não existia escolha de tema, o boi saía na rua com os brincantes tradicionais. Aconteceu a partir da década de 90. Os itens foram criados e desde então o Conselho de Artes tem autonomia dentro do boi, estudam, montam a apresentação em cima dos itens, vai para o presidente e depois de aprovado para os artistas. Hoje o trabalho é direcionado e tem haver com a escolha do tema e as toadas.

Atualmente, os bois trabalham de maneira direcionada em tudo que fazem, inclusive em relação ao tema escolhido com a mensagem que os mesmos se propõem a divulgar. Os demais, 16,67% (ver gráfico 1, p. 116) são desfavoráveis. De acordo com o representante F: “Durante anos, várias foram as formas de escolha, mas nesse processo geralmente surgem primeiro as toadas, depois o tema”. Para esse representante é necessário que o tema surja primeiro e depois surjam as toadas e com isso, a apresentação do boi.

Pelo fato da Amazônia ser um espaço rico em biodiversidade e exemplo por suas peculiaridades, não só pelo índio, mas também pelo caboclo que representa a miscigenação que ajudou a compor e povoar o solo amazônico, o Festival de Parintins aproveita para narrar em sua brincadeira os acontecimentos e as peculiaridades dessa terra. Por isso, hoje, incorporou muitas novidades na apresentação dos bumbás, mas não alterou o núcleo narrativo que ainda conserva alguns elementos da versão original, como Pai Francisco e Mãe Catirina e, é claro, a venda da língua do boi. Apesar das mudanças significativas vê-se na apresentação dos bumbás a preocupação com o contexto social local e mundial na tentativa de proporcionar um novo olhar sobre o brincar de boi e a Amazônia. Nesse sentido, Braga (2002, p. 22) afirma que: “[...] a festa alcançou considerável complexidade, a meu ver fruto de intensa produção textual sobre os personagens tradicionais dos bumbás, inclusive com a criação de novos figurantes”.

1.2 Boi-bumbá e desenvolvimento sociocultural de Parintins

A Amazônia é um ambiente rico em biodiversidade. Sua sociedade traz marcas e características de muitos povos diferentes (cultura, costumes, valores, sociais, biológicas, étnicas etc) que foram responsáveis por sua colonização e ocupação. Por isso, sua formação social e cultural se deu de modo abrangente e, atualmente, é palco de vários estudos e projetos de preservação.

Por isso, Benchimol (1999, p. 18) enfatiza que:

A sociedade amazônica, após séculos de lenta formação social e cultural, deve se integrar não somente a esse processo de desenvolvimento sustentável, mas também assumir as suas responsabilidades, direitos e deveres perante a comunidade internacional. Para tanto, deverá conciliar e promover o uso inteligente dos recursos naturais com as necessidades da melhoria da qualidade de vida de sua população dentro da perspectiva solidária e diacrônica das gerações atuais e futuras.

Com toda essa riqueza é necessário que se defendam as causas socioambientais de preservação desse patrimônio que é a região Amazônica. Contudo, a população precisa ter a preocupação ecológica e ambiental para utilização desses recursos naturais, bem como um desenvolvimento sustentável que viabilize a vida dessas pessoas que habitam essa região.

É nesse universo que o boi-bumbá de Parintins através de suas apresentações, letras de toadas, rituais etc, tenta mostrar à população a importância que esta região tem para a humanidade e a necessidade de preservá-la, utilizando com sabedoria seus recursos naturais.

Essa importância é ressaltada por Valentin (2005, p. 27) ao afirmar que:

O festival Folclórico de Parintins é, essencialmente, um fenômeno amazônico. Na sua grandiosidade traduz e reinventa esse universo, onde a natureza, soberana, desperta as emoções e aguça as sensibilidades. O boi-bumbá de Parintins e seu desenvolvimento enquanto espetáculo reflete as características superlativas dessa região que ocupa quase a metade do território brasileiro e abriga a maior biodiversidade do planeta.

Este Festival procura exaltar a beleza do universo e lendário amazônico, constituindo-se num elo entre o mundo e a floresta, pois é um espaço abundante em biodiversidade. Por meio desse espetáculo os bois traduzem a exuberância da região, reinventando tradições e significados.

Com o tempo, essa festa trouxe melhorias ao município. Devido à grande quantidade de turistas recebidos anualmente e a divulgação em mídia nacional houve necessidade de mudanças na infraestrutura da cidade. Ainda conforme Valentin (2005, p. 23):

A cidade vem recebendo importantes melhorias, tais como asfaltamento, abastecimento de água, iluminação pública, tratamento de esgoto e a solução definitiva para a crônica falta de luz em Parintins, que passará a receber energia a partir da ampliação do linhão Tucuruí. Para receber confortavelmente um maior número de turistas, a rede hoteleira está sendo renovada e ampliada através de apoios maciços dos governos municipal e estadual.

Com a divulgação da grandiosidade da festa de Parintins e o consequente interesse turístico que desperta, a cidade vem sofrendo enorme transformação, visando dotá-la de infraestrutura para a recepção dos turistas que, a partir da década de 90, invadiram a cidade de modo massivo, hospedando-se, por falta de hotéis e acomodações, nos grandes barcos ancorados à beira do rio Amazonas; para poder brincar de boi-bumbá.

Assim, boa parte da economia do município de Parintins está voltada para realização do seu Festival Folclórico que acontece anualmente no final do mês de junho. Nesse sentido, Fernandes (2001, p. 66) “considera que todos os setores da economia são atingidos pelo aumento da circulação de dinheiro trazida pelo Festival”. São os bumbás Caprichoso e Garantido que representam a fonte primária desse dinheiro por meio da movimentação pela qual a cidade passa nos quatro meses que antecedem as festividades, aquecendo o comércio local bem como gerando empregos, embora temporários.

Na perspectiva dos entrevistados referente à P3, de como é percebida a relação do boi-bumbá e do desenvolvimento sociocultural de Parintins, 100% (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis a essa relação, pois conforme o representante B: “O boi trouxe muito desenvolvimento sociocultural para Parintins, não só no campo escolar, mas também a própria população que já sabe explicar ao turista o significado da festa”. Para o entrevistado D: “É uma relação muito forte, pois o bumbá é o grande propulsor do município, trouxe investimento e modernidade para a cidade”. Essas melhorias dizem respeito, principalmente, ao setor econômico, pois gera renda ao município, ampliando-se aos mais próximos, pois só Parintins não dá conta da demanda e como bem define Valentin (2005, p. 79):

É interessante constatar que a economia do boi movimentada não apenas Parintins, mas também os municípios vizinhos e próximos como Santarém, Óbidos, Alenquer, Itaituba, Barreirinha, Urucará, Maués, Boa Vista do Ramos, Juruti, Urucurituba e Nhamundá e, sobretudo, Manaus.

Os municípios supracitados são responsáveis pelo abastecimento das sementes, fibras, palhas, cipós etc, materiais utilizados nas confecções das alegorias, fantasias e adereços. Os alimentos (frutas, verduras e peixes) consumidos nas pousadas e restaurantes também vem das cidades circunvizinhas. Com isso, não ganha só Parintins, mas os municípios vizinhos também, pois têm a possibilidade paliativa de aumentar a sua renda nesse período que antecede as festividades dos bumbás.

Em meio a transformação que vem ocorrendo no Festival de Parintins ao longo dos anos, Fernandes (2001, p. 8) ressalta :

A participação dos meios de comunicação, da indústria cultural e do turismo, de agências governamentais e das multinacionais que investem nas agremiações, na medida em que estas se transmudam em fontes de produtos mercadológicos.

Conforme a pesquisadora, o Festival de Parintins transformou-se num mercado, pois a partir dele os meios de comunicação produzem e geram imagens que são vendidas como a cidade que promove o melhor folclore do Brasil, haja vista suas peculiaridades regionais, ou seja, está localizada na Amazônia, que vem sendo considerada o pulmão do mundo e ganhando o cenário nacional e internacional. Entretanto, para esta pesquisadora (2001, p. 78) “o desenvolvimento não deve ser visto apenas como progresso, como crescimento econômico, mas como um conjunto de melhorias em todos os setores, principalmente, na qualidade de vida da população”.

Segundo Negrão (2001, p. 33), o Festival de Parintins: “[...] é produto dos processos de globalização e industrialização da cultura, da expansão dos mercados, dos deslocamentos de fronteiras entre sujeitos, territórios e bens culturais”. Desse modo, o Festival que já é um espetáculo teatral, se transforma num espetáculo televisivo, ou seja, transforma-se em um fluxo de imagens consumíveis. Nogueira (2008, p. 53) também alerta que:

As culturas correntes na Amazônia estão hoje no olho do furacão dos meios de comunicação modernos. É a própria Amazônia uma marca fetichizada. Modos de vida e festas populares tradicionais em qualquer lugar do planeta terão espaço privilegiado na mídia. Mas na Amazônia, a tendência é de que fiquem supervalorizados graças aos interesses dos leitores, telespectadores,

ouvintes, internautas e anunciantes por suas peculiaridades. Quem investe em cultura popular na Amazônia está agregando a sua marca um produto conhecido em todo planeta: a própria Amazônia.

O interesse constante da mídia por essas festas não é só pela beleza dela em si, mas pela localização onde acontece, no interior da Amazônia, a qual desperta interesse mundial devido a sua fauna e flora. Isso incentiva as pessoas a conhecer a Amazônia e, conseqüentemente, o Festival de Parintins.

Como bem define Fernandes (2001, p. 61): “Não há dúvidas de que a mercantilização do folclore introduziu melhorias na economia. Uma delas foi a busca pela dinamização de serviços”. Hoje Parintins possui uma infraestrutura melhor para receber um espetáculo de tamanha grandiosidade, porém é sabido que muitas melhorias ainda precisam ser feitas na cidade não só na parte física, mas principalmente, no preparo de pessoas que trabalham no período da festa nos diversos setores da economia, saúde, educação e também as que trabalham diretamente nos bumbás fazendo o Festival acontecer, porque a cada ano que passa a festa fica mais participada por turistas do mundo inteiro e divulgada pelos meios de comunicação.

A realização desse Festival tem influenciado significativamente o fluxo de turistas para a região e ao acesso restrito a trabalho, que tem melhorado na expectativa de vida da população por intermédio da produção dessa manifestação cultural. Como bem ressalta Valentin (2005, p. 33): “Nos últimos anos o Festival de Parintins vem se projetando como uma das mais importantes celebrações populares do Brasil”. Isso porque atrai patrocinadores e a mídia do mundo inteiro tornando-se uma festa mais conhecida. Por toda a cidade há placas de propaganda de empresas nacionais e internacionais, que patrocinam o evento, juntamente com o governo do estado do Amazonas.

Os recursos que os bumbás contam para realizar a festa saem dos patrocinadores, dos direitos de imagem vendidos à televisão, da venda de camarotes, ingressos, do governo do Estado, do bar do boi realizado em Manaus.

Os patrocinadores exercem um papel fundamental no Festival. Nogueira (2008, p. 44) assim se refere a eles:

Parintins, esse fenômeno pode ser medido pelo volume de patrocinadores: políticos, poder público e empresas privadas, entre as quais multinacionais dos mais variados segmentos. Investe-se no festival porque ele mobiliza público consumidor e formadores de opinião pública e proporciona o retorno financeiro aos patrocinadores.

O Festival tem vários patrocinadores pelo fato de gerar dinheiro, prestígio e consumo para uma minoria que alimenta o mercado capitalista por intermédio das agências de turismo, dos produtos consumidos durante a festa, para os cofres da prefeitura e do estado. Nesse sentido, a festa não é mais só de ritualização do cotidiano para se refletir sobre a coletividade, e sim, um meio de geração de renda.

Todavia, contribui para a formação da opinião pública, porque as pessoas conhecem os mistérios que envolvem a floresta amazônica e podem divulgar suas belezas e recursos naturais, bem como as etnias indígenas. O retorno financeiro dos patrocinadores acontece devido ao consumo e divulgação dos seus produtos, isto é, gera consumidores.

Na concepção de Nogueira (2008, p. 54):

O boi-bumbá de Parintins, o Sairé de Alter do Chão e a Ciranda de Manacapuru estão inseridos no mercado. Tornaram-se alvos potenciais da mídia que caça turistas e patrocinadores interessados em intermediar, com o mercado, produtos simbólicos e ou materiais. Isso não significa que essas festas fiquem menos comunitárias ou que estejam condenadas a perder-se nas intrincadas redes da era da informação e dos globopolitanos. Há em cada uma delas, focos de criticidade que identificam os impactos e engendram debates e atitudes que visam denominar, espacializar e territorializar as festas populares, ainda que estas ganhem novos elementos e formas de expressão cultural.

Essas festas populares atingiram caráter mercadológico, pois através de suas imagens geradas pelos meios de comunicação atraem turistas e conseqüentemente, patrocinadores que participam e divulgam o evento, atraindo cada vez mais participantes. Entretanto como bem define o autor, estas festas não perdem seu valor social perante a comunidade, pelo contrário, essa divulgação na mídia ajuda a fortalecer o desenvolvimento social do município, na geração de renda e entretenimento.

Apesar das novidades inseridas, atualmente, nas festas populares ainda há nelas características que identificam a sua funcionalidade, bem como o papel que elas desempenham junto à comunidade, na demarcação de seu espaço e os impactos causados por elas perante a sociedade.

No pensamento de Valentin (2005, p. 79 e 80) como qualquer outra cidade média no Brasil:

Parintins, no entanto convive com problemas econômicos e sociais. Paralelo ao crescimento da festa nos últimos anos, veio um aumento de índices como favelização, prostituição juvenil e consumo de drogas. Parintins, porém

consegue transformar até mesmo suas mazelas em riqueza criativa. Prova disso é a escolinha de artes mantida pelo Caprichoso, onde mais de 800 crianças carentes, muitas das quais resgatadas das ruas, com idade entre 7 e 17 anos, aprendem os ofícios do boi-bumbá: dança, teatro, desenho, pintura, escultura, artesanato e música. O boi Garantido também mantém desde 2002 um projeto social semelhante.

Esses problemas são gerados por consequência do crescimento e mobilidade que a festa atingiu devido ao grande número de turistas e agitação na cidade. Com isso, o índice de prostituição infanto-juvenil aumentou, bem como o consumo e tráfico de drogas. Entretanto, apesar desses malefícios que infelizmente, o Festival traz, as Associações Folclóricas boi-bumbá Caprichoso e Garantido transformam esses problemas de modo criativo através das escolinhas de arte que os bumbás promovem. Porém, entende-se que essas entidades sozinhas não são capazes de combater tais acontecimentos que afligem a população no período do Festival. É preciso que a sociedade parintinense se mobilize e estabeleça estratégias para combater e amenizar os malefícios que a festa proporciona.

Assim, de acordo com a P9, se os bumbás desenvolvem alguma atividade educativa para crianças e jovens da cidade, 83,33% (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis e conforme o representante B: “A escola de artes surgiu para meninos de rua com aulas de dança, informática, música, artes etc. O Caprichoso também tem trabalhado com os idosos, a Velha Guarda, através de encontros que tentam resgatar a memória da festa”. 16,67% (ver gráfico 1, p. 116) são parcialmente favoráveis, como o entrevistado D:

No Garantido, é recente, mas desenvolvemos, ficou parada por 4 anos e esse ano com a nova diretoria voltou a funcionar com aulas de música, artes plásticas, coreográficas, teatro. Pretende-se amplificar em um grande centro, pois tem que haver retorno educacional para comunidade.

A partir das décadas de 90 e 2000, os bumbás vêm trabalhando com projetos, ações sociais e educacionais destinados às crianças carentes na faixa etária de 7 a 17 anos. A escolinha de artes do Caprichoso desenvolve trabalhos com a comunidade desde 1997. Os alunos são crianças, preferencialmente, carentes e têm que estar matriculados e frequentar a escola da rede regular de ensino. Nessa mesma perspectiva, o Garantido iniciou suas atividades em 2002, mas a partir de 2009 com a nova diretoria as aulas passaram a acontecer diariamente. Ambas desenvolvem atividades voltadas para a arte como: dança, música, desenho, pintura e artes plásticas de um modo geral.

Essas atividades ajudam no desenvolvimento social de Parintins, pois as crianças encontram na escolinha de artes dos bumbás uma ocupação e aprendem uma nova função, um ofício a ser desempenhado no futuro, isto é, elas preparam novos artistas para atuar e contribuir no boi de sua preferência.

1.3 Festival e construção da identidade cultural

A identidade de um povo diz respeito a sua história e está intimamente ligada a seus valores, emoções, sentimentos etc, isto é, a tudo aquilo que identifica e distingue os seres dos demais. Castells (2008, p. 22) assim define identidade: “Entende-se por identidade a fonte do significado e experiência de um povo”. Assim, cada um possui características próprias que estão ligadas a sua história de vida e a sua trajetória passada. Portanto, é o resultado das influências internas e externas ao longo da vida da pessoa.

Na concepção de Da Matta (1998, p. 15):

[...] a identidade é algo tão importante que o conhecer-se a si mesmo através dos outros deixou os livros de filosofia para se constituir numa busca antropológica orientada. Mas o mistério, como se pode adivinhar, não fica na questão do saber quem somos. Pois será necessário descobrir como construímos nossas identidades.

Essa construção da identidade é feita por meio de experiências afirmativas e negativas de determinados acontecimentos sociais que se dão na interação individual ou coletivamente entre o eu e o outro (sociedade). É saber reconhecer-se como parte integrante de um processo social e cultural. Dessa maneira, a cultura exerce um importante papel para delimitar a diversidade presente em cada grupo humano, por isso o meio influencia e modifica constantemente a percepção de identidade.

Nessa perspectiva, Woodward (2005, p. 27) afirma que:

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado - possivelmente um passado glorioso, mas de qualquer forma um passado que parece real- que poderia validar a identidade que reivindicamos.

Isso quer dizer que a identidade está vinculada ao passado e possui características próprias, de acordo com os sujeitos envolvidos. Contudo é preciso novas posturas e produção de novas identidades conforme a necessidade dos envolvidos. Ainda para Woodward (2005, p.10): “A construção da identidade é tanto simbólica

quanto social”, pois envolve fatores intrínsecos e extrínsecos que auxiliam na formação da identidade dos povos.

Com base nesse conceito de identidade, o Festival de Parintins busca firmar-se através do tempo, pois segundo Hall (2005, p. 108), “as identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”. Ou seja, esse conceito não é único, e devido às alterações ocorridas ao longo do tempo, novos conceitos para o termo identidade vão surgindo, porém estão entrelaçados ao modo de vida dos indivíduos que compõem as relações sociais.

Assim, a identidade de um povo é responsável pelo seu sentimento de pertencimento a um determinado lugar, sua origem, crença e valores. Para Da Matta (1998, p. 19): “A identidade se constrói duplamente. Por meio de dados quantitativos, onde somos sempre uma coletividade que deixa a desejar; e por meio de dados sensíveis e qualitativos, onde podemos ver a nós mesmos como algo que vale a pena”. Tudo isso faz sentido quando o sujeito tem esse sentimento nas relações que estabelece individual ou coletivamente.

No processo de formação das identidades Silva (2005, p. 74) entende que:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou homossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um fato autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autosuficiente.

Para esse autor, o conceito de identidade parece ser bem simples, mas na realidade é uma relação social que envolve além daquilo que somos, aquilo que queremos ser por meio de nossas diferenças. Desse modo, ao dizer que somos alguma coisa estamos tentando nos afirmar na sociedade e traduzir o desejo dos diferentes grupos sociais. Nesse caso, o processo de produção da identidade oscila no campo das relações sociais estabelecidas pelos grupos.

Desse modo, os processos de identidade vão se formando por meio das experiências vividas pelos sujeitos, ou seja, é o significado de experiências de um povo com base na cultura. Sua construção depende da organização cultural da sociedade.

Por outro lado, ao estudar sobre identidade, Hall (2005, p. 108 e 109) enfatiza que:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.

Conforme o autor, as identidades construídas ao longo do tempo estão vinculadas ao passado histórico dos povos, pois há uma certa relação entre passado e presente na tentativa de explicar o sentido daquilo que nos tornamos e não do que somos. Por isso, ela tem a ver com tradição porque busca respostas para os discursos e as práticas utilizadas pelos sujeitos, e principalmente, as posições que eles assumem perante a sua trajetória de vida.

Assim, as identidades não podem ser idênticas ou ajustadas aos sujeitos nela envolvidos, pois a partir das posturas assumidas individualmente por eles, sua história de vida, sua identidade será diferente dos demais grupos sociais.

É nessa sensação de pertencimento que as identidades surgem, por meio de discursos e práticas estabelecidas pelos sujeitos sociais em busca de encontrar o seu lugar no espaço e tornar-se aquilo que desejam; indivíduos capazes de construir sua própria história e serem guiados por ela. Por isso, Ortiz (1986, p. 141) afirma que “a identidade é neste sentido elemento de unificação das partes, assim como fundamento para uma ação política”, isto é, as questões identitárias também passam pelo campo político, pois é por meio dele que os povos se unem para lutar pelo direito à diversidade e autonomia de suas culturas, fazendo com que cada povo construa sua história.

Ainda para Woodward (2005, p. 28) a questão da identidade também é vista como: “[...] uma questão de “tornar-se” [...]”, pois a reconstrução e a transformação das identidades históricas partem de um passado supostamente comum e que estão ligados aos processos de formação das identidades atuais. Porém, só é possível reconhecer a identidade na relação com o diferente, pois é através dessas diferenças que nos autoafirmamos, haja vista ambas exercerem uma relação social.

Nessa perspectiva, identidade cultural é o sentimento de saber reconhecer-se como parte integrante de um processo, o qual influencia no modo de pensar e agir individual ou coletivamente nas relações sociais. Está vinculada a um ideal coletivo de passado, a sua memória, porém não impede que novos elementos sejam incorporados aos valores da sociedade e isso é o que as mantém viva. Assim, é difícil imaginar que sem identidade cultural as pessoas consigam viver em sociedade.

Na visão de Vieira Filho (2003, p. 103):

A construção de uma identidade cultural está em constante movimento entre a tradição e a mudança cultural. Essa construção é contraditória e múltipla, pois parte de uma realidade sociocultural dinâmica, plural, multicolorida e polifônica no processo glolocal combinando fragmentação e integração, diversidade e unicidade, identidade e alteridade.

Desse modo, tradição e mudança cultural estão em movimento porque o novo e o velho caminham paralelamente, na tentativa de inserir em sua dinâmica o constante movimento de mudança, pois a história não é fixa e imutável, precisa ser (re) construída de acordo com a necessidade sociocultural. E assim, de modo contraditório formam-se realidades variadas e diferentes para explicar determinados acontecimentos históricos, sociais, econômicos e políticos.

Portanto, a cultura desenvolvida no Festival de Parintins leva em consideração elementos da tradição do auto do boi, incorporando também novidades à brincadeira como a figura do índio e o lendário amazônico, pois as identidades culturais têm histórias significativas, entretanto, transformam-se constantemente refletindo experiências históricas e contemporâneas.

Segundo Hall (2005, p. 108): “[...] se pensarmos agora na questão da identidade cultural, aquele “eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros [...] que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum”. Assim, o autor acredita que as identidades não são únicas, pelo contrário, estão cada vez mais fragmentadas, plurais sendo construídas por meio de discursos e práticas que se tornam contraditórios.

Nessa perspectiva, a identidade cultural conforme Vieira Filho (2002, p. 31) “tem uma relação com os fenômenos fundadores de uma comunidade e a apropriação de um território por um povo, e se constrói e se reconstrói a partir de uma imensa interação entre os indivíduos de uma região e o meio ambiente que os envolve”. Dessa maneira, a identidade cultural de um povo é a sua marca, por isso o Festival Folclórico de Parintins, busca na história explicação para a formação da região amazônica, isto é, do seu povo, sua gente, de sua vasta biodiversidade. Transforma essas informações em narrativas poéticas que abordam a beleza da região e a necessidade de estabelecer a construção de uma identidade desse povo por meio de suas riquezas.

A partir daí, percebe-se que a festa vem do cotidiano, do modo de vida do caboclo, suas crenças e valores, produzindo e definindo sua cultura local, por intermédio de suas raízes. Ortiz (1986, p. 142) “entende identidade cultural como uma relação a alguma coisa exterior; no momento em que evidenciamos o que somos, é

possível dialogarmos com o mundo externo, com outras culturas”, isto é, primeiro há necessidade do indivíduo entender quem ele é para depois se identificar com os demais.

A identidade cultural se estabelece ou modifica-se de acordo com as relações e transformações sociais vigentes. Assim, o boi-bumbá de Parintins vem construindo sua história através da contextualização do lugar, de suas experiências, valorização dos povos indígenas, preservação da natureza e a paz entre os povos. Valentin (2005, p. 122) afirma que “o Festival de Parintins, indubitavelmente, vem contribuindo para a formação de uma nova identidade cultural no Amazonas. É uma identidade ainda em formação [...]”, pois os bumbás através de sua imaginação resgatam seu passado e constroem uma nova história e, conseqüentemente, estabelecem novas identidades.

Segundo os entrevistados em relação à P2, se por meio do Festival é possível a construção de uma identidade cultural, 66,67% (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis a esse pensamento, como o representante C: “Penso que isso já está acontecendo, pois nosso Festival tem influenciado em outros festivais. É uma referência para o estado do Amazonas”. Porém, 33,33% (ver gráfico 1, p. 116) são parcialmente favoráveis, pois segundo o entrevistado D:

Na realidade estamos em processo de construção da nossa identidade cultural. Só em cima do espetáculo do boi não é possível essa construção. O boi traz a identidade, eclode em busca dela, mas é amplificada com outras identidades. As contribuições da cultura indígena ajudam nesse fortalecimento.

Na tentativa de construir esta identidade cultural e social, buscaram-se elementos tradicionais como autorreferência, por isso, a cultura desenvolvida no Festival de Parintins adquiriu caráter próprio, pois elenca uma complexidade de fatores que se realizam para explicar o folclore amazônico. É a história passada atrelada ao presente e futuro, é a reinvenção e tradição, é a junção do índio e do caboclo, para compreender as diversas culturas existentes na floresta Amazônica.

Conforme os entrevistados, em relação à P8, no que diz respeito ao boi ter adquirido caráter próprio no município de Parintins, 100% (ver gráfico 1, p. 116) são favoráveis. Segundo o representante A: “A partir do momento que se transformou a disputa em Festival, pois a força motriz do boi é a paixão que o povo tem pelo seu bumbá e adquiriu caráter próprio, pois é uma festa regionalizada, considerando o indígena e o caboclo”, ou seja, a partir do momento em que inseriu novos itens à brincadeira e enaltecendo a cultura da região.

De acordo com Carvalho (1995, p. 54): “Sendo a cultura um sistema articulado de símbolos e significados emergentes do cotidiano de vida do grupo que a produz, ela é um referencial de identidade para esse grupo”, pois é por intermédio das manifestações culturais que a vida coletiva de determinado grupo é (re) contada ao longo do tempo, caracterizando-se como compromisso e responsabilidade coletiva do povo para manutenção e tradição da brincadeira nas relações interpessoais.

Ainda na perspectiva de Carvalho (1995, p. 56):

[...] as festas populares e seus rituais tanto podem viabilizar interpretações conformistas da realidade, quanto podem servir para reafirmar uma identidade cultural, uma coesão histórica ou uma representação atualizada das desigualdades e carências atuais da vida dos seus produtores.

É por isso que por intermédio da brincadeira do boi-bumbá o povo parintinense exalta a cultura amazônica, reproduzindo e desenvolvendo sua vida cotidiana, mas também lamentando as contradições sociais existentes. Apesar da beleza que a festa proporciona, no interior da Amazônia há muitas desigualdades sociais, sendo o índio, o caboclo e o ribeirinho os mais prejudicados em meio a essas adversidades.

As belezas da Amazônia e seu povo dizem respeito as suas riquezas naturais, pois esta é uma região privilegiada e abundante em recursos que ajudam no seu sustento, porém ao mesmo tempo que é bela também produz um nível de desigualdade social elevado, devido nem todos viverem em condições de moradia digna, terem salários e empregos garantidos, enfim, uma boa qualidade de vida.

Castells (2008, p. 22) entende por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o qual prevalece sobre outras fontes de significado”. Desse modo, a identidade cultural de um povo é constituída por meio de suas experiências vividas ao longo do tempo que transformam-se em significados próprios, originando seu modo de ser, agir e pensar do grupo a que pertencem, fortalecendo sua história na sociedade.

Ainda na visão de Carvalho (1995, p. 57):

Constata-se que nas expressões culturais dos grupos populares, há sempre a convivência do velho e do novo, de formas conservadoras e progressistas. É desse duplo caráter da cultura popular- passadista e inovador- que possibilita a identidade cultural dos grupos e a atualização do seu conteúdo cultural no processo histórico de desenvolvimento de uma dada sociedade.

No desenvolvimento das sociedades percebe-se que passado e presente estão juntos na mesma proporção, pois são responsáveis pela constituição e construção da história e da cultura de um grupo social, buscando-se elementos antigos e novos que complementem e constituam novidades transformadoras ao seu modo de vida. Nesse sentido, a atualização cultural dos grupos acontece por meio de processos que compõem a dinâmica social e cultural marcados pelas circunstâncias históricas.

Hall apud Woodward (2005, p. 27 e 28) afirma ainda que há duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural:

A primeira reflete a perspectiva de uma determinada comunidade que busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhadas que poderiam então ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural [...]. A segunda concepção de identidade cultural é aquela que a vê como uma questão tanto de tornar-se quanto de ser. Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação.

A construção da identidade cultural de um povo é marcada por sua trajetória histórica, porém de acordo com o autor duas são as formas para se chegar até ela. A primeira está pautada na busca de desvendar o passado para poder entender melhor o presente e constituir sua identidade. A segunda acredita que a identidade está relacionada ao tornar-se e ao ser, ou seja, o presente é quem determina a identidade do povo por intermédio de suas experiências.

Nogueira (2008, p. 99) entende que:

O boi-bumbá parintinense, como passou a ser chamado o fenômeno que mobiliza multidões na Amazônia, açambarcou, por conta de estratégias governamentais, a possível identidade cultural de um povo que se movimenta na diversidade etnocultural.

Nesse sentido, o Festival Folclórico de Parintins, na tentativa de contribuir no processo de construção e formação da identidade cultural do povo amazônico leva em consideração tanto o passado quanto o presente desse povo, assim como a cultura local e global, que influenciam no modo de vida da população, transformando a sua realidade. É com base nesse sentimento de transformação que esse povo vem construindo a sua história por meio desse espetáculo que é o boi-bumbá de Parintins.

1.4 Integração entre cultura e informação

A palavra cultura é um termo amplo e complexo, pois envolve uma série de significados para a vida em sociedade, abrangendo aspectos como valores, costumes, leis, línguas, crenças, religiões etc, ou seja, é um conjunto de manifestações que faz parte de um povo. É sobretudo, o desenvolvimento de um grupo social, caracterizando-se por um processo em permanente evolução ao qual o ser humano procura se adaptar e transformar a realidade.

Geertz (1989, p. 4) assim como Weber acredita que:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.

Desse modo, a cultura é fundamental para a compreensão de diversos fatores que guiam a vida social de um povo em seu modo de agir e pensar. É um aspecto da vida social que se relaciona com a produção do saber, da arte, do folclore, da mitologia, dos costumes etc, bem como a sua perpetuação pela transmissão de uma geração a outra. A cultura identifica uma sociedade, pois também é um mecanismo cumulativo, que transforma-se, perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência humana.

O homem utiliza-se da cultura para interpretar o significado do mundo a sua volta e adaptar-se a ele por meio de novas transformações da realidade, pois a cultura não é estática, evolui conforme a necessidade das relações sociais estabelecidas pelos grupos, que buscam sentido e significado para sua existência e experiências em sociedade.

Conforme Carvalho (1995, p. 49) é necessário:

[...] pensar a cultura dentro das relações sociais, ligada às condições objetivas de vida dos distintos grupos que compõem uma determinada sociedade num dado momento histórico. Nesse sentido, o conteúdo cultural expressa a concepção do mundo de sujeitos concretos historicamente situados e inseridos num processo produtivo, manifestando a maneira como se relacionam com o real, no caso com o mundo exterior e com os homens, enfim o modo como a vida social se desenvolve.

A cultura desenvolvida pelos grupos sociais está de acordo com o entendimento de mundo que eles têm, pois cada grupo étnico possui sua forma de se expressar no mundo. É por meio dessas expressões culturais que os grupos são identificados e relacionam-se com os demais. Conforme o momento histórico, as relações sociais podem ser modificadas, porém isso depende da visão de mundo que o grupo tem dos fatos, ou seja, seu desenvolvimento social está vinculado com as relações que são estabelecidas ao longo do tempo.

Dessa maneira, Vieira Filho (2002, p. 28) também acredita que:

Cada povo constrói sua própria cultura a partir de suas próprias particularidades e singularidades, fruto de uma interação entre a comunidade, a natureza e o mundo externo, que vão influenciar este desenvolvimento, pois a cultura é o modo de agir, sentir, pensar de uma comunidade. São valores, gestos, atitudes, ações carregadas de significados e sentidos. A cultura está na base da comunicação entre as pessoas, e é ela que dá sentido a vida da comunidade.

É por isso que as manifestações sociais estão ligadas ao modo de vida definido num determinado momento histórico e social pelos grupos porque traduzem suas expectativas em relação ao conteúdo cultural por eles desenvolvido. Contudo, a sociedade determina quais as expressões ideológicas que norteiam as práticas sociais, pois estas envolvem um conjunto de símbolos e códigos, que transferem significados nas relações sociais a partir das condições objetivas de vida.

Burity (2002, p. 15) entende que:

[...] cultura deveria, portanto ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados, que são construídos socialmente, variando, portanto de grupo para grupo e de uma época a outra.

De acordo com a formação social de cada grupo há variação na definição de determinados conceitos como: valores, crenças, leis, hábitos etc, por isso, o autor afirma que o termo cultura deve ser utilizado no plural devido tratar de um conjunto de experiências carregado de significados que são compartilhados pela sociedade, portanto não são únicos, singulares, mas plurais, conforme a dinâmica de cada sociedade.

Essa dinâmica social varia conforme a época e o grupo, pois os valores e as concepções mudam. Como as sociedades são temporais e históricas as transformações

culturais são amplas e ocorrem gradativamente. Entretanto, o tempo delas não é o mesmo, umas mudam rapidamente e outras mudam lentamente; são frutos do esforço coletivo.

Em se tratando de cultura na região amazônica, Benchimol (1999, p. 15) afirma que “o processo cultural de povoamento e ocupação humana da Amazônia teve como característica principal a multidiversidade de povos e nações”, isto é, características raciais diferentes e, conseqüentemente, culturas as mais variadas no que se refere à linguagem, costumes, hábitos, crenças, religiões e até formas peculiares de sobrevivência por meio da caça e da pesca, bem como a utilização dos recursos florestais.

A Amazônia como um complexo cultural constitui e envolve um conjunto de fatores que são responsáveis pela sua ocupação, formação social e cultural, pois recebeu influência de diferentes culturas, herdando uma diversidade de valores e costumes de outros povos que, somados à cultura indígena, compreendem uma organização social ao mesmo tempo diversa e única no que diz respeito a sua gente.

É com base nessa riqueza de valores e multidiversidade que Vieira Filho (2003, p. 88) afirma:

A cultura desenvolvida no Festival de Parintins adquiriu uma dinâmica própria, onde complexas articulações se realizam. É a história passada relacionada com o presente e o futuro, é a espontaneidade combinada com as celebrações ritualísticas, é a reinvenção de tradições cedendo espaço às contínuas criações artísticas [...]

Com isso, o autor reflete sobre a importância da contribuição de diversas culturas para a formação do povo amazônico e as articulações que o Festival de Parintins proporciona por meio dessas informações. Assim, o folguedo do boi-bumbá em Parintins adquiriu caráter próprio, diferenciando-se dos demais bumbás. Desse modo, ofertou a esta festa peculiaridades regionais e uma dinâmica singular de apresentação a partir de suas lendas, o mundo indígena, os caboclos, a fauna e flora da Amazônia, que engrandecem ainda mais o espetáculo.

Nessa atmosfera de importância cultural, Loureiro (1995, p. 55) enfatiza que:

A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imensa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

Assim, a cultura é passada de geração a geração por meio da linguagem oral. É transmitida pelos mais velhos e recontada pelos mais jovens em que prevalece o imaginário, pois cada indivíduo tem uma maneira de interpretar o significado das “coisas” dando um novo sentido a elas e, conseqüentemente, na relação homem/natureza. É nessa perspectiva que a cultura desenvolvida em Parintins contribui para que a história da região amazônica não se perca no tempo. Assim, a cada ano o Festival traz novos elementos ao drama, porém permanece com a valorização e exaltação da cultura e do povo amazônico.

Para Loureiro (1995, p. 64): “A cultura amazônica talvez represente, neste final de século, uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza se reflete e ilumina [...]”, ou seja, a relação homem/natureza é vista de maneira que exalta a cultura local, pois clama pela preservação do meio ambiente e pelo respeito aos povos que habitam a região, numa tentativa de chamar atenção e sensibilizar a população para os problemas socioambientais que a humanidade vem sofrendo.

Na concepção de Santos (2001, p. 96):

As festas permitem observar transformações profundas ocorridas na sociedade, no âmbito da cultura, ou compreender complexas relações sociais, tentativas de disciplinas ou controle de educação do povo. Elas se constituem, portanto em palco das transformações culturais e cenários importantes da vida social; lugar dos conflitos, das exclusões, de controle, de disciplina, da educação e da reforma do povo, assim como de resistência a todos esses processos.

Geralmente, as festas populares traduzem o cotidiano de um povo por intermédio de suas heranças históricas, danças, ritmos, músicas, costumes etc, que marcam sua trajetória e definem a sua história. Com isso, é possível observar uma série de mudanças no campo social e cultural no interior das sociedades, pois as festas também auxiliam na compreensão dessas transformações por meio de uma reorganização social.

As transformações que ocorrem no meio social e cultural de uma sociedade são percebidas em suas festas como instrumentos que podem desempenhar funções por intermédio do controle social e rivalidade entre os grupos, que podem ser percebidas ou não pelos participantes, gerando conflitos entre as classes, pois retratam a vida a partir de seus valores.

Conforme Braga (2009, p. 78), no contexto da cidade:

[...] a cultura popular que está sendo produzida tem uma dinâmica própria, que de certa forma está em sintonia com o ritmo de pessoas que vivenciam diferentes situações e experiências. É aqui que adquire importância a sociabilidade, resultante da troca de experiências e saberes por meio do ritual e da festa, da ironia, do riso e da brincadeira, na transmissão da cultura popular dos mais velhos para os mais novos.

Desse modo, a função das festas além de alegrar é de ajudar a compreender as relações sociais estabelecidas entre os povos, pois cada grupo social tem um olhar diferente perante a realidade cultural da região Norte. Por isso, o boi-bumbá de Parintins é uma festa que tenta alegrar e ao mesmo tempo explicar e contextualizar a história local por meio da narração de lendas e dramatização dos rituais indígenas, os quais segundo Turner (1974, p. 207): “[...] na verdade, tem o efeito a longo prazo de salientar de maneira mais decisiva as definições sociais do grupo”, ou seja, através destes mecanismos os grupos sociais estabelecem seus papéis.

Por outro lado, Assayag (1995, p. 26) afirma que o Festival de Parintins:

É sobretudo uma festa de integração onde parintinenses e visitantes nivelam-se, social e espiritualmente, numa harmonia abençoada por Tupãs de todos os credos. É um ponto de encontro regional de amigos e parentes que há muito não se viam. É a alegria de um povo insular, criativo e cooperativo que vibra ao se comunicar com o estrangeiro que o vem visitar.

O boi-bumbá proporciona a integração entre as pessoas, mesmo havendo rivalidade entre os bois Caprichoso e Garantido, pois é a expressão da cultura do povo parintinense por meio de seus costumes, tradições, lendas etc, dos antepassados indígenas mesclado à cultura do branco e do negro, que deram origem a essa festa.

A cultura do boi de Parintins carrega muitas informações sobre a Amazônia e seu povo, que são transmitidas no período do Festival e servem de veículo de informação para que a população possa entender melhor o processo de formação e ocupação da Amazônia. É nessa integração entre cultura e informação que as opiniões vão se formando e as pessoas, no brincar de boi, aprendem sobre a região amazônica.

Conforme a P7, se há integração entre cultura e informação no boi-bumbá de Parintins, 100% (ver gráfico 1, p. 116) dos entrevistados são favoráveis, como o representante C ao afirmar que: “O boi-bumbá é a nossa cultura e através das toadas e apresentações são transmitidas informações. É a cultura produzindo informação na arena do bumbódromo de que é necessário preservar a Amazônia”. Para o entrevistado D: “Tanto é possível que cultura é informação, pois quando você leva um fato de sua

comunidade para arena faz as pessoas refletirem”. Assim, o Festival de Parintins é uma cultura regionalizada, que vem se ampliando e avançando com a contribuição de outras culturas.

Segundo Vieira Filho (2003, p. 47): “As culturas indígenas influenciaram materialmente e espiritualmente na formação da sociedade regional e, de modo especial, nas representações do folclore e da cultura popular”. Assim, o boi-bumbá de Parintins não só informa, mas também integra as pessoas por meio de seu folguedo, pois na brincadeira as informações vão surgindo e o brincar de boi vai adquirindo caráter informativo e educativo acerca de suas manifestações culturais. Desse modo, as pessoas aprendem um pouco mais sobre a cultura indígena e local, sinalizando certa identificação cultural e valorização do branco, negro e o índio na representação do folclore e da cultura popular.

Para Negrão (2001, p. 34): “Os bumbás de Parintins, através do festival, traduzem o cotidiano de um povo, em seus aspectos religiosos, ritualísticos, artísticos, culturais, tradicionais de uma amazonidade”. Diferentemente do Carnaval, que é um cortejo, o boi-bumbá de Parintins tem elementos dramaturgicos de uma peça de teatro ou de uma ópera, que conta a lenda do boi, entrelaçada ao fabulário amazônico, isto é, narra um fato e evolui em forma de ritual, conforme tema proposto. Desse modo, Maffesoli (2006, p. 48) diz que “por meio da multiplicidade dos gestos rotineiros ou quotidianos, o ritual lembra à comunidade que “ela é um corpo”. Sem a necessidade de verbalizar isso, o ritual serve de anamnese à solidariedade [...]”, ou seja para que as transformações aconteçam gradativamente e possam transmitir a sua mensagem aos brincantes e telespectadores em geral.

A informação se dá por meio das toadas, das lendas e rituais encenados no bumbódromo e também no período que antecede o Festival, pois o boi retrata o cotidiano de um povo miscigenado que formou a Amazônia com suas características peculiares (costumes, crenças hábitos etc.). Desse modo, cultura e informação no boi-bumbá caminham juntas e a narrativa do Festival é colocada em prática pelos brincantes.

Carvalho (1995, p. 39) afirma que:

Mantendo um certo eixo inspirador da sua temática, o bumbá, como uma produção da cultura popular tem se mostrado suficientemente amplo para inserir no seu conteúdo elementos específicos da realidade dos Estados, concretizando a relação geral-particular a nível simbólico.

Para a autora, os bumbás como produto popular têm autonomia para inserir em suas temáticas assuntos voltados para a realidade de suas localidades, pois o boi é um folguedo que tem uma representação social muito forte, caracterizando-se num teatro popular nacional, o qual é adaptado às peculiaridades regionais. Por isso, nesse momento de encenação do boi-bumbá, cultura e informação vão se integrando e, por intermédio de seu folguedo e brincadeira, as informações vão surgindo e o brincar de boi incorpora cunho cultural, social e educacional, isto é, a cultura se transforma em informação e, conseqüentemente, divulga a cultura amazônica para o Brasil e o mundo.

Desse modo, a integração entre cultura e informação proporciona aos espectadores e telespectadores do boi-bumbá de Parintins a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a realidade da região amazônica. Essa realidade, misturada ao imaginário desse povo, contribui para a contextualização da cultura local, por meio do seu modo de vida, costumes, crenças, hábitos, enfim tudo aquilo que, de certa forma, influencia no modo de ser e agir de um determinado grupo social.

2 AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS

Desde tempos imemoriais o boi é conhecido e reverenciado pelo homem, a exemplo das touradas na Espanha e no México, e o boi Ápis dos egípcios. No Brasil, várias são as manifestações em torno do boi, como a farra do boi em Santa Catarina e o bumba-meu-boi do nordeste. São tradições que persistem até os dias atuais. A essas tradições veio juntar-se o boi-bumbá da Amazônia, representado principalmente pelo Caprichoso e pelo Garantido, de Parintins. Essa manifestação do folclore amazônico é uma herança do bumba-meu-boi nordestino. Ao auto do boi foram acrescentadas encenações do lendário e do cotidiano amazônico, sem desprezar a tradição do bumba-meu-boi maranhense com a presença do Pai Francisco e Mãe Catirina.

Os primeiros registros sobre as manifestações folclóricas de boi na Amazônia datam ainda do séc. XIX e são encontrados no livro de Avé-Lallemant (1980), o qual presenciou, em 1859, na cidade de Manaus, uma apresentação de bumbás referentes aos festejos juninos em homenagem a São Pedro e São Paulo, comemorados no dia 29 de junho daquele ano de sua expedição.

Com o passar do tempo, o auto do boi-bumbá foi ganhando espaço. E, nesse misto de alegria e brincadeira, a dança com bois se tornou comum na Amazônia, principalmente, na cidade de Parintins onde acontece o Festival Folclórico dos bumbás Caprichoso e Garantido que se dá, atualmente, no último final de semana do mês de junho. É a lenda do boi entrelaçada ao fabulário amazônico. Cada boi apresenta um espetáculo diferente nas três noites com alegorias e fantasias diferentes, conforme o tema da festa.

De acordo com o grupo de moradores entrevistados, em relação à P1, de como surgiu o brincar de boi em Parintins, 50% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis ao Garantido como primeiro bumbá, a exemplo do morador D: “Na época do meu pai surgiu com o Garantido, pois em 1909 ele já brincava de boi, foi tendo contato com outras pessoas, criou esse boi e com o tempo virou uma brincadeira conhecida”. Entretanto 50% (ver gráfico 2, p. 117) são parcialmente favoráveis. Segundo o entrevistado C: “O brincar de boi em Parintins não tem uma data específica, é uma brincadeira que veio trazida pelos escravos e com o tempo passou a ser o boi-bumbá”, ou seja, o surgimento do brincar de boi em Parintins é bastante controverso, pois os torcedores de cada bumbá acreditam que o boi de sua preferência é o mais antigo, o primeiro boi de Parantins.

Saunier (1989, p. 42), por sua vez, enfatiza que “é complicado afirmar qual o primeiro boi de Parintins, porque em pesquisas realizadas por ele apareceu o boi Diamantino entre 1910 a 1912 e o boi Fita Verde do Aninga de 1910 a 1915”. Porém, os apaixonados pelo Caprichoso afirmam que ele surgiu primeiro, em 1913, e os do Garantido dizem que ele foi fundado em 1915. Estabelecer uma data certa para o surgimento do primeiro bumbá de Parintins é difícil por falta de registros, pois não havia essa preocupação em registrar a brincadeira naquela época. Os registros só apareceram na década de 60, quando os bumbás se organizaram em festivais se tornando competitivos. Não se pode esquecer também da existência do boi Campineiro, que surgiu no bairro de Palmares em 1977, disputando os festivais até 1983.

A partir de então, a disputa ficou marcada entre Caprichoso e Garantido, que todo ano fazem uma belíssima apresentação na arena do bumbódromo e atraem cada vez mais pessoas para conhecer o brincar de boi na Amazônia.

No boi-bumbá parintinense o índio assumiu, conforme Goés (2006, p. 17): “[...] maior relevância, por meio de elementos como tribos indígenas estilizadas, tuxaus, pajé e cunhã-poranga, toadas que contextualizam a cultura, a história e a realidade dos povos indígenas [...]”, por isso, as transformações decorrentes na tradição do boi-bumbá foram criadas e reinventadas durante todo o século XX na cultura parintinense, ajudando a proporcionar uma nítida identidade à cultura do Amazonas, resguardando no contexto atual uma dinamicidade permeada por características políticas e desenvolvimento social.

Segundo reportagem da revista Amazon View (2005, p. 12):

A rivalidade entre os dois bois, que hoje dá magnitude ao Festival de Parintins, vem de origem. Foi uma espécie de ‘antagonismo a primeira vista’. Mas no começo era apenas uma brincadeira, na quadra junina [...] Esta rivalidade ficou tão arraigada ao ponto de polarizar as opiniões em Parintins e anular outros bumbás da cidade.

As mudanças nas brincadeiras juninas para o Festival deram origem à disputa. Artesãos e outros artistas parintinenses esmeraram-se na criatividade, o canto virou toada, o boi de pano e tala ganhou movimento e o antigo folguedo deu lugar a fantasias e grandes alegorias inspiradas na cultura amazônica. Em 1988 foi construído o Bumbódromo, anfiteatro que hoje abriga a Festa do Boi e a partir do qual o Festival Folclórico passou a ter maior representatividade entre os folguedos brasileiros.

Esse novo modo de brincar de boi trouxe para o município de Parintins benefícios imensuráveis, porém, infelizmente, também malefícios à cidade e sua população, pois todas as grandes festas populares, além de suas belezas e encantos, também escondem graves problemas sociais. Mas apesar de tudo isso, o município, atualmente, tem servido de exemplo para cidades circunvizinhas no estado do Amazonas, isto é, como referência e influência na organização das festas desses municípios.

Isso se dá devido à criatividade do povo parintinense em realizar e ao mesmo tempo inovar esse Festival a cada ano que passa, porém mantendo a narrativa central de apresentação que envolve aspectos da dramaturgia do auto do boi maranhense, assim como a união dos caboclos, ribeirinhos e indígenas que fazem a contextualização do lugar, adquirindo caráter próprio de apresentação e brincadeira.

2.1 Boi de rua e boi de arena

Contar a história do boi bumbá de Parintins é reviver personagens históricas e navegar no rio cultural que o fez como é, principalmente, pelo fato de não haver sua história documentada com precisão. O que existe, na verdade, são informações orais que são repassadas de geração a geração, fazendo com que cada um, Caprichoso e Garantido traga para si o direito de se intitular o primeiro bumbá da cidade.

Como já foi visto no primeiro capítulo, inúmeras são as versões do surgimento do brincar de boi na Amazônia e uma delas, levantada por Santos (2001, p. 91), é que a “segunda metade do século XIX marca a presença do boi-bumbá na Amazônia. O auto alinha-se entre os de mais difícil reconstituição cultural, tantos foram os agentes étnicos que nele intervieram”. A história dos bumbás na Amazônia tem servido de estudo para muitos pesquisadores, pois é um tema que traz muitas controvérsias. Por outro lado, a festa do boi na Amazônia também teve colaboração dos nordestinos que vieram motivados pelo ciclo da borracha e, para alegrar um pouco a vida, brincavam de boi relembrando seus costumes e tradições, festejando os santos juninos.

Goés (2006, p. 27) afirma que “a brincadeira do boi-bumbá em Parintins passa, obrigatoriamente, pela herança folclórica do bumba-meu-boi nordestino trazido pelos migrantes que vieram para Amazônia atraídos pelo ciclo áureo da borracha [...]”. Porém, em Parintins ganhou uma nova roupagem, inserindo o cenário e o lendário amazônico, bem como seu povo, dando à festa características regionais. Assim, a brincadeira do boi, ao se disseminar pelo Brasil, assumiu formas e características

diferentes de acordo com a região, mas mantendo a matriz original através da morte e ressurreição do boi, da dança e, principalmente, a encenação do teatro popular.

No início da brincadeira de boi em Parintins, não havia só Caprichoso e Garantido. Havia também o Fita Verde, Campineiro e outros bois que divertiam a população parintinense, mas com o passar do tempo somente os bumbás Caprichoso e Garantido resistiram e, até hoje, promovem alegria e rivalidades na cidade, exaltando o folclore da região.

Conforme Saunier (1989, p.41): “Folclore é a sabedoria de um povo e existe desde que os primeiros povos se reuniram em comunidade”, por isso na visão dele a imprecisão na data de fundação do primeiro bumbá de Parintins ajuda na questão da rivalidade entre os contrários⁵ e também na construção de uma história inventada, como por exemplo, o surgimento do primeiro bumbá em Parintins.

O interessante é que na época do boi de rua só os homens participavam da brincadeira, saíam às ruas da cidade para brincar na frente das casas das pessoas mais ricas, pois a brincadeira era paga em dinheiro ou com refeição para os brincantes poderem dançar nos terreiros das casas e alegrar os familiares e amigos do dono da casa. O certo é que, logo o grupo ganhou as ruas, saindo de casa em casa, onde houvesse uma fogueira. Essa prática era comum aos dois bumbás, porém ambos não podiam se encontrar na rua que o confronto entre os brincantes era inevitável, havia muita briga e também muita gente presa e machucada. Os desafios eram constantes entre os dois bois até o primeiro ficar danificado e acabar a disputa. Assim, de acordo com reportagem da revista Amazon View (2005, p. 12):

[...] no começo a rivalidade entre Caprichoso e Garantido era apenas uma brincadeira, na quadra junina. No entanto, quando ambos se encontravam em alguma parte da cidade, a rivalidade provocava até brigas corporais. Os bois, então de pano, também chegavam a se enfrentar, lutando literalmente a chifradas até a destruição total.

A partir de então, a ilha Tupinambarana começou a ficar dividida pelas cores azul e vermelho. Os bois ganharam tanta força que durante o Festival as ruas da cidade ficavam todas embandeiradas com as cores dos bumbás, e das casas ecoavam o canto das toadas.

Conforme os entrevistados, em relação à P2, de como era a rivalidade entre os bois, 50% (ver gráfico 2, p. 117) são parcialmente favoráveis, como o morador B: “Não

⁵ Nome dado ao boi da torcida adversária.

era uma rivalidade muito sadia, pois antigamente havia muita briga, hoje é mais sadia, há respeito entre as galeras”. E 50 % (ver gráfico 2, p. 117) são desfavoráveis, como o entrevistado A: “Era muita briga, quebra-quebra, a rivalidade entre os bois era grande. A polícia tentava evitar o confronto dos dois, era muita agressividade”. Assim, para esse morador o fanatismo pelo boi era tão grande que as torcidas adversárias não podiam se encontrar nas ruas.

Na tentativa de amenizar os conflitos corporais entre os bumbás e seus brincantes foi criado o Festival Folclórico de Parintins no ano de 1965, unindo os dois bois na quadra da Catedral, onde se encontravam e faziam suas apresentações, ganhando a simpatia de seus torcedores. Assim, o novo modo de brincar contagiou o povo e no decorrer das apresentações houve modificações na brincadeira, que caracterizam a atual forma dos bumbás. Portanto, conforme artigo da revista Parintins: cultura e folclore (2000, p. 47):

A herança ibérica do bumba-meu-boi veio na mala dos nordestinos, desembarcou nas cidades ribeirinhas, ganhou os adros da igreja, as ruas, os terreiros. O boi nordestino entrou em contato com a riqueza da cultura indígena, miscigenou-se, adaptou-se, enriqueceu-se com a arte plumária e transformou-se em boi bumbá.

O boizinho de pau e pano tanto andou que alcançou a ilha de Parintins. A festinha religiosa passou por novo caldeamento e depois de absorver elementos fulgurantes do carnaval carioca, ganhou vigor extra provindo da rivalidade extremada dos dois principais bois da cidade – o Caprichoso e o Garantido. Como os bois queriam, a cada ano, apresentar-se melhor e mais bonito, exibindo atrações extras, a festa começou a crescer, a ousar, a explodir no imenso espetáculo de ritmo, luz e cor que hoje exhibe.

E o que começou como uma festa para a comunidade e a tradição católica em comemoração aos festejos juninos, alcançou uma nova forma de apresentação, porque ao se organizar em festivais de arena na década de 80 a festa recebeu incentivos do município e, conseqüentemente, tornou-se também um investimento estadual. Essa disputa e rivalidade favoreceu o crescimento dos bois, pois houve a transformação de componentes antigos e a inserção de novos elementos à festividade.

No Festival Folclórico de Parintins também é sentido um momento sagrado, que segundo Vieira Filho (2003, p. 39):

Está presente seja no boi de rua, seja no boi de arena, de forma diferente. Sabemos que o nascimento dos dois bois está ligado a uma promessa, para alcançar sucesso na vida ou na cura de doença. Depois de terem alcançado a graça, os donos se comprometiam em colocar o boi para alegrar a comunidade.

Conforme o pensamento supracitado, a história dos dois bumbás mais famosos de Parintins está ligada ao “sagrado”, pois os relatos orais de pessoas mais antigas da cidade informam que ambos surgiram por meio de uma promessa, seja para a cura de uma doença, no caso do Garantido seja para ter uma vida bem sucedida em um novo lugar, como é o caso do Caprichoso.

O sagrado, na brincadeira do boi, não ficou registrado somente no passado, mas está presente também no boi de arena, embora de modo diferente de antigamente, porém com o mesmo significado de perpetuar a brincadeira no tempo e na memória de sua gente. Com base no passado, a história é contada e recontada em forma de toadas, rituais e do próprio jeito de brincar de boi e também na homenagem prestada pelos dois bois na arena à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo.

Em relação à P4, se os moradores concordam com a mudança do boi de rua para o boi de arena, 50% (ver gráfico 2, p.117) são favoráveis, como o entrevistado C. Para ele: “A mudança foi em detrimento do crescimento do boi e os terreiros ficaram pequenos para a dimensão da festa. Ela oportunizou que o povo parintinense demonstrasse sua criatividade e talento”. Já 50% (ver gráfico 2, p. 117) são desfavoráveis, como o morador D: “O boi de arena descaracterizou o boi de rua, pois antigamente se acendia fogueira e todos brincavam no terreiro das casas, tiravam versos de desafios, hoje é uma festa muito grande que acontece no bumbódromo”.

Essa forma atual do brincar de boi foi um divisor de águas para a cidade, pois o Festival foi tomando uma proporção tão grandiosa que se tornou necessária a criação de uma sede própria para a realização e apresentação da festa. Pouco a pouco, os bumbás conquistaram prestígio na cidade, assumindo seu caráter atual, tornando-se uma organização, administrada por uma diretoria e inserindo componentes indígenas à festa, isto é, o índio da floresta presente no folclore amazônico.

A explosão da festa, no final da década de 80, aconteceu devido à saudável rivalidade entre as famílias locais, sendo criado um anfiteatro que, segundo Valentin (2005, p. 21), “tem capacidade para acomodar aproximadamente 40.000 pessoas, o bumbódromo é o marco divisor definitivo entre um passado provinciano de brincadeira de boi e o monumental espetáculo de massa, com olhos voltados para o futuro”. Desse

modo, a partir dos festivais organizados no bumbódromo, o boi-bumbá de Parintins adquiriu um novo caráter, pois deixou de ser de rua, isto é, uma simples brincadeira entre grupos de amigos e passou a ser a representação e a marca da cidade porque a cada ano ambos se superam inserindo novidades à festa e com o olhar voltado para o futuro, porém atrelado ao passado em suas origens de um povo caboclo e ribeirinho.

Valentin (2005, p. 21) ainda afirma que no bumbódromo, “os bois puderam superar seus limites, usar e abusar da criatividade e da ousadia, características hoje tão representativas do festival” e este é o grande diferencial das outras manifestações populares que acontecem em outras localidades do Brasil e do mundo.

O bumbódromo está localizado na área central da cidade, dividindo-a em uma metade leste e oeste. É uma arena circular que serve para apresentação do Festival e está dividida nas cores azul e vermelho pertencentes aos bumbás Caprichoso e Garantido e suas respectivas galeras⁶, que ajudam a animar a festa e são indispensáveis à apresentação.

Para Vieira Filho (2003, p. 79): “A festa popular dos bumbás de Parintins, seja no tempo do boi de rua, seja atualmente, na arena do bumbódromo, tenta desenhar e demarcar valores simbólicos que exprimem os anseios da sociedade em cada época”, isto é, de acordo com a época, os interesses de uma determinada sociedade mudam conforme suas necessidades. Assim, no Festival de Parintins, atualmente, é lançado o olhar para as questões socioambientais que compõem o cenário local e regional da Amazônia.

Ainda na definição de Vieira Filho (2003, p. 29):

A produção simbólica do boi de rua foi uma forma de representar a sociedade da época e funcionou como importante elemento cultural de comunicação das experiências vividas. As maneiras de trabalhar, celebrar, sentir e pensar revelam a essência daquela sociedade. Através da brincadeira do boi-bumbá de Parintins, os brincantes exprimem amor a natureza, recordam o passado, registram acontecimentos da sociedade local, nacional e internacional, solidificam laços de parentesco, resolvem questões conflituosas e se relacionam com as autoridades constituídas.

Os bumbás de Parintins ao se organizarem em brincadeira tornaram-se referência da cidade, pois de acordo com a sociedade atual ou passada é atribuído ao boi novas funções, mas principalmente a de elemento comunicacional, divulgando sua cultura por meio do espetáculo que é apresentado na arena em forma de dramaturgia.

⁶ Nome dado às torcidas dos bumbás Caprichoso e Garantido.

Por isso, pode-se dizer que a maneira de brincar de boi em Parintins é marcada pelo sentimento de amor e alegria de seu povo em relação a sua gente e sua cultura local. E, apesar da rivalidade entre os contrários, o que é apresentado por eles no bumbódromo está relacionado aos conflitos passados e atuais de uma sociedade, bem como suas experiências.

Segundo os moradores, referindo-se à P5, se as transformações ocorridas no Festival foram positivas ou negativas, 75% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis, como o entrevistado A: “Foram positivas, pois evoluiu muito a apresentação dos bois, chamando atenção para as alegorias e os meios de comunicação, hoje o Festival é muito mais bonito devido à tecnologia”. Porém, 25% (ver gráfico 2, p. 117) veem de forma parcialmente favorável, como o morador D: “Para a economia de Parintins foi positiva, pois surgiu mais trabalho, mas para minha família, Monte Verde, foi negativa porque somos herdeiros do Garantido e não temos direito a nada dentro do boi”. As mudanças ocorridas na cidade por meio do Festival tanto foram positivas quanto negativas, pois à medida que a festa cresce os problemas também acompanham esse crescimento.

Esses conflitos têm ajudado na construção de uma nova sociedade parintinense, que por meio de suas experiências (re) inventa a tradição da cultura local, sendo influenciada por fatores internos e externos que compõem um novo olhar para a Amazônia e seus costumes. Para que essa construção seja sólida é fundamental considerar elementos que vinculem a realidade Amazônica ao cenário mundial, na tentativa de melhorar e aperfeiçoar ainda mais o brincar de boi na ilha Tupinambarana para que brincantes, visitantes, telespectadores e espectadores possam compreender melhor o processo pelo qual os bumbás de Parintins passam desde sua fundação. Esta é a festa que transforma a ilha de Parintins no último final de semana do mês de junho, todos os anos. Um espetáculo monumental que adquiriu contornos bem definidos, com a adoção sucessiva de regras muito claras e civilizadas que a tornaram única. É nessa tradução do cotidiano de um povo, em seus aspectos religiosos, ritualísticos, artísticos e culturais que os bumbás de Parintins, por meio do Festival e da construção de seu espetáculo, inseriram-se no mercado como forma contemporânea de expressar o real.

2.2 Tradição e modernidade: ressignificação dos símbolos

A idéia de tradição nos remete a um conceito antigo e ao mesmo tempo bastante utilizado que é entender por tradição o conjunto de crenças de um povo, que é seguido e

conservado pelas gerações através dos tempos, isto é, caracteriza-se pela transmissão de práticas e valores culturais que são repassados ao longo do tempo pelas civilizações. Assim, tradição é toda manifestação realizada pelo povo, ou seja, direta ou indiretamente estamos reproduzindo tradições no dia a dia.

Na visão de Bornheim (1987, p. 20) a tradição pode ser compreendida como:

O conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas de conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade.

Ao longo do tempo, o conceito de tradição vem sendo renovado e recriado pelas sociedades, porém conserva uma visão de mundo que é capaz de informar as pessoas no presente, com seus conteúdos históricos, propondo novas ações. Desse modo, o passado serve de base para a construção de um novo futuro, onde a tradição é reinterpretada e repensada como maneira de criar e expressar uma concepção de mundo por influências do passado. Portanto, a tradição pode ser entendida como fonte de comunicação entre as gerações passadas e futuras por meio da articulação dos sujeitos para expressar seu modo de visualizar e encarar o mundo em que vivem.

Como bem define Ortiz (2001, p. 207), “tradição e passado se identificam e parecem excluir radicalmente o novo”, pois ambos com suas normas e valores parecem impor um modo de ser, pensar e agir ao povo, conduzindo práticas sociais e culturais às novas gerações. No pensamento desse autor, que estuda e pesquisa a tradição no contexto da cultura brasileira e da indústria cultural⁷ essa relação é caracterizada como elementos do passado conservados na memória e nas ações do cotidiano das pessoas. Ou seja, para este autor tradição é tudo aquilo que é trazido do passado sendo (re) produzido cotidianamente pelos povos e suas culturas.

A tradição se mantém viva no tempo devido à memória das pessoas. Por isso, Cascudo (1971, p. 09) afirma que: “A memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando as culturas convergidas para o uso, através do tempo. Essas culturas constituem quase a civilização nos grupos humanos”. Dessa maneira, a tradição tem a finalidade de expandir as culturas ao longo do tempo, pois a memória coletiva do povo é responsável pela divulgação dessas culturas aos grupos

⁷ Theodor Adorno foi o primeiro a utilizar esse termo em 1947, conforme ele, a indústria cultural se distingue da arte popular, pois é planejada tem objetivo predeterminado.

sociais, bem como sua utilização e dinamicidade por meio dos relatos orais de geração a geração.

Embora pareça que a sociedade em que vivemos esteja deixando a tradição de lado, na verdade, isto não ocorre, pois as pessoas mudam, renovam suas idéias para ver o mundo com outros olhos, porém, ao fazer isto não significa que deixaram para trás o passado. Nesse sentido, algumas festas tradicionais ainda continuam, mas ganharam novas formas e se adaptaram ao séc. XXI, como é o caso do Festival Folclórico de Parintins.

Segundo a P3, de como os moradores veem as transformações históricas ocorridas no Festival de Parintins, 75% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis, como o morador C: “Não só histórica, mas também econômica e cultural, deu oportunidade para que os artistas pudessem desenvolver suas habilidades. Essa brincadeira oportunizou o crescimento da cidade e divulgação da nossa cultura que é o boi-bumbá”. Já 25% (ver gráfico 2, p. 117) são desfavoráveis, como o morador D: “Para mim, quando o boi era de rua era mais bonito, agora com o Festival mudou tudo, tem muita gente, não gosto”. Entretanto, a mudança é necessária em todos os segmentos da vida e no boi não foi diferente: muitas transformações ocorreram na brincadeira, mas a sua essência foi mantida.

Nesse caso Vieira Filho (2003, p. 24) acredita que:

As tradições culturais se inventam e reinventam de acordo com as situações particulares. Utilizam-se velhos elementos como base para a criação de novos. Dá-se uma roupagem diferente tanto à forma quanto aos conteúdos das manifestações culturais tradicionais, ou seja, cria-se uma ressignificação dos símbolos para responder aos novos desafios.

Há essa necessidade de mudança, pois apesar de o boi-bumbá ser uma festa tradicional da Amazônia, precisa de novos elementos para dinamizar a sua apresentação, porém não esquecendo dos elementos tradicionais que compõem o espetáculo. Isso não significa que o novo irá romper definitivamente com o passado, pois este mantém-se vivo na memória e lembrança das comunidades. É nessa perspectiva que afirma Braga (2002, p. 20): “A festa sem dúvida, mudou muito, mas os personagens tradicionais ainda se encontram nos bumbás, mesmo que com vestes novas”.

A ressignificação simbólica depende da visão de mundo e dos interesses sociais que os grupos têm em dar sentido à manifestação cultural e folclórica que é o boi-bumbá de Parintins. Essa nova visão, por sua vez, é responsável pela transmissão de novos fatos culturais sejam eles de natureza espiritual sejam de natureza material.

O homem está sempre criando e reinventando significados culturais. Nesse sentido, as “festas” têm sofrido influência da indústria cultural, isto é, são inseridas na sociedade não só para alegrar, mas principalmente para manter o mercado do capital. Assim, para Conh e Fernandes (1994, p. 94): “Hoje, como sempre, a indústria cultural mantém-se “a serviço” das terceiras pessoas, e mantém sua finalidade com o superado processo de circulação do capital que é o comércio, no qual tem origem.” Dessa maneira, as festas são entendidas como ferramentas que promovem a interação e as relações humanas que sustentam o mercado de produção e consumo de bens culturais.

Nessa perspectiva, Conh e Fernandes (1994, p. 95) acreditam que a indústria cultural:

Tem o seu suporte ideológico no fato de que ela se exime cuidadosamente de tirar todas as conseqüências de suas técnicas em seus produtos. Ela vive, em certo sentido como parasita sobre a técnica extra-artística da produção de bens materiais, sem se preocupar com a determinação que a objetividade dessas técnicas implica para a forma intra-artística, mas também sem respeitar a lei formal da autonomia estética.

Desse modo, a indústria cultural é entendida como um conjunto de meios de comunicação, que formam um grandioso sistema para gerar lucros e prestígio ao capital. Por serem mais acessíveis às massas, os meios de comunicação são instrumentos de manipulação e controle social por meio das ideologias que compõem a sociedade capitalista. A indústria cultural é, na verdade, produto da sociedade industrializada a qual converte a cultura em mercadoria, de modo a agradar seu público consumidor e manter o espírito dominante.

A cultura, ao longo dos anos vem sendo manifestada e expressa nas mais diferentes formas da criatividade humana, por isso, Carvalho (1995, p. 53 e 54) acredita que a cultura popular:

É a expressão de um universo simbólico, que enquanto tal revela uma concepção de mundo: pensamentos, valores, padrões, crenças, costumes, afetos, sentimentos, emoções, sensações. Logo, a cultura popular, como uma manifestação peculiar da cultura de uma dada sociedade, é constituída de um sistema de símbolos que articulam significados.

A cultura desempenha um importante papel no campo do simbólico, pois serve para explicar o significado das manifestações culturais. Esse universo simbólico é carregado de uma pluralidade de interpretações que expressam múltiplos significados culturais que são produtos da coletividade humana, pois é por meio deles que o homem expressa seus pensamentos, atitudes, valores, isto é, seu modo de pensar, viver e agir em sociedade.

Na dinâmica social, a vida é representada por símbolos valiosos que são ricos de sentidos, por isso, de acordo com a manifestação cultural, neste caso o Festival de Parintins, é necessário resgatar e identificar quais os valores, sentimentos e emoções que a festa proporciona e reproduz da vida de sua comunidade. Assim, Araújo (2007, p. 112) afirma que “o símbolo funciona como um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico somente no contexto em que ele é interpretado”, ou seja, não substitui os sentidos, porém contém uma pluralidade de significados que podem explicar determinados fatos sociais e culturais.

Atualmente, todo este universo vem sendo ressignificado, pois as sociedades necessitam representar uma dimensão da sua vida através dos tempos, com isso transmitem novos valores e sentimentos que se caracterizam numa responsabilidade social. Embora algumas pessoas lamentem a “invasão”, outras veem nela um elemento positivo, que permite a inserção das comunidades locais no contexto nacional da qual se consideravam distanciadas. Dessa maneira, o Festival Folclórico de Parintins vai expandindo-se e permitindo que no seu espetáculo seja inserido novos elementos que ajudam a compor o cenário local, nacional e internacional da festa, a qual vem proporcionando aos brincantes e telespectadores conhecimento e informações sobre a Amazônia por meio da sua brincadeira do boi-bumbá.

A cultura do boi-bumbá amazônico representa a memória social e a força cultural que expressa a tradição atual de um povo em relação às suas tradições antigas, que são reinterpretadas de acordo com a formação histórica do local, neste caso a Amazônia.

Na perspectiva de Assayag (1995, p. 28):

O nosso folclore tem os pés fincados na tradição, mas tem também as mãos livres para criar e inventar. Respeita os mitos, mas sai em busca de novas aventuras; pesquisa lendas, mas encontra técnicas e estilos diferentes. É um navegador em busca de outras dimensões.

Apesar de seguir a tradição, o folclore parintinense também inova, recria sua própria história, pois em busca dessas novas dimensões o bumbá insere a figura do índio, o qual segundo Vieira Filho (2003, p. 48): “Representa a tradição cultural, mas ao mesmo tempo, devido à ação dos artistas e pesquisadores, é o símbolo da modernidade, pois sofre influência de inúmeras culturas na sua roupagem e performance”. Assim, ao inserir novos componentes à brincadeira, o boi de Parintins representa ao mesmo tempo o tradicional e o moderno, pois simboliza uma festa do povo.

A modernidade é entendida como uma nova visão de mundo relacionada aos vários momentos da história na Idade Moderna e, principalmente com o desenvolvimento do capitalismo, pois o mesmo trouxe um “grande avanço tecnológico” e permitiu as sociedades “modernizarem-se”.

Conforme Ortiz (1991, p. 263): “A modernidade é um modo de ser, uma sensibilidade. Em termos antropológicos eu diria, ela é uma cultura, uma visão de mundo com suas próprias categorias cognitivas”, pois a partir do momento que o homem rompe com determinados costumes e hábitos expressa-se como um indivíduo livre, conquistando seus direitos e modificando suas estruturas cognitivas e intelectuais.

Apesar do conceito de modernidade ser muito aplicado por várias pessoas, merece uma profunda reflexão, pois para se ter uma nova visão de mundo não se pode perder a noção e aproveitamento do passado para que haja um equilíbrio entre o tradicional e o moderno, vislumbrando-se um novo homem, uma nova sociedade.

Entretanto, para Kumar (1997, p. 92): “A modernidade em geral é concebida como um conceito aberto. Implica a idéia de continuação ininterrupta de novas coisas”, isto é, se caracteriza como uma revolução permanente de idéias porque coloca o indivíduo em andamento para que seja um ser político capaz de lutar pelos seus ideais. Isso torna o termo complexo para um único entendimento, pois nem tudo que é considerado moderno numa época pode ser em outra.

Segundo Kumar (1997, p. 91):

[...] modernidade significava rompimento completo com o passado, um novo começo baseado em princípios radicalmente novos. E significava também o ingresso em um tempo futuro expandido de forma infinita, um tempo para progressos sem precedentes na evolução da humanidade.

Tal fato tornou-se importante e decisivo para a história da humanidade, pois trouxe ao mundo um novo jeito de pensar e, conseqüentemente, um novo homem com uma visão amplificada da realidade e capaz de transformá-la. Assim, no Festival Folclórico de Parintins também houve a necessidade de modernizar a festa, romper com alguns ideais, buscando inovações que fazem o espetáculo do boi-bumbá da Amazônia se perpetuar ao longo do tempo.

Por outro lado, é pensar que o passado nos ajuda a compreender aquilo em que nos tornamos, ou seja, é uma orientação decisiva para o futuro, pois permite ao homem desvendar os mistérios que o cercam e poder solucioná-los na tentativa de encontrar novos caminhos que o conduzam a sua liberdade de pensamento.

Ainda na perspectiva de Kumar (1997, p. 111):

[...] a modernidade que fora definida como um “rompimento com a tradição”, tornou-se em si uma tradição, a “tradição do novo”. Sob a força do modernismo, a modernidade veio a tornar-se nada mais do que inovação sem fim: mudanças intermináveis de estilo, ciclos intermináveis de moda.

Desse modo, a modernidade é alimentada pela tradição, sem ela, ou seja, sem raiz, a base, a modernidade não é nada. Isto é, tradição e modernidade são aliadas em busca de novos conceitos para explicar o significado de determinados fatos sociais que vêm acontecendo ao longo da história, pois a tradição do novo significa que a todo tempo surgem inovações que compõem o cenário mundial e promovem um novo olhar sobre a realidade.

À medida que a sociedade se mundializa, há necessidade de inovações, por isso, Ortiz (1991, p. 268) “acredita que a modernidade é uma imposição dos tempos”, pois conforme ele, quanto mais o tempo passa mais o mundo fica “dinâmico e desenvolvido”. Assim, é natural que as sociedades se identifiquem com um novo modo de pensar e adquiram outros hábitos e modos de vida diferentes. Dessa maneira, promovem uma certa individualidade entre as pessoas porque as peculiaridades também produzem diferenças.

Entretanto, a modernidade para outros autores e estudiosos como Canclini (2000, p. 25): “É vista então como uma máscara. Um simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos estatais, sobretudo os que se ocupam da arte e da cultura, mas que por isso mesmo os torna irrepresentativos e inverossímeis”, ou seja, a modernidade ao longo da história, na tentativa de promover o desenvolvimento, organizou determinadas

sociedades em culturas nacionais, porém houve um grande engano, pois muitas populações ficaram à margem desse processo e com isso, foram excluídas.

Para Canclini (2000) o tradicionalismo, atualmente, pode combinar com o moderno praticamente sem conflitos, desde que um exalte a cultura e o outro os setores econômico e social. A busca pelo moderno nas tradições parece caracterizar-se como fins lucrativos que servem para divulgar e perpetuar as tradições no decorrer dos anos e, ao mesmo tempo, incluir a modernidade nas culturas populares.

Dessa maneira, tradição não se contrapõe necessariamente a modernidade, por isso na concepção de Carvalho (1995, p. 58 e 59):

[...] ao estudar-se qualquer manifestação da cultura popular, tradição/modernidade precisam ser encaradas como elementos que convivem dialeticamente, determinados pela dinâmica social. A tradição para se manter para se reproduzir precisa atualizar-se, modernizar-se. A modernização é, pois uma exigência para a reprodução da tradição. Enfim, a atualização cotidiana é uma condição histórica para manter viva a tradição no interior da sociedade, que se transforma cotidianamente na ação de sujeitos concretos, gerando sempre novas formas de viver, de pensar e de agir.

Conforme o pensamento supracitado, tradição e modernidade devem ser vistas como aliadas no processo da dinâmica social, pois ambas se complementam e estão interligadas por meio das relações sociais estabelecidas pelos grupos. Uma necessita da outra para manter-se viva seja na memória seja no cotidiano das pessoas, transformando suas ações em novas maneiras de realizar as atividades do dia a dia.

Como tradição cultural popular, o boi-bumbá de Parintins reproduz muito do cotidiano do índio, do caboclo e do ribeirinho, porém, devido ser um elemento tradicional requer uma reatualização de sentido, pois a sociedade atual exige novos padrões e demandas no campo das produções culturais e, conseqüentemente, das manifestações culturais que representam a dimensão de vida de um coletivo.

Assim, conforme Bornheim (1987, p.29): “Tradição e ruptura se espelham reciprocamente e a dialética dos dois termos esclarece a quantas andamos nessa grande esquina que é a história de nosso tempo”, por isso a tradição se mantém porque não fica isolada no tempo e no espaço; então, de acordo com o movimento e a dinâmica das relações sociais há necessidade de inovações, modernizando assim a reprodução da tradição, que é uma exigência da sociedade atual, pois determinados grupos têm interesse em absorver e adaptar as manifestações culturais à lógica capitalista como forma de reprodução do capital, articulada ao mercado por intermédio do turismo, lazer

etc. Assim, o próprio capitalismo tem interesse em manter determinadas manifestações populares vivas e atuais, porém são apresentadas de modo a assumir outro papel, às vezes, sendo desvinculado do seu significado e importância perante a comunidade.

2.3 Espetacularização da brincadeira: rupturas, permanências e inovações

A simples brincadeira de boi-bumbá que começou na rua como comemoração aos festejos juninos e para celebrar a amizade entre as famílias parintinenses, atualmente atingiu outro caráter. A festa era das famílias, dos parentes que chegavam, se uniam ao redor das fogueiras ou dos bois para compartilhar as comidas típicas e os valores em relevo no período do Festival. Hoje alcançou novas proporções e espaço na arena do bumbódromo, onde é apresentado o grandioso Festival Folclórico de Parintins, o qual expressa a rivalidade entre Caprichoso e Garantido.

Atualmente, o Festival representa um dos maiores festejos populares do norte do Brasil, pois é uma festa que tem exercido influência sob as demais festividades realizadas na região Amazônica, devido a sua tradição e inovações que fazem desse Festival um folclore magnífico e que proporciona ao município novos horizontes.

Menezes (1972, p. 31) acredita que o bumbá do norte é:

Na sua singeleza, no tradicionalismo de sua essência popular, uma recomposição, desativada, com elementos informativos e mnemônicos do que era o auto do “boi”, o Bumbá do Norte, há muitos anos vem se transformando, um tanto dramático, com ressaibo satírico e cômico.

O boi-bumbá da Amazônia deu ao auto do boi maranhense uma nova roupagem, transformou a brincadeira, pois inseriu novos elementos regionais à dramaturgia, de acordo com as peculiaridades do local. Dessa maneira, o Festival de Parintins é uma ação contemporânea dinâmica que se volta para o passado, fazendo sentido no presente, demonstrando suas especificidades locais e seu ponto de preocupação com a Amazônia, que ganhou o mundo com seu folclore.

De acordo com os moradores, no que se refere à P8, se acreditam que o Festival é uma ação contemporânea que se volta para o passado para explicar o presente, 100% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis, pois conforme o entrevistado B: “Com certeza, pois hoje o boi procura estudar sobre a formação e ocupação da Amazônia para explicar o presente e a formação do seu povo”. Assim, através das informações do passado é possível compreender melhor o presente por meio das toadas e dos rituais.

Voltar ao passado para tentar explicar o presente é que faz este Festival se engrandecer, pois leva em consideração elementos da formação e ocupação social de seu território, bem como suas etnias indígenas que fazem parte do contexto da história da região amazônica. É nessa dinâmica que o boi se fortalece, pois ao inserir novos elementos à brincadeira não rompe com o passado, pelo contrário, estabelece um novo olhar sobre essa manifestação folclórica que é o boi-bumbá do norte. Assim, Vieira Filho (2002, p. 33) diz que: “Hoje o Festival não é mais uma simples repetição de rituais tradicionais, e sim um espaço onde a comunidade, através de seus artistas, faz suas reivindicações, cria novas visões de mundo e novas utopias para Amazônia”.

Na visão de Menezes (1972, p. 31 e 32) o boi do norte também foi:

Modificando-se para o teatro do povo, ou seja, para exibições em parques juninos, tem sofrido variações diversas, desde o uso dos instrumentos, com a introdução da cuíca, de surdos, de tamborim, de cabaças chocalhantes, ou pianos de cuia. A música das toadas em vez de constituir simples e amolentadores efeitos melódicos [...] passou a adaptação dos sambas de breques, de rancheras, de rumbas, de mambos, de tangos em modificações oriundas e vinculadas as influências modernistas e ao extraordinário senso de assimilação auditiva do povo e dos compositores anônimos.

Inúmeras foram às modificações ocorridas no boi-bumbá, não só na introdução de novos ritmos e instrumentos musicais nas toadas, mas sobretudo na apresentação, pois o mesmo tornou-se conhecido como teatro do povo, devido se apresentar para uma grande platéia. De certa forma, as alegorias ficaram gigantescas e a indumentária dos brincantes adquiriu contornos regionais, no caso, indígenas, que exaltam a cultura local.

Nesse caso, para Rodrigues (2006, p. 141): “A compreensão da transformação do “auto do boi” no “Auto da Amazônia” e a construção do novo discurso assumido pelos bumbás começa com o entendimento da formação da sociedade amazônica atual”, isto é, na época do Brasil Colônia a mão de obra que sustentou a base da economia na Amazônia foram os indígenas, pois conheciam os “segredos da floresta” como ninguém. Dessa maneira, a figura do índio foi inserida ao folclore popular amazonense como forma de homenagear e valorizar a cultura indígena que tanto influenciou na formação cultural e social do povo amazônico.

O que se percebe na relação entre tradição e mudança cultural na perspectiva de Vieira Filho (2003, p. 27) é que “não existe no discurso dos agentes culturais um projeto de romper com as origens e, sim um projeto de dar vida, dar novas cores, novas

roupagens às antigas tradições, às raízes culturais”, ou seja, essas mudanças trouxeram reconhecimento para a festa, pois agora é conhecida no cenário nacional e internacional.

Desse modo, fica evidente para o autor que não há intenção dos dirigentes dos bumbás em modificar completamente o Festival de Parintins, mas sim aperfeiçoá-lo com novas técnicas que enriqueçam a sua apresentação. Ainda, conforme Vieira Filho (2003, p. 35): “As tradições permanecem com algumas rupturas e inovações. Novos espaços são criados, sugerindo diferentes concepções, formas e configurações de novos valores tradicionais rurais com os valores modernos da vida urbana”. É nesses espaços de mudanças que a tradição se torna visível, pois é com base nela que se configura a adaptação das festas populares por meio de novos valores e formas de apresentação.

Conforme o grupo de moradores em relação à P6, sobre as rupturas, permanências e inovações que a festa proporciona, 75% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis, como o entrevistado A: “Toda evolução causa rupturas, pois nossas alegorias antes eram artesanais, hoje têm movimentos. Permanece a forma de brincar com alegria, utilizando as cores do seu boi. A inovação é a tecnologia na alegoria e na música”. Entretanto, 25% (ver gráfico 2, p. 117) são desfavoráveis, como o morador B: “Mudou muita coisa, por exemplo, a morte do boi que não acontece mais no bumbódromo e a inserção dos itens como cunha-poranga, sinhazinha e outros”.

Assim, fica claro que algumas mudanças ocorreram na forma de apresentação e no brincar de boi na Amazônia, especialmente em Parintins, por isso, Vieira Filho (2003, p. 36) afirma que:

Os processos de rupturas, permanências e inovações engendrados nos bumbás acontecem de forma dinâmica e dialética. Jamais são totalizantes e eternos, mas circunstanciais e históricos. Podemos apontar uma das principais rupturas com o boi tradicional, a eliminação da representação da morte do boi causada por Pai Francisco para satisfazer os desejos de Mãe Catirina.

De acordo com este pensamento, as mudanças nas festas populares são inevitáveis, pois é por meio delas que outros conceitos são definidos e estabelecidos para tornar o bumbá de Parintins diferente das demais manifestações populares envolvendo bois no país e no mundo. Contudo, essas mudanças não são eternas, o que há são momentos de rupturas, porém com permanência de certos valores e dinâmicas que proporcionam alegria, sentimento e emoção à festa.

Por isso, na opinião de Assayag (1995, p. 33): “As mudanças são inevitáveis, afinal todas as manifestações que envolvem povo precisam, visceralmente, ajustar-se à cultura local. Sejam elas de ordem moral ou legal, pagãs ou sacras. [...]”. Nessa perspectiva, verifica-se que a maior ruptura do bumbá do norte com o bumba-meu-boi do Maranhão acontece pelo fato de não haver mais a morte do boi no auto da apresentação. Isso não ocorre mais nos três dias de espetáculo, porém o boi Garantido “morre” no mês de julho e o Caprichoso “foge” para não ficar igual o contrário. Não há um dia fixo para este feito, mas acontece no mês de julho; até aqui a rivalidade entre os bois impera. E para não ficarem iguais, cada um escolhe uma maneira de sair da cidade e reaparecer no ano seguinte, isto é, um ressuscita e o outro retorna das matas para a cidade e recomeçam os festejos “juninos e bubalinos” no município de Parintins.

É com base nessa rivalidade entre Caprichoso e Garantido que Valentin (2005, p. 177) afirma que “os bois de Parintins, com sua reciprocidade conflitiva, valorizam a disputa e representam, assim uma troca agonística, onde a luta entre os contrários leva não a uma desintegração ou ruptura, mas a uma união cada vez mais forte e sólida”. A disputa desses bumbás não promove desunião, pelo contrário, gera a união entre os grupos adversários e faz com que ambos solidifiquem os laços de fraternidade para que juntos possam apresentar um belo espetáculo. Essa união caracteriza uma inovação na brincadeira, pois no início as torcidas adversárias e os bois não podiam se encontrar nas ruas da cidade que era briga na certa, mas com o passar dos anos as associações dos bumbás foram percebendo que esse tipo de comportamento não era bom e isso foi desaparecendo.

Nas últimas décadas outra inovação percebida no Festival de Parintins é a questão ambiental, que na visão de Santos (2001, p. 94):

Ao longo de sua existência, os bumbás de Parintins têm sofrido transformações, inovações permanentes, têm incorporado mensagens ambientais em forma de protestos, cobranças políticas, denunciando agressões ao Meio Ambiente, evidenciando a extinção da fauna e da flora, exaltando a difícil situação das populações indígenas.

Segundo a autora, uma das maiores inovações ao longo dos festivais é a bandeira levantada pelos bois sobre a questão ambiental, haja vista no começo da brincadeira as associações utilizarem muitas penas de aves raras para a confecção das fantasias e adereços, porém com o advento da tecnologia, hoje os bumbás utilizam penas sintéticas

similares as de aves que têm o mesmo efeito na utilidade e beleza das fantasias, sem a necessidade de sacrificar animais.

Atualmente, os bumbás entenderam a importância de preservar a natureza, por isso, em suas toadas há o clamor de preservação do Meio Ambiente, a preocupação com fauna e flora local, sobretudo as etnias indígenas que compõem a região e vêm sofrendo com as ações do homem. Assim, em sua apresentação na arena os bois também fazem protestos e denúncias dos problemas socioambientais que vêm ocorrendo e, por meio de sua festividade, aproveitam para incorporar à brincadeira mensagens ambientais que sensibilizem as pessoas para esses problemas que atingem a população local e mundial.

Essa é uma inovação que vem sendo bem recebida pelos brincantes, espectadores e telespectadores, ou seja, todos os envolvidos direta e indiretamente com os bumbás, pois há essa necessidade de inserir nas manifestações culturais a questão ambiental devido esta ser um fator importante de preocupação das sociedades atuais.

Na festa do boi também houve a introdução de novos valores: econômicos, culturais e sociais, levando em consideração, sobretudo, os valores comunitários e, principalmente, as relações desenvolvidas por seus membros com as novidades no boi-bumbá de Parintins por intermédio da inserção dos turistas, da mídia e das empresas interessadas no consumo que a festa desperta e proporciona às pessoas e empresas. As transformações que ocorrem não podem ser analisadas apenas pelo viés econômico porque outros setores também são afetados e requerem análise mais cuidadosa.

Assim, de acordo com a P10, referente às maiores contribuições dessa festa para o município, 100% dos entrevistados (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis, conforme o morador C: “As contribuições culturais e, principalmente, econômicas, pois a festa traz investimento para a cidade, por isso sua importância é muito grande porque gera emprego e renda para o povo parintinense”. Segundo o grupo de moradores entrevistados, esse Festival é o propulsor de muitas melhorias no município como na arrecadação de renda, nas condições sociais e econômicas, pois é investido muito dinheiro na cidade para proporcionar esse espetáculo.

Desse modo, tanto o Festival quanto Parintins, na concepção de Valentin (2005, p. 125): “Cresce em várias direções: o espetáculo torna-se mais monumental e incorpora cada vez mais elementos de fora do seu, até então restrito universo; torna-se mais conhecido, através da divulgação nacional e internacional profissionalizada [...]”. Esse crescimento tem representado para o município melhorias significativas em vários setores, pois o espetáculo do boi-bumbá colabora para que a cidade divulgue sua festa e

fique mais conhecida já que a mesma tem um fluxo considerável de visitantes durante o ano todo, especialmente turistas estrangeiros.

Por isso, Nogueira (2008, p.40) diz que “o boi-bumbá de Parintins pode, nesse caso, ser tomado como referência da concepção de um aperfeiçoamento técnico e organizacional”, pois foi a partir de sua apresentação no bumbódromo que a festa ganhou projeção mercadológica, isto é, televisiva e turística, produzindo um espetáculo magnífico com direito a patrocinadores e divulgação nos meios de comunicação.

Nessa mesma perspectiva, Trigueiro (2005, p. 2) compreende que:

As manifestações populares (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc) já não pertencem apenas aos seus protagonistas. As culturas tradicionais no mundo globalizado são também do interesse dos grupos midiáticos, de turismo, de entretenimento, das empresas de bebidas, de comidas e de tantas outras organizações sociais, culturais e econômicas.

De acordo com o pensamento do autor, a maioria das festas populares transformam-se para atender as demandas do mercado de consumo. Para isso, os processos de divulgação e incorporação dos valores das festas são modificados, sendo caracterizados como processo cultural em movimento. Assim, nesse processo de troca de valores simbólicos há um paradoxo, pois para um grupo as festas populares têm apenas significados lúdicos, religiosos, míticos, porém para outros grupos elas têm apenas interesses de negócios, isto é, interesses econômicos que transformam o caráter das festas para produtos de consumo utilizados pelo maior número de pessoas possível.

Conforme Trigueiro (2005, p. 3): “A espetacularização das culturas populares não é uma coisa tão nova como se pensa, a mudança é nos métodos de produção, na velocidade da distribuição e no mercado de consumo desses bens culturais”, ou seja, atualmente, a espetacularização das culturas populares se intensifica e ganha maior visibilidade, pois as pessoas se apropriam de determinadas manifestações culturais e com isso incorporam novos valores através da mídia. Porém, segundo o pensamento do autor, essa espetacularização das culturas populares vai continuar acontecendo, pois caracteriza-se como desejo das classes populares de brincar nas ruas e espaços públicos das cidades.

Conforme Canclini (2000, p. 216):

A incorporação dos bens folclóricos a circuitos comerciais, que costuma ser analisada como se seus únicos efeitos fossem homogeneizar os formatos e dissolver as características locais, mostra que a expansão do mercado

necessita ocupar-se também dos setores que resistem ao consumo uniforme ou encontram dificuldades para participar dele.

É inegável que o crescimento das culturas tradicionais se dá por intermédio dos meios de comunicação, porém o uso comercial excessivo de bens folclóricos pode gerar um aproveitamento histórico e popular do folclore local, bem como motivar a população para o crescimento econômico e social da cidade, expandindo o seu folclore.

Assim, o boi de rua ao virar boi espetáculo deixou de ser uma simples brincadeira de amigos e passou a uma festa grandiosa com direito a uma megaestrutura pelos meios de comunicação, capaz de influenciar e modificar o pensamento de uma sociedade ao inserir novos valores culturais. Por isso, de acordo com Debord (1997, p. 14): “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens”. Quer dizer, é o modo de produção existente, pois por intermédio dessas relações sociais representa o modelo da sociedade dominante.

Portanto, na concepção desse autor (1997, p. 30): “O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela”, ou seja, o Festival de Parintins torna-se uma mercadoria que, atualmente, tem o custo bastante elevado, porém com a influência da mídia atrai e desperta o interesse das pessoas em conhecer a região Amazônica com seus mitos e lendas.

A dinâmica da cultura, seu processo de transformação permitem ao longo do curso de sua história, a aquisição de novos elementos e o abandono de outros, por isso para Rodrigues (2006, p. 137):

As transformações ocorridas na forma de construir as apresentações deixam claro o processo de assimilação pela indústria cultural do folguedo do boi-bumbá em Parintins. Depois que deixou a rua e passou a se apresentar nas quadras e, mais tarde, no bumbódromo, os bois deixaram de ser manifestações espontâneas da comunidade e viraram um espetáculo grandioso, planejado em todos os detalhes, com o objetivo de conciliar a intenção de transmitir mensagens permeadas de elementos folclóricos, amazônicos e tribais.

Desse modo, é visível para o autor que a indústria cultural transformou o folguedo do boi-bumbá numa mercadoria, de forma a agradar os consumidores que participam dessa festividade. Assim, na tentativa de transmitir a mensagem do tema escolhido pelo boi e emocionar as galeras e os jurados as associações folclóricas utilizam-se de vários argumentos para defender seu bumbá. Com isso, às vezes acabam

exagerando no seu modo de apresentar-se na arena do bumbódromo, devido agora ser considerado um espetáculo planejado e preparado para um grandioso público.

Entretanto, o Festival de Parintins, atualmente, apesar de ter incorporado muitas novidades à apresentação dos bumbás não alterou o núcleo narrativo que ainda conserva alguns elementos da versão original. Assim, a festa vai transformando inclusive o critério de “pertencimento” que ela mesma proporcionava e que constituía uma de suas forças principais.

2.4 A figura do índio inserida ao folclore amazônico

O índio está presente na região amazônica desde a colonização portuguesa e sua figura representou muito para o colonizador, pois foi ele quem ensinou os segredos da floresta. Contribuiu também para o folclore amazônico de modo expressivo por meio de suas riquezas culturais e seus ensinamentos por intermédio de seus mitos e lendas.

Benchimol (1999, p.22) “acredita que a contribuição indígena cabocla para a ocupação da Amazônia, foi no entanto, considerável e sem ela a tarefa de descoberta e exploração teria sido impossível”, pois os índios já estavam presentes na região Amazônica havia muito tempo e conseqüentemente, dominavam os segredos da floresta, bem como dos rios e da terra. E como tinham esse domínio foram obrigados a ensiná-los ao colonizador e, com isso, foram perdendo suas terras e espaço para o branco e até mesmo a vida porque foram forçados ao trabalho escravo em busca das famosas drogas do sertão, das especiarias, e de outros utensílios que a região dispunha e não eram conhecidos pelo colonizador.

De acordo com o pensamento de Mendes (1998, p. 41):

A Amazônia sempre foi um universo que abrigava centenas de povos indígenas, com variantes e complexas formas de organização social, tendo a taba (morada coletiva) como célula definidora dos aspectos de poder, das normas morais, das crenças religiosas, das relações de produção, resultando em elementos culturais comuns da sociedade primitiva, onde são impossíveis a desigualdade, a exploração e a divisão.

Essa complexidade de diferentes povos indígenas na Amazônia ajudou a fortalecer o modo de viver e conviver dessas sociedades, pois através dessas diferenças foi possível uma organização social que visa o bem comum de todas as tribos seja na distribuição do trabalho, seja na educação e demais atividades.

Sempre houve entre os índios formas próprias de educação indígena, entendida como todo o conhecimento que uma comunidade ou povo possui e que é de domínio de todos, transmitido de pais para filhos, e necessário para se viver bem. Neste sentido, educação para eles é o processo por meio do qual toda pessoa aprende a viver. Isso se dá na família, na comunidade e/ou no povo.

Conforme a P7, se os entrevistados sabem porque a figura do índio foi inserida no Festival de Parintins, 100% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis e afirmam, como o morador A que: “Sempre houve a presença do índio desde o auto do boi maranhense, só não era como hoje, mas já havia a participação deles e isso faz enriquecer a nossa apresentação porque estamos valorizando a nossa região”.

A população indígena sempre fez parte do cenário regional da Amazônia, por isso sua participação no folclore dessa região é indispensável, pois é a partir de sua presença e cultura que os mitos e lendas foram se constituindo e fazendo parte do saber local e, conseqüentemente foram inseridos à vida desse povo.

É por isso, que Mendes (1998, p. 45) enfatiza que:

O Festival Folclórico de Parintins se torna um grande encontro dos povos, seja pela diversidade de pessoas que se deslocam a essa ilha situada em plena floresta Amazônica, seja pelo próprio conteúdo da festa dentro da arena que envolve as formas mais representativas das raças que contribuíram para formação dessa civilização cabocla.

O Festival de Parintins vem sendo considerado um grande encontro ou festa dos povos porque é uma festa singular, porém com caráter plural devido abordar em suas temáticas os povos responsáveis pela formação do povo brasileiro e, sobretudo por levar em consideração as etnias indígenas como forma de homenagear, valorizar e sensibilizar as pessoas para a questão socioambiental do homem amazônico.

A figura do índio sempre esteve presente no “auto do boi”, porém na região Amazônica devido à concentração das mais variadas etnias indígenas, o índio aqui ganhou um destaque maior na apresentação dos bumbás de Parintins, pois foram responsáveis pela ocupação e formação social e cultural da região.

Assim, para Fernandes (2001, p. 86):

O boi-bumbá que se apresenta hoje em Parintins dá ênfase a outros elementos culturais, pois visa valorizar as raízes regionais indígenas, afirma positivamente uma identidade cabocla, onde as personagens indígenas relacionadas a esse conjunto foram aos poucos dele se destacando e

ganhando crescente importância como é o caso da cunha-poranga, do pajé, das tribos e do ritual, ponto máximo nas apresentações dos bumbás.

Nas últimas décadas, os bumbás de Parintins têm levado em consideração às questões relacionadas à vida e à formação do povo que compõe o cenário amazônico. Desse modo, na tentativa de valorizar suas origens indígenas, o boi de Parintins enfatiza em sua apresentação os mitos, o lendário amazônico, bem como sua identidade cabocla que é afirmada através dos elementos culturais que constituem sua história.

De acordo com Cavalcanti (2002, p. 130 e 131):

Os signos “índio” e “caboclo” elaborados pelo bumbá de Parintins operaram uma abertura e uma transformação no meio social e no imaginário local e tornaram o bumbá capaz de provocar a identificação de diferentes camadas sociais da região. A novidade, portanto, reside na adesão popular (e, por aqui, entendo elite e povo) a uma auto-imagem regional mediatizada pela elaboração ritual dos signos “índio” e “caboclo”.

Para a autora, aos poucos a valorização cultural amazônica do índio e do caboclo foi firmando-se e, atualmente, transcende fronteiras de classe, pois na brincadeira do boi existem pessoas de todos os níveis sociais. Nessa perspectiva, é uma festa que permite a integração e valorização de elementos regionais e urbanos em um novo contexto, interagindo com outros grupos sociais.

Conforme Braga (2002, p. 67): “[...] o auto do boi ou a comédia do boi, originalmente uma composição do negro, índio e branco, adquiriu em Parintins motivos novos, resgatando a cultura indígena, dignificando o índio, sobretudo a mulher índia”. Devido a essa valorização indígena, novos destaques surgiram no auto da apresentação do boi-bumbá, isto é, foi inserida a figura da cunhã-poranga que representa a mulher guerreira e mais bonita da tribo, assim como o pajé que tem o poder de realizar curas e salvar vidas dos índios na aldeia, é uma espécie de médico, curandeiro.

Ambos dentro do Festival têm o papel de desempenhar a bravura das tribos em rituais indígenas que são considerados a apoteose dessa festividade e segundo Maffesoli (2006, p. 47): “[...] o desenvolvimento do ritual [...] é repetitivo e por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo” e com isso, assegura a permanência do grupo. Entretanto, na concepção de Turner (1974, p. 120): “A experiência da vida de cada indivíduo o faz estar exposto alternadamente à estrutura e à *communitas*, a estados e a transições”, haja vista as

sociedades serem compostas por diferentes tribos, pessoas e grupos, os quais possuem um ciclo próprio de desenvolvimento e com isso, tornam-se mais diferentes.

Vieira Filho (2003, p. 58) afirma que as culturas indígenas brasileiras:

São a maior fonte de inspiração para os agentes culturais da festa. O critério de escolha dessas culturas não está bem definido. Parece prevalecer a beleza estética que cada tribo, de diferentes troncos lingüísticos, indistintamente, possa oferecer para a temática desenvolvida na arena. Os índios já estão presentes no boi tradicional, primeiro na figura do pajé que ressuscita o boi, e depois, quando ajudam os vaqueiros a prender Pai Francisco.

Segundo esse autor, os estudiosos e pesquisadores do boi-bumbá para obter inspiração em suas apresentações, escolhem as tribos indígenas por meio dos temas definidos pelos bumbás. Assim, de acordo com a temática definida eles escolhem as tribos que têm história e rituais que ajudem a compor o cenário de apresentação e possam embelezar e dar volume à festa, bem como divulgar a cultura indígena, clamando pela sua preservação. As pessoas responsáveis pela elaboração e programação histórica dessa festividade vêm nas últimas décadas estudando e pesquisando sobre as diferentes etnias indígenas que habitam a região Amazônica, para que sua apresentação possa ocorrer e ser fundamentada no modo de vida de determinada tribo, explorada e divulgada na arena do bumbódromo.

Porém, Guedes (2007, p. 117) enfatiza que de certa maneira:

É impossível omitir a prática idiotizadora contra a cultura indígena, através de macaqueações de rituais, crenças e mitos. Enquanto na arena aquele acervo milenar é mercadoria de luxo para “inglês ver”, os protagonistas inspiradores do processo, estrangeiros no evento, definham lentamente nas artimanhas da invasão cultural, contaminados pelas mazelas de tal civilização [...]

Do ponto de vista da autora, às vezes o exagero com que são abordadas as tribos indígenas na arena causa espanto, pois boa parte das tribos não vive ou convive com esses excessos de luxo, pelo contrário, após a invasão cultural que a colonização oportunizou, muitas etnias vivem de modo simples.

Por outro lado, Santos (2001, p. 100) afirma que “pode-se dizer que o Festival de Parintins é considerado um “rito de inversão” porque o propósito básico parece ser como dos carnavais”, pois sugere à sociedade o uso dos excessos, fazendo tudo ao contrário em suas festas, até mesmo quando propõe um novo olhar sobre o índio, diferente do convencional. Ou seja, nem tudo que se vê na arena é totalmente igual na

tribo indígena, por exemplo, o luxo das indumentárias serve para chamar atenção e dar um belo visual ao espetáculo. Ainda, conforme Santos (2001, p. 100): “O festival é inversão porque é competição numa sociedade marcada pela hierarquia”, ou seja, o povo se sente livre, alegre, permitindo a mobilidade e igualdade entre todos. Dessa maneira, o encanto e beleza da festa fazem a sociedade esquecer por três dias as necessidades fundamentais de seu cotidiano. Assim, quando o rufar dos tambores é silenciado, os antigos problemas voltam à tona e trazem consigo novos conflitos que precisam ser solucionados.

Sabe-se que o índio está presente desde o boi tradicional do nordeste, porém ao longo dos anos de apresentação o boi-bumbá de Parintins sofreu algumas modificações, por isso Vieira Filho (2003, p. 58 e 59) relata que:

As transformações que a figura do índio sofreu a partir da criação dos festivais desde 1965 não caracterizam uma ruptura, mas uma permanência renovada. Os índios representam a tradição mais antiga pela sua cultura milenar, porém, ao mesmo tempo, suas indumentárias, pinturas, artes plumárias, danças, mitos são representados de forma moderna a às vezes futurista.

A partir do momento que o boi se organizou em festivais houve mudanças significativas no modo de apresentação e uma delas foi a ênfase dada ao índio, não só em relação ao pajé e aos índios que ajudam a prender o Pai Francisco, mas também quanto às danças das tribos e seus rituais. Porém, de acordo com o autor, essas mudanças não representam ruptura, pois dão um destaque maior à figura do índio por meio de suas vestimentas, que exaltam a beleza das tribos indígenas amazônicas.

O bumbá de Parintins mistura a alegria da festa à celebração emocionada da consciência da destruição de muitos povos indígenas amazônicos, afirmando ao mesmo tempo, o valor positivo de uma identidade cabocla, construindo uma nova visão de mundo, por meio das mensagens divulgadas nas três noites de espetáculo com objetivo de socializar e reivindicar os anseios populares, proporcionando uma melhor qualidade de vida social e cultural ao povo parintinense.

Assim, nos temas propostos pelos bumbás nos últimos anos, Braga (2002, p. 62) verifica que há:

uma referência constante às populações indígenas, em especial, àquelas que habitam ou existiam historicamente na Amazônia, ao homem mestiço, caboclo e ao imaginário amazônico vistos sempre numa perspectiva política,

que “clama pela preservação da natureza” e defende as raízes culturais do povo parintinense e amazônico. Estas questões, sem dúvida, constituem uma novidade na tradicional história dos bumbás de Parintins, baseada na encenação da venda da língua do boi, mas, por outro lado, demonstram a peculiaridade que essa manifestação adquiriu na Amazônia e, sobretudo, em Parintins.

Dessa maneira, os temas escolhidos na festa dos bumbás, tratam sempre das peculiaridades e singularidades locais e regionais, em que estão presentes o caboclo, o índio e a mitologia regional, defendendo suas raízes culturais, referenciando a formação da sociedade parintinense e amazônica, a qual abriga um universo de povos indígenas e estratégias de organização social diversificadas. Por tudo isso, pode-se entender que a festa do boi-bumbá é uma visão das classes populares, como denúncia às injustiças sociais, preservação da natureza e valorização da vida.

É nessa perspectiva que os valores culturais internos e externos vão construindo e consolidando a identidade cultural do povo parintinense em que o boi não é visto apenas como uma brincadeira de arena, mas uma contextualização histórica, social, política, econômica e principalmente cultural, que envolve acontecimentos atuais, passados e até mesmo futuros.

Desse modo, Guedes (2007, p. 114) e outros autores parintinenses defendem a idéia de que o Festival Folclórico de Parintins:

Tornou-se um mito, e como tal, necessita de uma análise crítica, tendo como parâmetro o contexto político-histórico-cultural, para que ultrapasse os limites do ver, entre no mérito do julgar, e enfim, possa ser entendido, desvendado e direcionado no sentido de transformar-se em instrumento de educação e cultura.

Segundo a autora, a festa do boi-bumbá precisa passar por uma análise crítica. É necessário ter claro qual o sentido dessa festa permanecer até os dias atuais e, principalmente deve tornar-se um instrumento de educação e cultura, pois é por meio dela que as transformações vêm acontecendo no município. Por isso, é fundamental definir quais estratégias serão utilizadas para promover um melhor entendimento sobre essa festividade e utilizá-lo em prol da educação parintinense. Ainda na perspectiva de Guedes (2007, p. 116): “É possível estabelecer parâmetros no tocante a perdas e ganhos para enfim diagnosticar até que ponto o Festival está sendo promotor de educação, cultura garantindo crescimento efetivo da economia e vida digna para todos”. Assim, ao se estabelecer esses parâmetros, fica mais fácil saber e verificar qual o crescimento e a

expectativa que essa festa desperta na comunidade para então aproveitá-la de forma correta e igual para a cidade.

Em relação à P9, se o Festival contribui de alguma maneira no campo educacional, 100% (ver gráfico 2, p. 117) são favoráveis, como o entrevistado B: “Sim, colabora muito porque é contada a história do povo da região amazônica, surgem vários artistas, poetas, compositores, músicos e outras atividades”. Desse modo, além de debater temáticas atuais o boi contribui de maneira significativa na aprendizagem dos alunos e da comunidade.

Portanto, para que o boi-bumbá de Parintins se constitua como um instrumento de educação é necessário ser visto e analisado sob a perspectiva de um olhar multidimensional, tanto pelos representantes dos bumbás, da escola, da comunidade, como pelas autoridades constituídas. Essa festividade afeta vários setores da cidade. Nesse caso, especialmente, o setor educacional. Desse modo, é fundamental o estabelecimento de estratégias educacionais que levem em consideração a cultura popular na construção do conhecimento científico para que a comunidade parintinense seja beneficiada e possa utilizar seu Festival a favor da educação.

3 A IMPORTÂNCIA DAS INFORMAÇÕES CONTIDAS NAS TOADAS DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

A manifestação cultural do boi-bumbá em Parintins partiu de uma brincadeira de rua e depois de arena, baseada no auto do boi maranhense. Com o passar do tempo e a grandiosidade da festa, essa manifestação cultural adentrou o espaço escolar e boa parte das escolas da cidade, em suas festas juninas, apresentam o seu “bozinho”. É nesse momento que alguns alunos podem ter seus talentos revelados, por meio da composição de toadas, confecção de fantasias e adereços; podendo, no futuro, tornarem-se artistas plásticos, artesãos, compositores, músicos, coreógrafos etc, nas agremiações folclóricas boi-bumbá Caprichoso e Garantido.

A escola tem como uma de suas funções sociais o pleno desenvolvimento das potencialidades do indivíduo em seus aspectos cognitivos, físicos, afetivos etc, por meio da aprendizagem de conhecimentos, valores, atitudes e habilidades que o conduzam a uma participação ativa em sociedade. Visando isso, algumas escolas da cidade de Parintins trazem para seu espaço a temática escolhida pelos bumbás que, de um modo geral, sempre faz referência aos povos indígenas da Amazônia, ao homem ribeirinho, caboclo, mestiço. Nessa temática são enfatizados também o imaginário amazônico e a mitologia regional, que clamam pela preservação da natureza, e, principalmente, enaltecem as raízes culturais do povo amazônico.

Nesse sentido, a escola é o espaço para a (re) construção dos saberes por intermédio de experiências diversificadas e vivenciadas pelos alunos e professores. É por meio dessas experiências que o conhecimento é construído e divulgado.

O bozinho das escolas funciona como uma espécie de treino, pois dele saem “itens”⁸ que futuramente podem compor os bumbás Caprichoso e Garantido como: cunhã-poranga, pajé, levantadores de toadas, sinhazinha etc. Esses “bois mirins” possuem sua estrutura baseada nos bumbás da cidade, por isso também tem ensaio, concurso de toadas e *slogan*. Porém, entre eles não há disputa, cada um se apresenta na festa junina da sua respectiva escola. Assim, acredita-se que essas atividades influenciam no comportamento dos alunos, pois os mesmos são expostos a novas experiências que auxiliam no seu contato com a arte e no desenvolvimento de suas potencialidades.

⁸ Personagens, figuras que compõem o cenário do boi-bumbá.

3.1 A escola como veículo de formação e informação

A escola não deve ser um espaço neutro, nem deve ser espaço de exclusão, pelo contrário, é o espaço que se destina à produção do conhecimento, exercício da cidadania, afirmação e produção de identidades. Tem como função social sistematizar e disseminar conhecimentos historicamente elaborados e compartilhados por uma sociedade, por isso os processos educativos em geral e, principalmente, aqueles que ocorrem em seu interior, constituem-se em dinâmicas de socialização da cultura. Nessa perspectiva, para Sacristan (2002, p. 154) a educação: “Socializa não apenas reproduzindo, quando transmite conhecimentos, valores e normas de conduta, mas também produzindo laços com o mundo, à medida que habilita para ser e entender-se como um membro deste”. Na verdade, a educação deve ter como princípio formar o indivíduo para a vida em sociedade, de modo a prepará-lo com conhecimentos acadêmicos e também do cotidiano, pois o mesmo necessita socializar-se e transformar o mundo.

Nessa direção, os processos educativos devem ter como meta formar cidadãos críticos e atuantes numa determinada sociedade, isto é, uma educação que promova o diálogo, respeito mútuo, solidariedade e autonomia dos sujeitos envolvidos.

Esses processos perpassam pelo cotidiano do aluno e em Parintins não poderia ser diferente, por isso, conforme os alunos entrevistados referindo-se à P1, 100% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis e gostam do Festival Folclórico que sua cidade promove, como o aluno C que enfatiza: “Sim, gosto muito porque é alegre, animado e traz muita gente para conhecer a cidade” e o aluno G: “Gosto porque o Festival além de oferecer emprego, demonstra a cultura de Parintins”. De acordo com a fala dos alunos, a maioria gosta porque é divertido, vêm pessoas de fora e, sobretudo porque mostra a cultura produzida em Parintins para o mundo.

Já para os professores, referente à P4, 75% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis ao Festival que a cidade promove e veem relação com a educação, como o professor B:

Como é uma manifestação cultural está intimamente ligada com a questão educacional de aprendizagem e ensino. Já traz nela mesma esse desenvolvimento e abordagens de temas voltados para a questão ambiental. O boi não é uma atividade cultural isolada da escola, precisa ser tratado em sala de aula.

Por não ser considerada uma atividade isolada da escola, o boi precisa ser visto com um novo olhar pelo corpo docente e a comunidade e ser tratado como tema transversal local, já que modifica toda a estrutura da cidade e, com isso, a escola.

Entretanto, 25% (ver gráfico 3, p. 118) são desfavoráveis a tal relação, como o professor D: “Pela festa folclórica é bom e traz renda ao município, porém também traz as más consequências porque depois a cidade fica suja, as pessoas não preservam. Na realidade, apesar de ser cultural, pra mim não tem vínculo educativo, é só diversão e festa”.

Como se pode observar, o professor se posiciona de forma negativa em relação ao Festival. É preciso ter em mente, entretanto, que assim como essa festividade traz malefícios à cidade, também pode trazer benefícios, desde que utilizada corretamente em prol da comunidade.

Por isso, Cortella (2003, p. 21) afirma que:

Todas e todos que atuamos em Educação, porque lidamos com formação e informação, trabalhamos com o Conhecimento. O conhecimento, objeto da nossa atividade, não pode, no entanto, ser reduzido a sua modalidade científica, pois apesar de ela estar mais direta e extensamente presente em nossas ações profissionais cotidianas, outras modalidades (como o conhecimento estético, o religioso, o afetivo etc) também o estão.

Na verdade, o conhecimento é um bem imprescindível na vida do ser humano, pois por meio dele o indivíduo é capaz de interpretar sua realidade e atuar sobre ela, porém não podemos desconsiderar as demais maneiras de produzir o conhecimento, pois ele não se dá apenas cientificamente e sim de diferentes maneiras por meio da arte, da música e várias outras formas de expressão.

Assim, a escola constitui-se num conjunto de atividades que permitem ao sujeito posicionar-se frente ao mundo, oportunizando a construção da base inicial para vivência efetiva de sua cidadania, por isso, Freire (1999, p. 31) acredita que “a educação não é o processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais [...]”, isto é, ao transformar a realidade o homem também se modifica, com isso, a escola no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos históricos, precisa ser um espaço de sociabilidade que possibilite a construção e a socialização do conhecimento produzido. Trata-se de conhecimento vivo e que se concretiza como um processo em construção.

Na compreensão de Freire (1999, p. 28): “A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém”. Conforme o autor, cada sujeito busca sua educação, a fim de tornar-se cada vez mais conhecedor de si mesmo, de modo permanente, para “ser mais”. É uma busca em comunhão com a coletividade, ou seja, a educação tem caráter permanente.

Para ir ao encontro a essa educação, o indivíduo precisa ter claro o conceito e a noção de cultura que o envolve, pois de acordo com o pensamento de Sacristan (2002, p. 99 e 100): “A cultura é a base de um potente vínculo social que nos aproxima das pessoas com quem partilhamos as representações do mundo, os traços culturais em geral e os modos de comunicação, formando um genérico “nós cultural”. É por meio desses nós cultural que as pessoas se educam em comunhão.

Com base nesse pensamento de se educar em comunhão, perguntamos aos professores, P8, se eles incentivam seus alunos a participar dessa manifestação folclórica que é o boi e 50% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis e incentivam, pois para o professor B: “Educação é vivência e por isso motivá-los a participar é sempre bom e, principalmente, orientá-los, pois o Festival apesar dos benefícios também tem coisas negativas”, ou seja, não é só incentivá-los, mas principalmente orientá-los. E 25% (ver gráfico 3, p. 118) são parcialmente favoráveis, pois segundo o professor A: “Nós professores não precisamos de muito esforço para incentivar nossos alunos, pois eles já estão envolvidos no processo”. Porém 25% (ver gráfico 3, p. 118) são desfavoráveis, como o professor D: “Não incentivo porque meus alunos são muito novos”. Mas se educação é vivência e essa construção se dá em comunhão, é preciso que alguns profissionais revejam seus conceitos e mudem suas posturas e práticas pedagógicas.

A mesma pergunta feita aos alunos, P2, referente ao fato dos professores os incentivarem a participar do boi, 62,50% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis e dizem que isso acontece, como o aluno E: “Eles falam para participar e tomar cuidado também”. Já 25% (ver gráfico 4, p. 119) são parcialmente favoráveis, como o aluno F: “Às vezes, alguns professores incentivam a gente a participar”. E 12,50% (ver gráfico 4, p. 119) são desfavoráveis, como o aluno A que é enfático ao dizer: “Meus professores não me incentivam a participar do Festival”. Porém, esse contato com experiências cotidianas é importante para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Por outro lado, na concepção de Giroux e Simon (1997, p. 96):

A primeira vista, pode parecer remota a relação entre a cultura popular e a pedagogia aplicada a sala de aula. A cultura popular é organizada em torno do prazer e da diversão, enquanto a pedagogia é definida principalmente em termos instrumentais. A cultura popular situa-se no terreno do cotidiano, ao passo que a pedagogia geralmente legitima e transmite a linguagem, os códigos e os valores da cultura dominante. A cultura popular é apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências, enquanto a pedagogia valida as vozes do mundo adulto, bem como o mundo dos professores e administradores de escolas.

É preciso que a cultura popular possa adentrar o espaço escolar, que a educação seja pensada por uma pedagogia que priorize a experiência dos alunos, unindo prazer e diversão à proposta curricular da escola, construindo, desse modo, um conhecimento baseado no cotidiano e no científico. O que se observa, entretanto, é que muitas vezes a escola prefere afastar de seus planejamentos o conhecimento que dá prazer aos alunos.

Com base nas respostas fornecidas pelos alunos e professores, no município de Parintins, percebe-se que já está havendo uma inclusão dessa cultura popular nas escolas, mas isto de forma pontual. É preciso que isso seja feito de maneira mais abrangente, como uma decisão do corpo pedagógico da escola.

De acordo com a P9, 100% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis e acreditam que o brincar de boi influencia muito na informação escolar, como o professor A:

Nossa escola tem o boizinho Garanchoso que serve de laboratório para nossos alunos, não só pra quem é item oficial do boi, mas na confecção dos cartazes, composição de toadas, é um aprender, saber e fazer arte. Tem também a questão da escolha das toadas, pois os alunos compõem, e os professores avaliam a parte gramatical, ortográfica, pois é uma atividade prática e prazerosa para os alunos e automaticamente estão praticando temas dos bois dentro da escola sem perceber.

Como pôde ser observado nas palavras desse professor, as toadas dos bumbás Caprichoso e Garantido podem auxiliar na construção do conhecimento científico, aliado à cultura popular. Assim, num misto de alegria e conteúdos, os alunos aprendem brincando e solidificam sua aprendizagem por meio das toadas.

É preciso pensar a escola como veículo de formação e informação ao mesmo tempo. Por meio da brincadeira do boi-bumbá observa-se que há um processo de formação e informação do aluno. Contudo, para que esse processo ocorra, é fundamental que a comunidade escolar tenha autonomia para decidir sobre suas atividades pedagógicas.

No desenvolvimento de sua função educacional e social de formação do cidadão, a escola deve favorecer o clima de respeito à diversidade, executar práticas

democráticas, dialogar com o corpo discente, levar em consideração as formas de pensar, agir e sentir diferentes presente em cada indivíduo.

Devido a escola ser um local de sistematização dos conhecimentos produzidos pela humanidade, compete a ela implementar e desenvolver uma pedagogia participativa e democrática. Para tanto, deve privilegiar o exercício do diálogo como forma de resolver conflitos e de ajustar pontos de vistas distintos.

Para Giroux e Simon (1997, p. 97):

A cultura popular e a pedagogia representam importantes terrenos de luta cultural que oferecem não apenas discursos subversivos, mas também relevantes elementos teóricos que possibilitam repensar a escolarização como uma viável e valiosa forma de política cultural.

A cultura popular e a pedagogia, cada uma ao seu modo, representam um contraditório terreno de luta, pois ambas expressam um importante espaço para discussão de questões relevantes ao ensino ministrado nas escolas, constituindo-se numa forma de crítica às relações existentes no campo escolar e fora dele. Possibilitam, ainda, um novo modo de pensar a educação. Na verdade, a escola precisa de uma pedagogia crítica que busque incorporar e fortalecer a experiência do aluno ao conteúdo curricular a fim de promover uma educação cidadã, solidária e participativa.

Em boa parte das escolas de Parintins ocorre evasão no período do Festival e no que o antecede devido alguns alunos trabalharem como artistas plásticos, porém esse índice na escola pesquisada não é vultoso, pois os alunos entrevistados são do turno matutino do 6º ao 9º ano. Com isso, foi perguntado ao grupo de professores, P6, como é o comportamento dos alunos nesse período e 50% (ver gráfico 3, p. 118) são parcialmente favoráveis, como o professor C: “Os alunos ficam muito agitados, mas não há evasão aqui na escola pelo turno da manhã”. E 50% (ver gráfico 3, p. 118) são desfavoráveis, conforme o professor D: “Há sim um visível desinteresse por algumas disciplinas, pois mexe com a cabeça dos alunos, há uma agitação maior por parte deles, uma expectativa por uma festa que eles não sabem bem o que é”. Ou seja, a festa afeta o comportamento dos alunos de modo visível.

Para a mesma pergunta, P4, feita aos alunos, sobre o comportamento deles nesse período, 62,50% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis, pois segundo o aluno D: “Não faltou e o meu comportamento também é normal”. Porém, 37,50% (ver gráfico 4, p. 119) são parcialmente favoráveis, como o aluno G: “Eu não faltou as aulas, mas meu

comportamento muda, fico ansioso porque aparecem pessoas novas na cidade e fazemos amizade”. O que ocorre nessa escola é um fato isolado, pois não há uma evasão em massa, o que se percebe é que, segundo os professores e os próprios alunos, o comportamento deles muda e, conseqüentemente, o desinteresse nas aulas é visível.

Na perspectiva de Sacristan (2002, p. 148): “[...] a educação para a cidadania é toda uma visão de como se deve pensar, planejar e desenvolver a escolarização sob o ponto de vista de que assim se contribui para a reconstrução e a melhoria da sociedade”. Porém, a construção de uma sociedade democrática exige a formação de uma nova cultura que é permeada pela educação e se materializa nas diferentes situações de aprendizagem do sujeito, enquanto indivíduo político-social. Ainda conforme Sacristan (2002, p. 221): “[...] a escola não é uma simples encruzilhada de influências culturais externas, junto a outras que se criam em seu seio; ela é um “invento” normativo com projeto próprio”, por isso pensar a sua função e da educação implica problematizar a escola que temos na tentativa de construir a escola que queremos, diferente dos padrões habituais, ou seja, que considere o aluno em sua complexidade.

Ainda de acordo com Sacristan (2002, p. 169):

A escola, enquanto organizadora de vida social, assim como o currículo e os métodos pedagógicos, deve ter como referentes essenciais o desenvolvimento e o respeito pela liberdade do indivíduo, pela escolha racional e por sua autonomia, assim como queremos que ocorra na vida política.

A escola, na verdade, deve organizar seu currículo e conteúdos de modo a respeitar a maneira de pensar, sentir e agir do indivíduo e, principalmente, respeitar suas diferenças na tentativa de promover sujeitos com autonomia e liberdade de escolha. Entretanto, o respeito a essa liberdade acontece só na teoria. Na prática, os alunos tornam-se reféns do próprio sistema, em que não é levado em consideração as necessidades dos sujeitos.

Tais problemas que afligem o universo educacional são oriundos do processo de globalização que ocorre de forma desordenada, prejudicando a maior parte da população, pois o que deveria ser em prol de toda a sociedade fica restrito a uma minoria privilegiada. A educação é tida como o maior recurso que se dispõe para enfrentar essa nova estruturação do mundo, incentivando a promoção de políticas públicas voltadas para o bem comum, em que o respeito às diferenças sociais e culturais dos povos se faça presente, bem como sua liberdade de escolha e expressão.

A globalização é o fenômeno mais marcante das sociedades contemporâneas, pois influencia no cotidiano das pessoas, trazendo consequências praticamente em todas as esferas da vida social. Assim, sua influência se faz sentir também na cultura e na educação.

Para os autores Santos e Lopes (1997, p. 37 e 38):

[...] se o processo de globalização integra sistemas econômicos, criando redes de consumo e de comunicação e, conseqüentemente, uma homogeneização cultural, é importante reconhecer que nesse processo constroem-se também espaços de luta e contestação e não apenas de dominação. Neste sentido, a luta no campo educacional inclui a abertura de espaços para que as culturas dos grupos excluídos do currículo escolar tenham condições de se tornar representadas, por meio de narrativas que valorizem e dêem voz as suas experiências, possibilitando ainda um diálogo entre essas diferentes culturas, condição fundamental para a criação, a ampliação e a consolidação de uma democracia radical.

A escola como instituição é um lugar de conflito, por isso, a educação deve ser o eixo de preservação da identidade cultural e criar o espaço democrático que torne possível o encontro e o diálogo de culturas.

Entretanto, o discurso econômico domina o panorama educativo, tanto na esfera nacional como internacional, a política educativa encontra-se, em geral, nas mãos de economistas ou profissionais vinculados à educação mais a partir da economia ou da sociologia do que relacionados ao currículo ou à pedagogia.

A globalização aumentou, de um modo sem precedentes, os contatos entre os povos e os seus valores, ideais e modos de vida. Esse fenômeno é observado na necessidade de formar uma aldeia global que permita maiores ganhos para os mercados internos.

A indústria cultural que surgiu ao redor das festividades populares de grande porte, ocasionada pela globalização, contribui, sobretudo, para uma descaracterização da cultura na sua essência. Com efeito, a absorção da esfera cultural pela comercial ocasiona uma mudança fundamental nas relações humanas com conseqüências sérias para o futuro da sociedade. Desde os primórdios a cultura precedeu o mercado; agora, o que se observa é a mercantilização da cultura.

Nessa perspectiva, no processo de globalização para Silva (2010, p. 5), ocorre: “[...] de maneira embutida um enquadramento geopolítico visando à globalização econômica e se esquecendo totalmente do social. Ignora a identidade cultural dos povos envolvidos e as deploráveis condições de vida da população. Desse modo, não há

nenhuma tentativa de melhorar a política, a sociedade, a economia, a cultura e a educação por meio da globalização e sim, acelerar o processo de desigualdade social. A reflexão sobre os problemas da sociedade assume cada vez menos importância e, com isso, perdem significado a mobilização social, a solidariedade e a comunidade.

Ainda conforme Silva (2010, p. 6 e 7):

Numa sociedade caracterizada pela globalização, os processos políticos devem ser elaborados a partir de um processo de hibridação de culturas e não de cultura única fundada na ditadura do capital. Essa é a orientação adequada, no nosso entendimento para as práticas sociais que envolvem a prática teórica e a prática política e entre elas a prática educativa. O grande desafio é construir o progresso democrático em uma sociedade que se encontra surpreendida diante das atuais mudanças de referência.

Nas palavras do autor, se a sociedade atual é marcada pelo processo de globalização, as ações políticas, sociais, culturais e educacionais devem ser voltadas para os diferentes tipos de culturas, considerando que as sociedades existentes não são umas e, portanto, cada uma possui suas especificidades, peculiaridades e principalmente, necessidades distintas. Assim, a região Amazônica sempre foi marcada pela diversidade, seja social, econômica ou populacional, isto é, possui níveis diferentes de organização, por isso a globalização deveria levar o desenvolvimento para as regiões e não acentuar mais as diferenças sociais existentes.

Desse modo, o grande desafio para uma educação voltada para a construção de uma sociedade democrática e solidária é cada vez maior, pois a realidade das mudanças atuais impede o fortalecimento de uma sociedade que busca o progresso e o bem comum dos indivíduos envolvidos no processo.

A globalização na área da educação é frequentemente considerada como um progresso no sentido de homogeneidade cultural. Essa nova forma de ver o mundo, porém, não se sustenta. Na verdade, a globalização só fará sentido se forem levadas em conta as diferentes formas e modos de cultura de cada região, para que realmente ocorra uma integração social, política, econômica e cultural dos povos.

3.2 Currículo e Temas Transversais

Partindo do pressuposto que a escola é um espaço educativo que difunde e gera conhecimentos, é imprescindível que reflita sobre a realidade. Para isso, requer preparar os cidadãos com posicionamentos e alternativas para encarar os desafios atuais da

sociedade por meio de projetos e ações que contemplem as necessidades existentes e futuras da comunidade.

Todas as sociedades têm necessidade de um currículo escolar próprio, que seja capaz de produzir mudança e transformação social para os grupos, pois é por meio dele que há articulação entre os saberes produzidos na escola e as questões práticas do cotidiano de seus sujeitos, sustentando as relações sociais existentes dentro e fora do âmbito escolar.

O currículo é fruto de múltiplas diferenças, de intenções diversas, de variadas representações. É representação simbólica, espaço de escolhas, lugar de inclusões ou exclusões. Situando-o em um contexto social e político, o currículo é antes de tudo um campo em que as diferenças produzem resultados, tratamentos, significados. Essa concepção dinâmica do currículo só pode ser construída numa relação entre currículo e sociedade.

Segundo Moreira (1997, p. 11):

O currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados como para socializar as crianças e os jovens segundo valores tidos como desejáveis.

O currículo é um instrumento mediador entre a escola e a comunidade, possibilitando a construção das ações pedagógicas e dos conhecimentos por meio da prática social e escolar. Desse modo, o currículo visto como um instrumento norteador de práticas escolares, conteúdos programáticos e estratégias metodológicas indicam e contribuem na formação de uma cultura local que reflita as necessidades da comunidade e da escola.

Quando se fala em currículo, não quer dizer que este esteja relacionado somente aos conteúdos, aos métodos e práticas pedagógicas, mas também à história do sujeito, o cotidiano da comunidade e a sua relação com a escola. Porém, para que o currículo atenda as especificidades de cada sujeito e contemple a dimensão social e política, é preciso que seja focado na realidade cultural para que atenda as necessidades dos grupos sociais, levando em conta as diferentes culturas cada vez mais presentes na escola e na sociedade.

Na perspectiva de Sacristan (2002, p. 117):

A escola e o currículo, enquanto ilustradores, podem fazer muito nesse sentido, tanto, proporcionando um conhecimento mais preciso sobre quem somos nós e sobre quem nos é próximo quanto dando notícia da existência dos que estão mais afastados. Esta é a forma por antonomásia que a educação tem de criar a comunidade social além de suas paredes.

Como espaço democrático de diversidade e pluralidade, a escola deve atentar para o diálogo entre as diferentes formas de produção coletiva, respeitando a singularidade de cada um, assim como o desenvolvimento da sua autonomia. Ainda conforme Sacristan (2002, p. 158): “[...] uma função essencial do currículo é oferecer uma construção simbólica acerca do que somos como grupo”. Dessa maneira, além de considerar a experiência dos alunos, o currículo escolar deve ser um campo de significação capaz de promover a interlocução entre a escola e o que acontece além dos seus muros.

Para Moreira (1997, p. 15):

[...] no currículo desenvolvem-se representações, codificadas de forma complexa nos documentos, a partir de interesses, disputas e alianças, e decodificadas nas escolas, também de modo complexo, pelos indivíduos nelas presentes. Sugere ainda a visão do currículo como um campo de lutas e conflitos em torno de símbolos e significados.

Segundo o autor, se o currículo não for bem estruturado tanto pode haver a formação de sujeitos críticos como de sujeitos com dificuldades para articular sua criticidade. O currículo também pode ser visto como um campo de lutas e conflitos, pois as contradições do modelo econômico e cultural de nossa sociedade refletem e definem o processo de formação e desenvolvimento do cidadão.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que a educação seja pensada em outra dimensão para que haja uma melhor compreensão da realidade e, para que se possa intervir sobre ela.

Por outro lado, pesquisadores como Santos (2008, p. 18) acreditam que:

O currículo escolar é mínimo e fragmentado. Na maioria das vezes peca tanto quantitativamente como qualitativamente. Não oferece, através de suas disciplinas, a visão do todo, do curso e do conhecimento uno, nem favorece a comunicação e o diálogo entre os saberes; dito de outra forma, as disciplinas com seus programas e conteúdos não se integram ou complementam, dificultando a perspectiva de conjunto e de globalização, que favorece a aprendizagem.

Conforme a autora, a educação deve ser pautada não só em conteúdos e programas que auxiliem na construção do conhecimento, mas também na realidade do aluno. É através da articulação e integração entre esses saberes que o educando tem garantida uma aprendizagem satisfatória e uma. Por isso, é fundamental que a escola ao elaborar o seu currículo leve em consideração todos os aspectos que envolvem a formação humana e que as disciplinas sejam pensadas de acordo com a necessidade da comunidade.

Portanto, a escola precisa conhecer a realidade que vive e incluir em seu currículo discussões sobre as problemáticas pertinentes ao seu povo e incorporar essas reflexões para que haja uma maior valorização da cultura local, priorizando a realidade dos sujeitos envolvidos.

Dessa maneira, é preciso pensar a educação parintinense através de seu Festival, pois é importante que o currículo dessas escolas sejam elaborados levando em consideração os aspectos da festa para dentro da escola, não só por meio da brincadeira de festejos juninos, mas como conteúdos a serem trabalhados nas disciplinas.

Desse modo, segundo a resposta dos professores à P5, 50% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis ao fato do Festival influenciar de alguma maneira na aprendizagem dos alunos, pois para o professor C: “Influencia nas questões da aprendizagem, pois sempre traz informações relevantes à educação como por exemplo o Meio Ambiente”. Portanto, 25% (ver gráfico 3, p. 118) são parcialmente favoráveis, conforme o professor B:

Como eles abordam temas relacionados ao meio ambiente já contribui com a aprendizagem, porém a escola e os professores têm papel importante, pois essas informações não podem ficar restrita somente aos 3 dias de festa. É preciso o professor ter habilidade de trazer essa riqueza de informações para a sala de aula. Ele não pode deixar que essas informações se percam no espaço.

De acordo com esse professor esta aprendizagem só tem valor se a escola conduzir essas informações de maneira eficaz e serem trabalhadas frequentemente. Entretanto, 25% (ver gráfico 3, p. 118) são desfavoráveis, pois para o professor D: “A festa traz más influências em todos os sentidos, principalmente no comportamento dos alunos”. O que se percebe é que nem todos os professores têm a mesma visão sobre a influência do Festival na aprendizagem das crianças.

Enfim, os fatos do cotidiano da comunidade devem ser trazidos para dentro da escola via currículo, assim esses saberes são refletidos e ressignificados no espaço escolar a fim de possibilitar a intervenção crítica desses aspectos sociais dentro e fora da escola. Todavia, a educação do futuro depende da capacidade de integração das pessoas com as novas formas de aprender e os novos modos de construção do conhecimento, ou seja, uma educação diferenciada e transversal que ultrapasse a esfera das áreas convencionais.

Assim, a transversalidade na educação surge como resposta para superação da hierarquização das disciplinas, rompendo estruturas de poder e atravessando horizontalmente áreas de saber tradicionais na educação. Dentro desse quadro, levando-se em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o novo perfil de cidadão que hoje se espera, o momento é de mudanças no campo educacional.

Por isso, de acordo com os PCNs (1997, p. 31):

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade).

Assim, a transversalidade promove a compreensão dos diferentes objetos do conhecimento, bem como abre espaço para inclusão de saberes extraclasse construídos conforme a realidade dos alunos. Entretanto, os Temas Transversais não se constituem em novas disciplinas e sim em temáticas a serem exploradas, tendo como eixo vertebrador a cidadania. Ainda segundo os PCNs (1997, p. 31): “Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar”. Nesse sentido, a problemática da transversalidade atravessa os diferentes campos do conhecimento e favorece a compreensão da realidade e a participação efetiva do corpo docente e discente.

Partindo do princípio da transversalidade, acredita-se ser possível a escola valer-se e informar os alunos sobre as influências e contribuições que o Festival traz para o município, assim, de acordo com a resposta dos alunos à P9, se a escola tem a preocupação de informá-los, 75% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis e afirmam que a escola presta esses esclarecimentos por meio de conversas, debates e seminários, conforme o aluno G: “Eles conversam, incentivam a gente a participar, porém falam das

coisas boas e ruins, é muito importante que os professores façam isso”. Já 12,50% (ver gráfico 4, p. 119) são parcialmente favoráveis, como o aluno A: “Só às vezes os professores trazem essas informações sobre coisas boas e ruins que acontecem no período dessa festa”. Porém, os demais 12,50% (ver gráfico 4, p. 119), como o aluno H: “Os professores não falam sobre essas informações”. É fundamental que o corpo docente junto com a comunidade escolar trabalhe essas informações de modo transversal e não isoladamente só no período do Festival.

Nesse sentido, Santos (2008, p. 132) também acredita que “os Temas Transversais são questões urgentes que questionam a vida humana, a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais” [...], isto é, são temáticas que podem e devem ser utilizadas nas diferentes disciplinas e permear a construção do conhecimento científico e comum. Foram criados para complementar as disciplinas já existentes, não substituí-las.

Para Moreno (2003, p. 37):

Os temas transversais, que constituem o centro das atuais preocupações sociais, devem ser o eixo em torno do qual deve girar a temática das áreas curriculares, que adquirem assim, tanto para o corpo docente como para os alunos, o valor de instrumentos necessários para obtenção das finalidades desejadas.

A educação tem a finalidade de promover a formação do cidadão, por isso, os Temas Transversais são conteúdos de caráter social, que devem ser incluídos no currículo do ensino fundamental como conteúdo a ser ministrado no interior das disciplinas estabelecidas.

Desse modo, segundo os PCNs (1997, p. 30): “Os Temas Transversais permeiam necessariamente toda a prática educativa que abarca relações entre os alunos, entre os professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar”. Portanto, o papel da escola é dar aos alunos suporte para que eles possam refletir de modo coerente sobre os problemas sociais, que implicam reconhecer valores e práticas que despertam os princípios de cidadão, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que o favoreçam.

A sociedade, a escola e a família são responsáveis pela formação de cidadãos e do sujeito crítico, por isso, Moreno (2003, p. 35) acredita que na forma de educação atual “é preciso retirar as disciplinas científicas de suas torres de marfim e deixá-las impregnar-se de vida cotidiana, sem que isto pressuponha, de forma alguma, renunciar

às elaborações teóricas imprescindíveis para o avanço da ciência”. É com base nisso que os Temas Transversais tratam de questões sociais vividas pela comunidade, família e escola em seu cotidiano, buscando alternativas e soluções para os diversos temas sociais nas várias áreas do currículo escolar.

Na concepção de Santos (2008, p. 114):

Os Temas Transversais, como reflexos dos problemas e das preocupações de nossas sociedades atuais, poderiam perfeitamente representar a ponte entre a cultura acadêmica e a cultura comum que provoque a relação ativa e criadora dos alunos com a cultura pública da comunidade humana.

Na realidade, o modo como esses temas são apresentados nas escolas é que muitas vezes impede que essa ponte entre a cultura acadêmica e a comum aconteça, pois apesar de serem temáticas pertinentes às sociedades atuais, necessitam ser aprofundadas de acordo com o conhecimento científico de uma dada cultura e ter uma epistemologia apropriada para que este possa ser assimilado pelos alunos e não sirva apenas de reprodução da cultura acadêmica, mas que tenha validade e utilidade para a formação do cidadão crítico, autônomo e, principalmente, solidário e participativo.

O que se pretende com esses temas não é trazer mais problemas para o universo escolar e sim encontrar meios para que a aprendizagem dos alunos se fortaleça na experiência do conhecimento científico e comum. Entretanto, para que isto se consolide na prática, é fundamental que a escola e o corpo docente estejam preparados para trabalhar essas questões propostas pelos Temas Transversais por meio de ações políticas, sociais, econômicas, ambientais e culturais, com vista ao seu currículo escolar. Por isso, conforme Santos (2008, p. 112): “Os Temas Transversais poderiam representar um caminho sugestivo, uma fissura no sistema tradicional para a construção progressiva de uma nova escola para uma educação universal, ao lado da tese da educação global [...]”.

Essa fissura pode ser entendida como a introdução de um novo clima na escola por meio da participação de elementos fora da educação formal, os quais permitem a reflexão de alguns problemas que afligem a sociedade atual, buscando novas alternativas de organização do conhecimento por intermédio da articulação entre a educação e às necessidades atuais da humanidade, visando uma educação global que considere os diferentes aspectos da vida humana.

Na perspectiva de Moreno (2003, p. 53):

[...] se os temas transversais forem tomados como fios condutores dos trabalhos da aula, as matérias curriculares girarão em torno deles, desta forma, transformar-se-ão em valiosos instrumentos que permitirão desenvolver uma série de atividades que, por sua vez, levarão a novos conhecimentos, a propor e resolver problemas, a interrogações e respostas, em relação às finalidades para as quais apontam os temas transversais.

Conforme o pensamento supracitado, se a comunidade escolar utilizar de forma correta e coerente essas temáticas em sala de aula, as disciplinas serão norteadas como instrumentos para a construção de novos conhecimentos e, principalmente, conduzir os alunos a encontrar respostas para as questões atuais que são propostas pelos Temas Transversais. Contudo, é imprescindível a vinculação entre esses temas e as disciplinas ditas convencionais para aproximar o científico do cotidiano, transformando-as em instrumentos culturais valiosos, na tentativa de superar alguns efeitos negativos da sociedade atual.

Segundo os professores, em relação à P7, 50% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis e relacionam os conteúdos da sua disciplina com os temas escolhidos pelos bumbás. Para o professor A:

Essa é uma preocupação, pois a escola não acompanha toda dinâmica do mundo, ficou aquém. Mas é preciso haver modos de adequar à escola as evoluções sociais e transformações do mundo. O maior desafio do professor é trazer essa evolução social para dentro da escola. É preciso relacionar os conteúdos com o que acontece lá fora para criar um interesse maior dos alunos e o Festival é um “prato cheio” pra relacionar algo do dia a dia do aluno, pois ele tem um exemplo real.

Conforme esse pensamento, é fundamental que haja uma relação entre o cotidiano das crianças e jovens com o conhecimento científico, pois ambos fortalecem a aprendizagem e proporcionam um novo olhar sobre a realidade parintinense, porém o professor tem que acompanhar essa dinâmica por meio de exemplos reais.

Portanto, 50% (ver gráfico 3, p. 118) são parcialmente favoráveis, pois segundo o professor C: “Não dá todas às vezes, mas na época do Festival a gente aproveita para trabalhar na festa junina da escola com temas relacionados a natureza”. É necessário utilizar tais informações o ano todo e não somente no período da festa, pois os alunos podem ter outra postura e aproveitar melhor esses conhecimentos.

De acordo com os alunos, em relação à P8, se os mesmos demonstram interesse quando os professores relacionam o conteúdo dos bumbás com o da sala de aula, 87,50% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis, pois no pensamento do aluno H: “Tenho

interesse de aprender mais porque a gente tem que saber como foi a fundação do boi, pois é da nossa terra”. Para o aluno E: “Quero saber para aprender mais as coisas e no futuro saber explicar para quem perguntar”. Entretanto, 12,50% (ver gráfico 4, p. 119) são desfavoráveis, como o aluno B: “Não tenho interesse em aprender, pois não gosto de boi”.

Por isso, acreditamos ser possível a existência de um currículo escolar voltado para a realidade de cada povo, mas não esquecendo de outras culturas e outras formas de conhecimento acadêmico e, é claro, utilizar os Temas Transversais como auxílio para o entendimento das lacunas deixadas pelas demais áreas afins. Como a pesquisa realizada é sobre o Festival de Parintins, seria interessante que a comunidade escolar trabalhasse, paralelo à festa do boi-bumbá, os temas propostos pelos PCNs como: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, bem como temas locais, pois por meio desse Festival que a cidade promove, é possível trabalhar esses conteúdos em todas as disciplinas para que os educandos e a comunidade escolar compreendam a aprendizagem que essa festa proporciona.

Para isso, é preciso que o professor conduza essas informações de modo que os alunos entendam que além da beleza, alegria, dinheiro, emprego e outros benefícios que essa festa proporciona, também pode ocasionar muitos efeitos negativos tanto para a cidade quanto para a população. Dentro dessa perspectiva, Moreno (2003, p. 36) acredita que “os temas transversais destinam-se a superar alguns efeitos perversos- aqueles dos quais a sociedade atual se conscientizou- que junto com outros de grande validade, herdamos da cultura tradicional”, ou seja, a sociedade tem consciência que herdou vários problemas de uma cultura tradicional que precisam ser amenizados e o caminho para isso é uma educação libertadora, capaz de promover a mudança social e cultural dos povos.

Os Temas Transversais atuam como eixo unificador, devendo ser trabalhados de modo coordenado e não descontextualizado das aulas. De acordo com essa concepção, para que a educação se constitua realmente um meio de transformação social é necessário que a escola compreenda seu papel, pois ao trabalhar esses temas deve facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado para não fragmentar os conhecimentos em blocos rígidos.

3.3 A complexidade da questão ambiental

Os últimos anos têm testemunhado o caráter problemático que reveste a relação entre a sociedade e o meio ambiente. A questão ambiental vem despertando preocupações e crescente interesse social devido se caracterizar como um conjunto de contradições, que resultam das relações entre o sistema social e o meio envolvente, isto é, as ações humanas inadequadas provocam efeitos danosos ao ambiente que nos cerca.

Não se pode esquecer que a natureza não deve ser considerada como algo externo à sociedade, mas sim um entorno no qual cada atividade humana implica ações urgentes de prevenção e preservação. Por isso, tanto no campo das políticas públicas quanto na produção do conhecimento, a relação entre sociedade e meio ambiente vem se afirmando como uma das principais preocupações atuais, pois depende do ser humano criar estratégias que amenizem tais problemas e garantam sua sobrevivência.

Conforme Santos (2008, p. 15):

A problemática ambiental começa a aparecer, no horizonte das preocupações do homem moderno, a partir da década de setenta, com a advertência da extinção das espécies, os graves problemas da contaminação, a presença de resíduos tóxicos, os depósitos de metais pesados em arrecifes coralinos, a destruição de ecossistemas inteiros.

Com base nesse pensamento de que a natureza não é infinita é que iniciou-se o processo de mudança e tomada de consciência pelo homem de que suas atitudes interferiam no meio, de forma inconsequente e catastrófica, podendo destruí-lo ao longo do tempo. Contudo, a partir desse momento, a sociedade se mobilizou e até hoje são criados programas, planejamentos voltados para uma educação ambiental que ainda na visão de Santos (2008, p. 24): “Se decanta como uma medida para a sensibilização cidadã sobre a problemática contemporânea, com vistas a promover mudança de comportamento social para frear o índice de degradação que sofre o Meio Ambiente”.

Dias (2004, p. 99) acredita que:

A educação ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio, na satisfação material e espiritual da sociedade, no presente e no futuro.

É muito importante uma sociedade estruturada e organizada para a educação ambiental, pois é por meio dela que a população muda seu comportamento e atitude

perante o meio que a cerca. Por isso, ao compreender a complexidade da questão ambiental e sua importância, a sociedade pode utilizar racionalmente os recursos disponíveis e elaborar estratégias de desenvolvimento sustentável para o presente e futuro.

Portanto, o processo de prevenção do meio envolvente depende de uma educação ambiental fundamentada num ambiente de qualidade. Para isso, tornam-se necessárias mudanças nas formas de organizar o sistema educativo, de modo que contemple um novo modelo de educação, o qual responda às exigências da problemática ambiental proporcionadas pelo próprio homem.

A educação ambiental deve propor mudanças de valores e condutas à população, conduzindo a mudanças de comportamento, nos indivíduos e na comunidade. Ainda na perspectiva de Dias (2004, p. 99): “A Educação Ambiental deve capacitar ao pleno exercício da cidadania, através da formação de uma base conceitual abrangente, técnica e culturalmente capaz de permitir a superação dos obstáculos à utilização sustentada do meio”, ou seja, ao capacitar para a cidadania, os sujeitos envolvidos têm acesso a uma nova consciência que ajuda criar bases para uma melhor compreensão da realidade.

Para Santos (2008, p. 18):

A educação deve provocar reflexão pautada na consciência da complexidade presente em toda a realidade, ou seja, é fundamental que o educador compreenda a teia das relações existentes entre todas as coisas, para que possa pensar a ciência una e múltipla, simultaneamente.

Na busca de promover mudanças sociais, a educação deverá contribuir para organizar e por em prática as transformações de visão de mundo. Porém, para que isso aconteça, é necessária uma mudança de pensamento frente à compreensão do mundo em busca de renovação socioambiental.

Entretanto, a atual estrutura educacional brasileira, sedimentada com base em princípios seculares tem levado os docentes a uma prática de ensino insuficiente para a compreensão significativa do conhecimento. Nessa perspectiva, Morin (2009, p. 32) enfatiza: “[...] os técnicos especialistas que tratam os problemas de modo isolado e esquecem que, nessa época de mundialização, os grandes problemas são transversais, multidimensionais e planetários”. Na verdade, tais especialistas deveriam propor mudanças mais abrangentes e eficazes para o enfrentamento dos problemas que afetam a sociedade.

Por isso, a teoria da complexidade e a transdisciplinaridade, embora concebidas separadamente, sugerem a superação do modo de pensar dicotômico, isto é, estimula o pensamento articulado aos demais modos do conhecimento. Assim, ao servirem de instrumento para a observação da realidade, seus princípios revelam a defasagem conceitual da prática educacional. Nessa perspectiva, Grün (1996, p. 112) afirma que: “O pensamento científico moderno impôs dificuldades quase intransponíveis para que as questões ambientais encontrassem espaço na educação moderna”, ou seja, é preciso permitir que as questões socioambientais adentrem no campo escolar compondo seu currículo e com isso, preparando indivíduos capazes de promover uma reflexão sobre o seu relacionamento com o meio ambiente e modificá-lo.

Desse modo, pensar a educação dentro da teoria da complexidade significa romper com o pensamento simplificador e apreender a totalidade complexa, isto é, com o modo único e fragmentado de aprender, pois segundo Santos (2008, p. 45): “O pensamento complexo está animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não parcelado, não dividido, não reducionista, e o reconhecimento do inacabado e incompleto do conhecimento”. Ou seja, a contextualização entre os saberes é necessária para explicar e conferir sentido aos fenômenos isolados.

Ainda de acordo com o pensamento de Santos (2008, p. 47):

Os princípios preconizados por Morin, no paradigma da complexidade permitem, portanto, pensar a problemática ambiental contemporânea, de modo a minimizar os estragos que as visões simplificadoras fizeram não apenas no mundo intelectual, mas também, na vida. Muitos dos sofrimentos que milhões de seres suportam resultam dos efeitos do pensamento parcelar e unidimensional.

A teoria da complexidade na área da educação ambiental propõe um novo paradigma, uma nova maneira de perceber o mundo, isto é, uma visão que venha a religar as diversas áreas do conhecimento para o desvelamento de qualquer fenômeno.

Dessa maneira, deve-se pensar a educação ambiental de forma a conduzir a reflexão das pessoas de modo a produzir um pensamento capaz de unir e diferenciar ao mesmo tempo, e não um pensamento fragmentado, isolado do contexto; o que se quer, na verdade, é uma educação voltada para a cidadania e a superação da crise socioambiental.

Para Grün (1996, p. 112): “A dimensão ética da educação ambiental deveria ser buscada na história recalcada de nosso relacionamento com o ambiente”, pois percebe-

se que antigamente, os problemas ambientais eram apenas locais, centralizados, hoje afetam a ordem mundial. Desse modo, com a intensificação da industrialização e os avanços da ciência, verifica-se que o modelo de progresso exigido pelas sociedades, invés de promover o bem-estar social, aumentou as desigualdades sociais, gerando desastres ambientais nunca vistos. Tais problemas decorrentes desse modelo de progresso demonstram caráter insustentável, capaz de aniquilar a vida no planeta.

Na verdade, a crise ambiental é resultado do grau de desenvolvimento técnico desordenado, o qual deve ser assumido cientificamente, assim Benchimol (1999, p. 458) afirma que: “Externamente, a preocupação ecológica e ambiental, que se apossou da mente dos líderes dos povos industrializados e desenvolvidos, fez da Amazônia um símbolo de toda a preocupação mundial sobre o destino do nosso planeta [...]”. Por isso, desde então a Amazônia vem sendo cobiçada devido representar a maior floresta tropical e possuir uma grande biodiversidade do planeta.

Por outro lado, atualmente, a questão ambiental apresenta um caráter inovador, pois alerta para a necessidade de promover mudanças efetivas no comportamento da população. Com isso, garantem a continuidade e qualidade de vida existente por meio de ações sociopolíticas e econômicas que combatam a crise pluridimensional produzida desordenadamente pela sociedade.

Desse modo, Azevedo (2007, p. 107) enfatiza que “a educação ambiental nas últimas décadas, pelo menos vem se consolidando e tornando-se um parâmetro no estabelecimento de um outro pensar a educação no seu conjunto [...]”, isto é, ganhando espaço e se tornando cada vez mais instrumento de discussão e reflexão para o estabelecimento de políticas públicas destinadas a buscar alternativas de melhor pensar e agir no cotidiano, a fim de estabelecer uma nova relação entre a humanidade e a natureza.

Conforme Dias (2004, p. 100) “acredito que a educação ambiental seja um processo por meio do qual as pessoas apreendam como funciona o ambiente, como dependemos dele, como o afetamos e como promovemos a sua sustentabilidade”. Com isso, a educação ambiental pretende desenvolver nos indivíduos conhecimento e compreensão da realidade, a fim de adquirir valores necessários para amenizar os problemas socioambientais existentes e encontrar soluções sustentáveis para todas as sociedades.

Diante do exposto, por intermédio do Festival de Parintins é possível trabalhar a questão da educação ambiental não só nas escolas, mas também por meio dos ensaios

nos currais⁹, por intermédio das toadas e também na apresentação dos bumbás na arena do bumbódromo.

Nas últimas décadas esses bumbás vêm trabalhando as questões socioambientais de sua região, a fim de sensibilizar a população para os problemas que afligem a sociedade atual. Dessa maneira, para Loureiro (1995, p. 364):

[...] os bumbás são sensíveis ao apelo da ecologia. A ecologia é uma forma de esteticidade politizada, de certa maneira, uma vez que defende a harmonia da natureza. Até alguns anos atrás, centenas de animais eram sacrificados para adorno de vestimentas, capacetes, cocares ou alegorias. Afirma-se que alguns vivos ou empalhados, adornavam as fantasias, outros viravam acessórios de alegorias. Quanto mais o luxo, a originalidade, a visualidade exigiam penas, mais aves eram mortas e depenadas. Hoje os grupos determinaram a proibição do uso de penas naturais. Afirmam que seria contraditório admitir que esses grupos que buscam na natureza a inspiração maior para o espetáculo, nitidamente notada em suas histórias, lendas e canções, ficassem indiferentes a tanta degeneração da natureza.

A partir da década de 90, ao assumir o discurso das questões socioambientais relacionadas à região amazônica e ao mundo, os bumbás incluíram em sua dinâmica, temáticas voltadas para essa realidade e propõem mudanças, pois antigamente as fantasias e adereços eram confeccionados com penas naturais de aves e isso provocava a extinção de alguns animais, porém com o advento da tecnologia e a consciência dos dirigentes dos bumbás começaram a usar penas artificiais e buscar novas formas de compor o espetáculo de sua festa sem perder a beleza e a inspiração vindas da natureza.

Por isso, de acordo com os alunos entrevistados, referindo-se à P10, 100% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis em dizer que seus professores têm levado em consideração as questões socioambientais apresentadas pelos bumbás. Para o aluno A: “Eles falam sobre o Meio Ambiente para não poluirmos o ar, os rios e as matas”. Segundo o aluno G: “Nas questões ambientais os professores falam muito para nós sabermos consumir os recursos naturais com cuidado, para não esgotá-los”. Assim, percebe-se que de certo modo os professores vêm incluindo essas temáticas em suas disciplinas e realizando um trabalho de sensibilização com os alunos.

A busca da questão ambiental vem ao encontro de uma educação transformadora quando a sociedade se conscientiza de seu papel: refletir sobre a realidade

⁹ Local destinado aos ensaios das toadas e coreografias.

Segundo Ferreira e Braga (2005, p. 140) “essas festas servem de preparação para o Festival de Parintins, pois preparam o espírito e o corpo dos brincantes para o grande evento de junho e [...] também para arrecadar dinheiro que ajudará a pagar os gastos dos bois em sua apresentação na arena do bumbódromo”.

socioambiental e buscar novos caminhos para sua transformação. Para isso, Dias (2004, p. 7) afirma que: “A educação ambiental deveria resultar de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitem a visão integrada do meio ambiente”. Como pode ser visto, o que se quer não é a criação de uma nova disciplina específica, mas uma maneira mais apropriada para se tratar as questões socioambientais no currículo.

Para a educação, na perspectiva de Santos (2001, p. 145):

O Festival Folclórico de Parintins apresenta um referencial que permite não só a incorporação de outros saberes aos currículos escolares- condição necessária a efetiva prática de interdisciplinaridade como também o tratamento da questão ambiental pela incorporação na temática, através das toadas constituídas de elementos que permitem fortalecer a visão crítica da realidade amazônica e dos países emergentes em relação ao poderio internacional dos países ditos do primeiro mundo.

Por meio da toada, os alunos de Parintins podem ter uma aprendizagem mais significativa, pois visualizam a poesia das toadas na arena do bumbódromo com a espetacularização da festa do boi-bumbá. Claro que não podemos esquecer que os compositores têm direito à “licença poética”, isto é, a oportunidade e liberdade de inserir em suas composições incorreções de linguagem etc. Porém, isso não tira certa veracidade das toadas referentes ao meio ambiente, populações indígenas, o caboclo, o ribeirinho e todo cenário amazônico.

Com isso, conforme os professores entrevistados em relação à P1, 100% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis e acreditam ser possível utilizar as informações do boi-bumbá em sala de aula, conforme o professor A: “Sem dúvida nenhuma é possível utilizar essas informações no espaço escolar, inclusive é necessário, principalmente, quem trabalha com Ciências Humanas por causa das questões sociais e ambientais”. De acordo com o professor B: “As colaborações de toda e qualquer atividade promovidas por algum evento como o Festival está claramente relacionada com todas as disciplinas, tanto no que é apresentado no Festival como nas toadas”.

Assim, por meio da toada é possível o professor inserir em seus conteúdos, de modo dinâmico, conhecimentos que proporcionem uma visão crítica dos alunos perante a sua realidade local e projetar-se para uma concepção ambiental e mundial capaz de incorporar e agregar valores que proporcionem mudanças sociais.

A partir da realidade escolar é fundamental buscar elementos que ajudem no entendimento da complexidade socioambiental. Nesse contexto, o conhecimento e

pensamento complexo no campo da educação podem auxiliar no enfrentamento da realidade como um movimento de transformação em que o sujeito se modifica e modifica o mundo a sua volta. Assim, conforme o pensamento de Santos (2008, p. 35): “A missão da educação na era planetária é educar para o despertar de uma sociedade-mundo composta por cidadãos comprometidos com a construção de uma civilização planetária, como protagonistas, conscientes e críticos”, ou seja agentes sociais que promovem reflexão e mudança sobre a realidade, de forma solidária e participativa.

Conforme os professores, 100% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis à P3 sobre utilizar as informações que o Festival traz do Meio Ambiente. De acordo com o professor B: “A Geografia tem uma peculiaridade porque é voltada em grande parte para a questão ambiental, trabalhando-se com o espaço geográfico. A temática desenvolvida nas toadas tem uma relação muito grande com a preservação ambiental”. Para o professor C: “Trabalhamos muito sobre o Meio Ambiente, com fauna, flora e o próprio homem, pois acreditamos nessa relação e transformação com o meio para uma boa aprendizagem das Ciências”. Como pode ser observado, ambos têm a preocupação de trabalhar tais conteúdos, porém de modo isolado, na disciplina que ministram. Torna-se necessária uma mudança na postura desses profissionais para que ambos possam contextualizar essas informações.

Entretanto, a mesma P3 feita ao grupo de alunos apresentou uma divergência nas respostas, pois 62,50% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis, como o aluno G: “Nossos professores sempre procuram relacionar os conteúdos da sala de aula com o Meio Ambiente”. Já 25% (ver gráfico 4, p. 119) são parcialmente favoráveis, como o aluno H: “Alguns professores, principalmente, de Artes, pois fazem trabalhos relacionados ao tema”. Entretanto, 12,50% (ver gráfico 4, p. 119) são desfavoráveis, como o aluno B: “Não, meus professores não relacionam o conteúdo do Festival com a aula deles”. Apesar da divergência, nota-se que a maioria dos alunos entrevistados percebe que seus professores utilizam-se das informações disponibilizadas pelo Festival de Parintins, sobretudo no modo de tratar as questões socioambientais.

Segundo Rodrigues (2006, p. 221):

O Festival de Parintins não deve ser visto apenas como uma festa, ainda que ela seja grandiosa. Apesar dos problemas, que vez por outra ameaçam a festa, os bois de Parintins pretendem e precisam ser “Arautos da Amazônia”, com a missão de levar a mensagem do homem amazônico, da floresta, da preservação, do resgate das tradições, da valorização da cultura indígena e da História do Amazonas.

Realmente, não deve ser vista apenas como uma festa, pois é uma manifestação artístico-cultural que apesar das ações negativas, como todas as grandes festas populares demandam, também envolve elementos indispensáveis para a informação e formação dos sujeitos envolvidos, expressando, por meio de sua festividade, mensagens de cunho socioambiental na tentativa de modificar a realidade. Para isso, fincaram raízes em suas origens, por outro lado, também cresceram, transformaram-se e, principalmente, utilizaram o folclore como instrumento importante na compreensão dos povos.

Ao ser encarado dessa maneira, o Festival Folclórico de Parintins ganha outro significado, divulgador dos problemas socioambientais que envolvem a região amazônica. Contudo, não acreditamos que apenas essa festa tenha capacidade de promover uma educação ambiental voltada para amenizar tais problemas.

É preciso uma ação conjunta entre as Associações Folclóricas Boi-bumbá Caprichoso e Garantido, a comunidade e a escola para juntos trabalharem em prol da população parintinense. Porém, contribui de algum modo no processo de sensibilização das pessoas por intermédio do canto das toadas, dos mitos e lendas que são narrados e encenados nos ensaios dos currais e na arena do bumbódromo.

Assim, para Ferreira e Braga (2005, p. 156):

Essas considerações nos revelam a grande importância de um evento como os ensaios, ou até mesmo o Festival Folclórico de Parintins para estes jovens na formação de uma identidade culturalmente construída, a partir das experiências vividas no contexto da própria festa, seja individualmente ou na formação de grupos [...]

Por meio dessas experiências, tanto jovens quanto adultos têm a oportunidade de socialização, definição e formação não só dos grupos sociais, bem como a conquista de uma identidade individual e coletiva. Tais experiências também podem auxiliar na construção de uma postura voltada para uma educação ambiental consciente e crítica, na tentativa de a população utilizar de forma sustentável os recursos naturais disponíveis.

3.4 A toada como brinquedo pedagógico

A educação deve ser vista como um processo global, progressivo e permanente que necessita de diversas formas de estudos para seu aperfeiçoamento, pois em qualquer meio sempre haverá diferenças individuais, diversidade das condições ambientais que são originários dos alunos e que necessitam de um tratamento diferenciado.

Nesse sentido, deve desencadear atividades que contribuam para o desenvolvimento da inteligência e pensamento crítico do educando como práticas ligadas à música e à dança, pois a música torna-se uma fonte para transformar o ato de aprender em atitude prazerosa no cotidiano do professor e do aluno.

Ao longo da história, a música vem desempenhando, na concepção de Loureiro (2008, p. 33): “Um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja no aspecto religioso, seja no moral e no social, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício da cidadania”. Isto é, por meio de atividades artísticas é possível a construção do conhecimento e o desenvolvimento de sujeitos críticos.

A música se faz presente desde muito cedo em nossa vida, nascemos num mundo rodeado de som. Durante a história da humanidade ela esteve presente nas festividades, nos rituais, nos protestos como uma forma de expressão e comunicação. É usada pelos diferentes grupos sociais das mais variadas formas como produto de cultura. Em cada período é utilizada com diferentes funções seja estética, religiosa, social, cultural. É uma fonte de estímulos atingindo-nos em todas as dimensões, ou seja, é sensorial, afetiva, mental etc.

Conforme o pensamento de Brécia (2003, p. 37):

A música, como na maioria das manifestações artísticas, podem ser expressas emoções, assim como conceitos de caráter estético, ritualístico ou simbólico, frequentemente, de maneira mais direta do que por meio do código verbal, desde que os meios de expressão sejam percebidos e evoquem impressões.

Ou seja, por intermédio da música é possível haver a comunicação entre as pessoas e, principalmente, imprimir as mais variadas emoções dos sujeitos envolvidos, pois a mesma tem o poder de informar, comunicar e expressar os acontecimentos sociais em forma de poesia e sensibilizar seus ouvintes.

Desse modo, a música pode e deve ser utilizada em vários momentos do processo ensino-aprendizagem, sendo um instrumento imprescindível na busca do conhecimento e organizado sempre de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva. Nesse sentido, novas possibilidades devem ser experimentadas como é o caso da linguagem musical no processo ensino-aprendizagem, pois esta resgata outras facetas do processo educacional, como a emoção e a criatividade, as quais estão envolvidas pelo conteúdo interdisciplinar, subjetivo e estético dessa linguagem artística.

De acordo com Loureiro (2004, p. 73):

A escola, como espaço de construção e reconstrução do conhecimento, pode surgir como possibilidade de realizar um ensino de música que esteja ao alcance de todos. A ousadia ficaria por conta de tentativas de democratizar o acesso à arte, de se projetar nesta tarefa de renovação, reconstrução e, mais ainda, de apoiar as atividades pedagógicas musicais, considerando-as qualitativamente significativas.

A utilização da música, bem como o uso de outros meios artísticos pode incentivar a participação, a cooperação, a socialização e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular. Sem dúvida, é inquestionável a relevância da música na educação, mas também é visível a sua ausência ou displicência quando de sua aplicação didático pedagógica em sala de aula.

A escola deve respeitar a realidade cultural dos alunos, contudo, isso não implica ficar somente nela. Deve-se oferecer novas alternativas, permitir um diálogo com outros contextos culturais e também com a vida cotidiana para que os alunos possam se apropriar e manter uma relação com a música de forma significativa.

Conforme os professores entrevistados, com relação à P2, 100% (ver gráfico 3 p. 118) são favoráveis e acreditam ser possível a utilização da informação de letras das toadas na sala de aula como auxílio para a construção do conhecimento.

Para o professor A:

As toadas são fontes ricas de pesquisa, pois contam histórias que são resultados de estudos. Contam toda uma trajetória da questão ambiental, preservação, relação do passado e presente dos povos indígenas e caboclos. Faz uma varredura antropológica da região amazônica, fazendo a relação da escola com o boi-bumbá.

Conforme o professor B: “As toadas são aulas completas de Geografia do Amazonas e por ser algo da própria questão cultural e mexer com os alunos, emocionalmente, isso colabora para motivação e aprendizagem”. De acordo com o professor C: “Contem informações, principalmente, sobre biodiversidade, ecologia e os próprios alunos propõem utilização de toadas”. Assim, segundo o professor D: “A importância é porque preserva nossa cultura e é essencial, você trabalha as origens dos alunos”.

Nessa perspectiva, o pensamento dos professores vai ao encontro do que afirma Wolffenbüttel (2004, p. 70): “O folclore e a música folclórica, como formas de manifestação existentes na cultura, também podem fazer parte da cultura experiencial

do aluno”, pois esses momentos proporcionam novos modos de aprender e conhecer a realidade. Com isso, fortalecem o desenvolvimento cognitivo dos alunos e suas habilidades para as atividades artísticas.

Em Parintins, os professores têm um universo de toadas que podem auxiliar na aprendizagem dos alunos de um modo mais significativo a temas relacionados ao Meio Ambiente, aos povos indígenas e o caboclo que habita a região amazônica. Nas toadas abaixo: Lamento de raça e O canto da floresta, percebe-se que além do ritmo envolvente, a poesia nos leva a refletir sobre a realidade local e mundial na tentativa de alertar e sensibilizar a população para os problemas socioambientais vigentes, bem como procurar alternativas capazes de amenizar tais problemas.

Lamento de Raça

(Emerson Maia)

O índio chorou, o branco chorou

Todo mundo está chorando

A Amazônia está queimando

Ai ai que dor

Ai ai que horror

O meu pé de sapopema

Minha infância virou lenha

Ai ai que dor

Ai ai que horror

Lá se vai a saracura correndo dessa quentura

E não vai mais voltar

Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada

E não vai mais voltar

Lá se vai a macacada junto com a passarada

Pra nunca mais, voltar

Virou deserto o meu torrão

Meu rio secou, pra onde vou?

Eu vou convidar a minha tribo pra brincar no Garantido

Para o mundo declarar

Nada de queimada ou derrubada

A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar

Vamos brincar de boi, tá Garantido

Matar a mata, não é permitido.

O canto da floresta

(Adriano Aguiar, Geovane Bastos, Vanessa Aguiar e Ligiane Gaspar)

Mãe natureza

Inefável flor eterna, vem despertar

Que se abram os olhos da vida

A voz que canta é a da floresta

O trono verde espera o rei

Todos esperam o sol

Na brisa mais leve, no doce beijo das manhãs

No grasnar do gavião, no rebojo da surucucu

Águas cristalinas, corredeiras e cascatas

O estrondar da cachoeira peristáltica

Crisálidas pulsam, orquídeas afloram

Insetos que valsam ao som das cigarras

Os cantos tribais, as vozes da taba

Ao som dos tambores e flautas taquaras

Explodem as águas em pororocas

Em acordes, sinfonias naturais

Corta o rio a grande canoa

Dos versos do caboclo caprichoso

Em cada tambor, em cada toada

Em versos de amor vem cantar

Somos todos caboclos

Somos entes da selva

Nosso canto é de amor

Vem cantar! É aqui!

É assim que se canta o amor pela vida.

Desse modo, conforme Souza (2008, p. 76): “As atividades pedagógicas inspiradas na cultura popular oferecem a oportunidade da vivência criativa e solidária presente nos folguedos e em outras expressões artísticas”. Ou seja, por meio das toadas dos bumbás os alunos podem ter uma aprendizagem significativa em relação à formação e ocupação da região amazônica.

De acordo com os alunos entrevistados, em relação à P7, se seus professores utilizam letras de toadas nas aulas, 37,50% (ver gráfico 4, p. 119) dos alunos (A, B e C) são desfavoráveis. Para eles, os professores não fazem uso dessa ferramenta de aprendizagem. Conforme Pellanda (2004, p. 17): “[...] a escola que temos é uma escola onde não flui a vida, onde não aprendemos a viver porque faltam nesses espaços os elementos fundamentais para essa construção: as emoções, as interações solidárias, autoria [...]”. Para que esses sentimentos aflorem na escola que queremos é fundamental que o corpo docente e a comunidade escolar utilizem estratégias eficazes para despertar nos alunos participação nas atividades, solidariedade, autonomia e aprendizagem por meio das toadas de boi-bumbá.

Entretanto, 50% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis, como o aluno D: “A professora de Arte leva para explicar melhor o assunto”. O aluno E diz que: “A professora já trouxe e eu aprendi mais o assunto com a música”. Conforme o aluno F: “Sim, sobre os povos indígenas e aprendo mais porque é divertido”. Segundo o aluno G: “Algumas vezes, eu acho que aprendo mais sobre a preservação da Amazônia através de toadas”. Todavia, 12,50% (ver gráfico 4, p. 119) são parcialmente favoráveis, como o aluno H: “A gente aprende mais, pois fala da Amazônia, mas só alguns professores trabalham com toada”.

Conforme o depoimento dos alunos, percebe-se que a maioria deles é favorável ao uso da toada como instrumento pedagógico e confirmam que alguns professores utilizam tal instrumento como forma de construção do conhecimento e na formação de sujeitos críticos, autônomos, solidários e participativos. Segundo Hummes (2004, p. 22): “A escola é uma parte importante da sociedade, onde os jovens têm a oportunidade de focalizar o mundo em que vivem, de estabelecer relações entre vários conhecimentos, inclusive os conhecimentos musicais”. Nesse caso, o professor ao utilizar letras de toadas compostas por artistas locais, incentiva os alunos a desenvolver as habilidades necessárias para a construção de um conhecimento mais sólido e eficaz.

Na perspectiva de Souza (2008, p. 80):

[...] percebemos que a cultura popular, além de apresentar elementos de riquíssimas possibilidades para o trabalho com a música na sala de aula, nos faz entender sobre diferenças culturais, nos faz sair de cada experiência, de cada brincadeira, mais felizes e principalmente mais humanizados.

A escola pode proporcionar aos alunos o entendimento do universo e dos elementos que compõem a cultura popular de modo a ter uma melhor compreensão da diversidade cultural existente, ou seja, através da música é possível romper barreiras, esclarecer as diferentes culturas e, principalmente, vivenciar novas experiências.

Como já foi citado, anteriormente, a maioria das escolas parintinenses têm seus “boizinhos” que se apresentam na época da festa junina. Nesse caso, a escola pesquisada tem o boi Garanchoso, como o próprio nome sugere é uma fusão dos bumbás Garantido e Caprichoso, o “boizinho” mais antigo apresentado por uma escola da cidade. De acordo com os professores pesquisados, em relação à P10, 100% (ver gráfico 3, p. 118) são favoráveis ao envolvimento dos alunos no processo de composição de toadas, confecção de fantasias etc.

Na opinião do professor A:

Na época do Festival, a apresentação do Garanchoso, a escola vive muita expectativa. Os alunos participam de todos os setores do boi, muitos pais que são artistas ajudam na confecção das fantasias, toadas, concurso de escolha do cartaz da festa. A comunidade escolar participa desse processo. O folclore é um veículo de agregação social e os pais trabalham voluntariamente.

O que se percebe é que, em Parintins, a manifestação cultural do boi-bumbá Caprichoso e Garantido saiu da rua e atingiu o universo escolar de modo massivo. Com isso, segundo o professor D: “Os alunos se envolvem porque é uma brincadeira típica da escola e eles se mobilizam para fazer uma boa festa”, ou seja, a participação dos alunos e até mesmo ex-alunos pode ser sentida em várias etapas desse processo de construção. Assim, a cada ano que passa os alunos se envolvem mais na elaboração e apresentação do “boizinho” de sua escola.

Conforme Souza (2008, p. 79): “Ao se buscar transformar o ambiente escolar em um espaço no qual se privilegia a brincadeira e a alegria, estaremos caminhando para a construção de uma aprendizagem mais humana e significativa”. Por isso, acredita-se que por meio de atividades como estas: utilização de toada e a participação no “boizinho” da escola, é possível uma aprendizagem mais sólida e participativa.

A expectativa dos alunos em relação à P6, se eles participam da brincadeira do “boizinho” de sua escola, 100% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis, como o aluno C: “Já, eu saio na batucada. É o boi da minha escola, por isso que eu gosto”. Ou seja, todos os alunos entrevistados já participaram de algum modo na apresentação do Garanchoso, seja na batucada, como item ou compositor de toada. É visível o quanto essa festa

junina mobiliza a escola, tudo sob influência dos bumbás da cidade, pois ultimamente, é dessas participações na escola que tem saído itens que compõem o Festival Folclórico de Parintins.

Ainda com referência à resposta dos alunos à P5, as opiniões divergem em relação às atividades desenvolvidas pelos bumbás com crianças e jovens, pois 37, 50% (ver gráfico 4, p. 119) são favoráveis, como o aluno D: “Eles têm as escolinhas, participei do grupo de dança até o ano passado”, porém 62,50% (ver gráfico 4, p. 119) são parcialmente favoráveis, como o aluno F: “Tem as escolas de arte do Caprichoso e Garantido, mas é difícil conseguir vaga”. Devido as mesmas serem oferecidas preferencialmente a crianças e jovens carentes e serem em número restrito torna-se difícil conseguir vaga, ou seja, dos oito entrevistados somente três participam de tais atividades.

Desse modo, a prática de atividades folclóricas para Souza (2008, p. 76): “Permite que a criança ou o adolescente valorize suas manifestações culturais, compreenda a relação entre corpo, dança e sociedade, e adote uma postura não-discriminatória em relação às nossas manifestações artísticas”. Tais atividades proporcionam um novo olhar perante as manifestações artístico-culturais que o envolvem tanto de forma direta como indireta. Nesse caso, a influência direta do boi-bumbá de Parintins no espaço escolar, contribuindo e modificando a vida e o modo de pensar da comunidade escolar, a fim de proporcionar mudanças.

Portanto, cabe à escola e à comunidade utilizarem artifícios e ferramentas como as toadas de boi para promoverem um processo ensino-aprendizagem significativo e coerente com sua realidade local e, sobretudo ultrapasse-a a fim de despertar a sociedade para um novo modo de pensar a educação em Parintins. Assim, juntos, escola e comunidade, podem traçar objetivos para aproveitar ao máximo tudo que permeia o Festival em prol de melhorias para a educação parintinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival Folclórico de Parintins povoa o imaginário Amazônico e, por isso, nos últimos anos tem sido alvo de muitas pesquisas e estudos nas áreas da Antropologia, da Educação, do Meio Ambiente e de áreas afins. É uma festividade que vem aguçando a curiosidade de vários estudiosos, ocasionando trabalhos acadêmicos, como livros, monografias, dissertações e teses. É uma manifestação cultural que tem se destacado e inspirado outras festividades no interior do estado do Amazonas e até mesmo no Carnaval do Rio de Janeiro, despertando o interesse, principalmente, de folcloristas.

É uma festividade que permeia o município de Parintins há várias décadas. O que se iniciou de forma modesta, como uma simples brincadeira entre amigos, é hoje a marca da cidade, ganhou contorno nacional e até internacional, modificando o modo de vida da população e, principalmente a sua economia. É uma festa que possibilita a união de diferentes culturas e propõe um novo olhar sobre o brincar de boi e a Amazônia, de modo mais consciente, levando em consideração as questões socioambientais.

Conforme Brandão (1989, p. 9): “A festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão”. Esse Festival faz parte do cotidiano da população. É uma festa que proporciona muitos excessos, pois as pessoas produzem outros gestos e comportamentos diferentes do habitual. Assim, ao se vestir de índios e brincar de boi, vivenciam novas experiências.

Esta dissertação procurou não só conhecer as contribuições da festa na vida da população parintinense, mas também apontar caminhos para uma educação socioambiental, lançando um novo olhar sobre a festa que envolve a ilha de Tupinabarana.

A proposta de um novo olhar sobre o brincar de boi em Parintins, ou seja, um olhar sociocultural e educacional, é devido à mobilização que tal festa proporciona ao município. É fundamental que toda comunidade parintinense envolva-se nesse processo para que juntos possam agregar valores e combater determinados problemas que a festa ocasiona, como: a prostituição infanto-juvenil, tráfico e consumo de drogas, aumento no índice de natalidade etc.

Na perspectiva de Burke (2010, p. 50): “Se todas as pessoas numa determinada sociedade partilhassem a mesma cultura, não haveria a mínima necessidade de se usar a expressão “cultura popular”. Nesse sentido, o Festival Folclórico de Parintins é uma

feira de origem popular que atravessa gerações, sendo composta por várias culturas que juntas formam um modo de vida o qual é expresso por meio da narrativa de lendas, toadas e rituais.

Pelas informações obtidas nas entrevistas com o grupo de representantes dos bumbás Caprichoso/Garantido, moradores antigos, professores e alunos pôde-se observar que, para a maioria dos entrevistados, o Festival Folclórico de Parintins é o responsável pelas mudanças tanto positivas quanto negativas na cidade haja vista o mesmo modificar toda sua estrutura.

Vimos no primeiro capítulo que até hoje não se chegou a uma conclusão de qual o primeiro bumbá da cidade, o que, por um lado é bom, pois permanece o clima de mistério e rivalidade entre os bois. Percebe-se na fala dos entrevistados que cada associação folclórica toma para si o direito de ser o primeiro bumbá da cidade.

Porém, o importante é que esse grupo de entrevistados acredita que esse Festival contribui no campo cultural, educacional, social e político de Parintins, pois o mesmo influencia no modo de vida da população e, principalmente, traduz sua manifestação cultural em forma de informação e brincadeira. Essa manifestação vem influenciando também na construção de uma identidade cultural dos povos da Amazônia. Embora sozinha não tenha esse poder, tem se tornado referência para o estado do Amazonas.

No segundo capítulo percebe-se que a evolução do boi-bumbá acompanhou a modernidade, pois o boi deixou de ser de rua e passou a ser de arena, uma “brincadeira” com vários patrocinadores devido, ultimamente, ser uma festa promovida pela indústria cultural.

Para o grupo de moradores entrevistados, que no passado presenciaram um outro brincar de boi, mais simples e familiar, essas mudanças são sentidas de forma negativa, pois hoje o boi-bumbá de Parintins tornou-se uma brincadeira cara, agregando tecnologia e inovações que transformaram a festa em boi espetáculo, seja na arena do bumbódromo seja na tela da televisão, isto é, uma festa projetada para um público formador de opinião. A mudança considerada boa para esse grupo é que hoje a rivalidade entre os torcedores dos bumbás se dá de forma sadia, sem agressões físicas e verbais, como era no passado.

Já no terceiro capítulo, percebe-se a força e a influência desse Festival no campo escolar. Com isso, a escola deve valer-se das informações proporcionadas pelo boi e utilizá-las em sala de aula a favor da educação, por meio das letras de toadas, trabalhando a complexidade da questão ambiental.

A escola, por ser espaço de formação e informação, deve aproveitar os benefícios que essa festa proporciona, ser pensada e agregada ao currículo escolar como Tema Transversal Local, capaz de promover um melhor entendimento sobre essa festividade.

Partindo do princípio que a cultura surge de todo modo de vida, Burke (2010, p. 59) entende que “é de esperar que a cultura [...] varie segundo diferenças ecológicas, além das sociais; diferenças no ambiente físico implicam diferenças na cultura material e estimulam também diferentes atitudes”, pois as pessoas não têm modo de vida uniforme, tampouco as culturas são homogêneas, por isso há essa variação. Assim, os bumbás de Parintins revelam as potencialidades e mistérios da Amazônia, explorando a beleza da fauna, da flora, a cultura dos povos, a simplicidade do caboclo e a bravura dos índios. E é através do brincar de boi que o fabulário amazônico vai sendo narrado e as pessoas adquirem informações sobre a cultura local .

Como toda festa popular, o Festival de Parintins também contém cunho ideológico, pois está voltado para ações sociais, políticas e, principalmente, econômicas. Conforme Duvignaud (1983, p. 154 e 155): “A festa se torna deliberadamente ideológica, pois a teatralização que ela requer, a dramatização dos símbolos e alegorias que subentende tendem a justificar ou explicar uma doutrina”. Desse modo, como em toda ideologia, a festa interfere no modo de vida das pessoas, pois hoje além da brincadeira popular, o boi também é considerado boi espetáculo, voltado para um público consumidor e formador de opinião.

Esse Festival tem o poder de influenciar em outras festividades, inclusive na festa junina na maioria das escolas de Parintins, pois estas têm seus “boizinhos”, que se apresentam nesse período. Contudo, pensar a influência do boi-bumbá no âmbito escolar é tarefa não só para o corpo docente, mas sobretudo da comunidade envolvente, pois o mesmo deve ser tratado de modo mais efetivo e significativo no universo escolar.

Por isso, o pensar em educação e, sobretudo, no Festival Folclórico de Parintins deve ser aberto e flexível, promover transformação para o município. Para tanto, devem ser superadas as limitações metodológicas e educacionais, promovendo um esforço contínuo e conjunto da sociedade parintinense. Assim, espera-se que essa dissertação possa contribuir para a formação e o entendimento do povo parintinense em relação à importância de seu Festival, pois este expressa a tradição, o folclore e a manifestação cultural de Parintins.

Apêndices

Gráfico 1
Entrevista com os representantes dos bumbás Caprichoso e Garantido

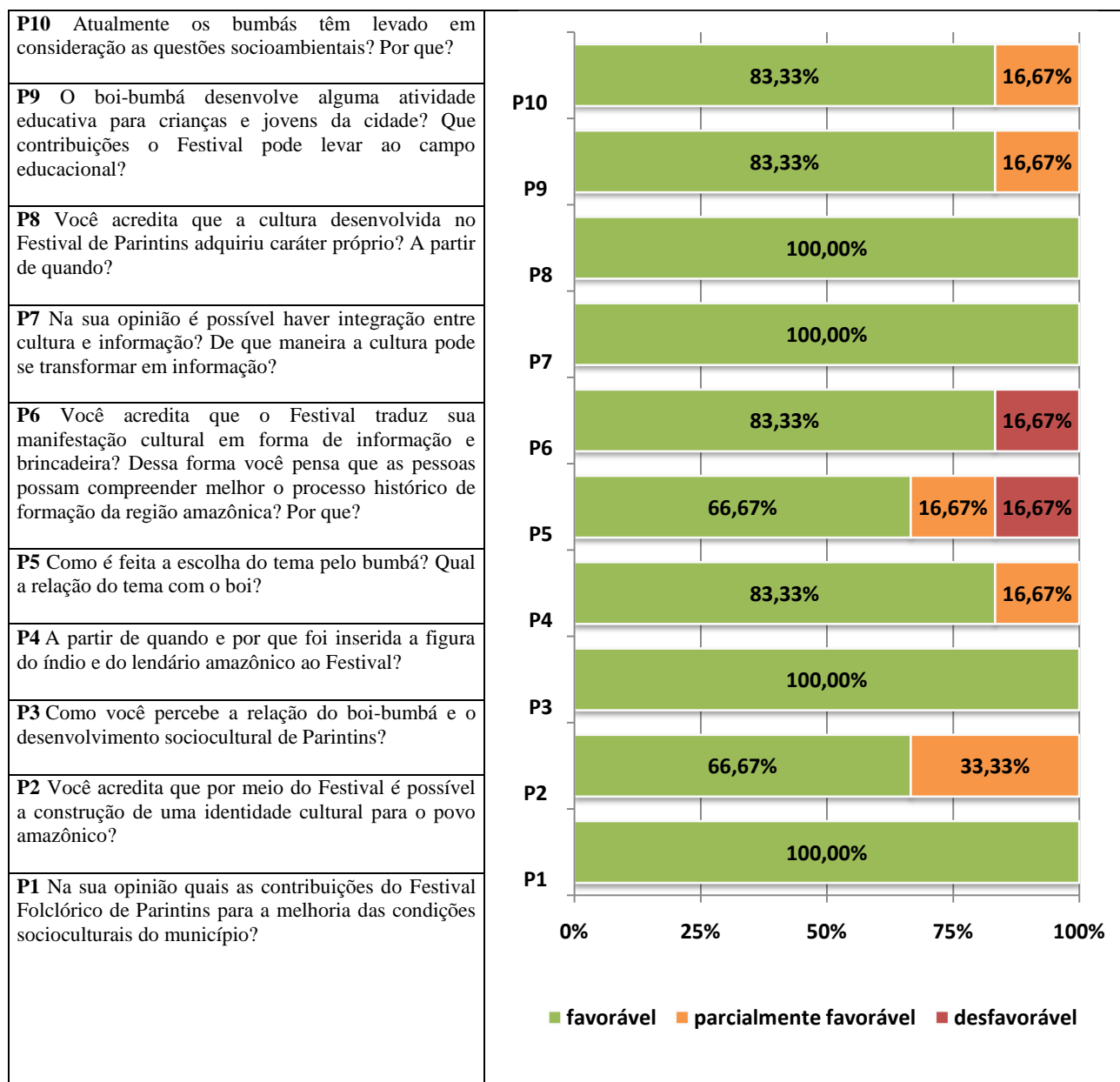


Gráfico 2
Entrevista com os moradores

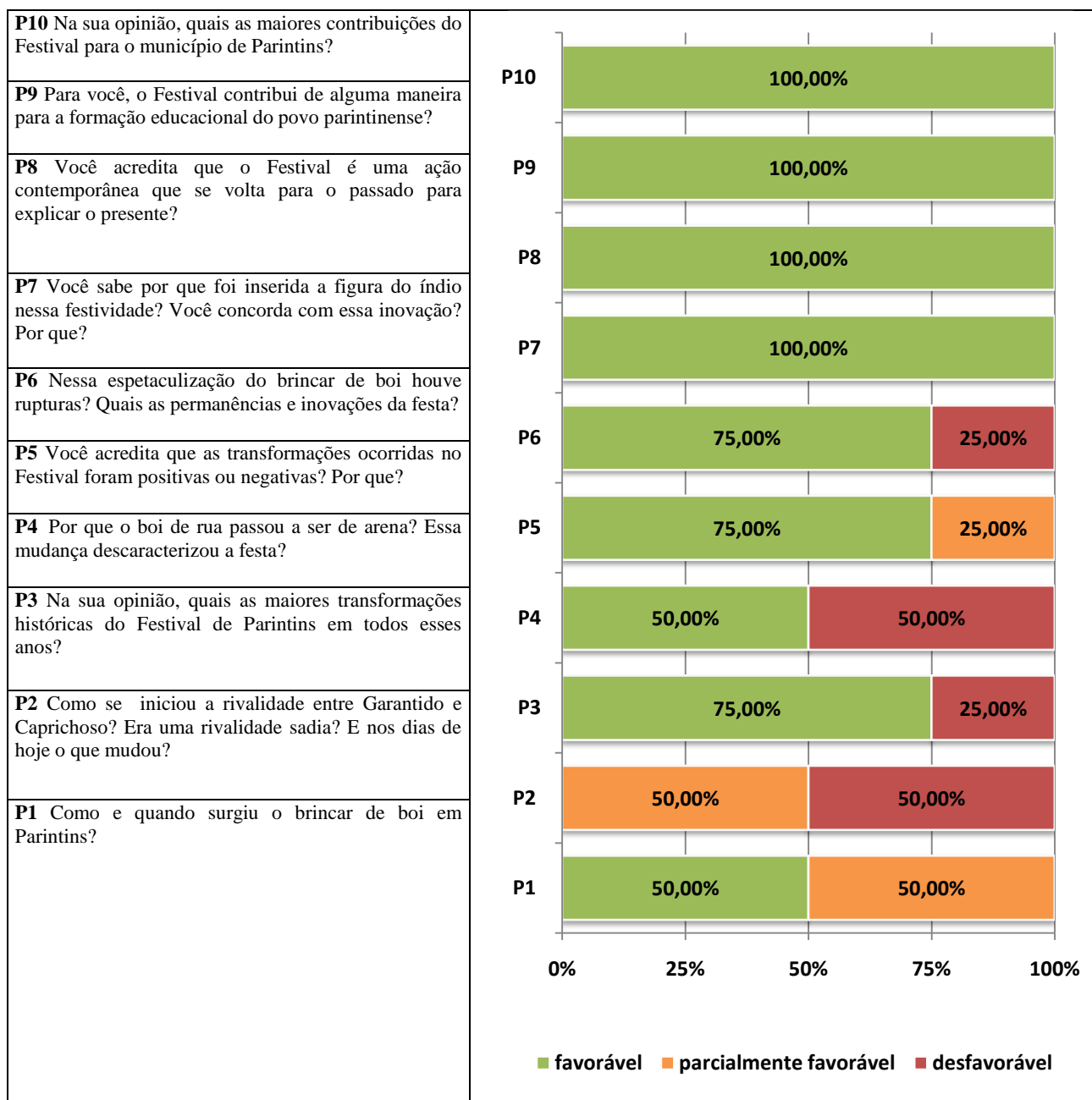


Gráfico 3
Entrevista com os professores

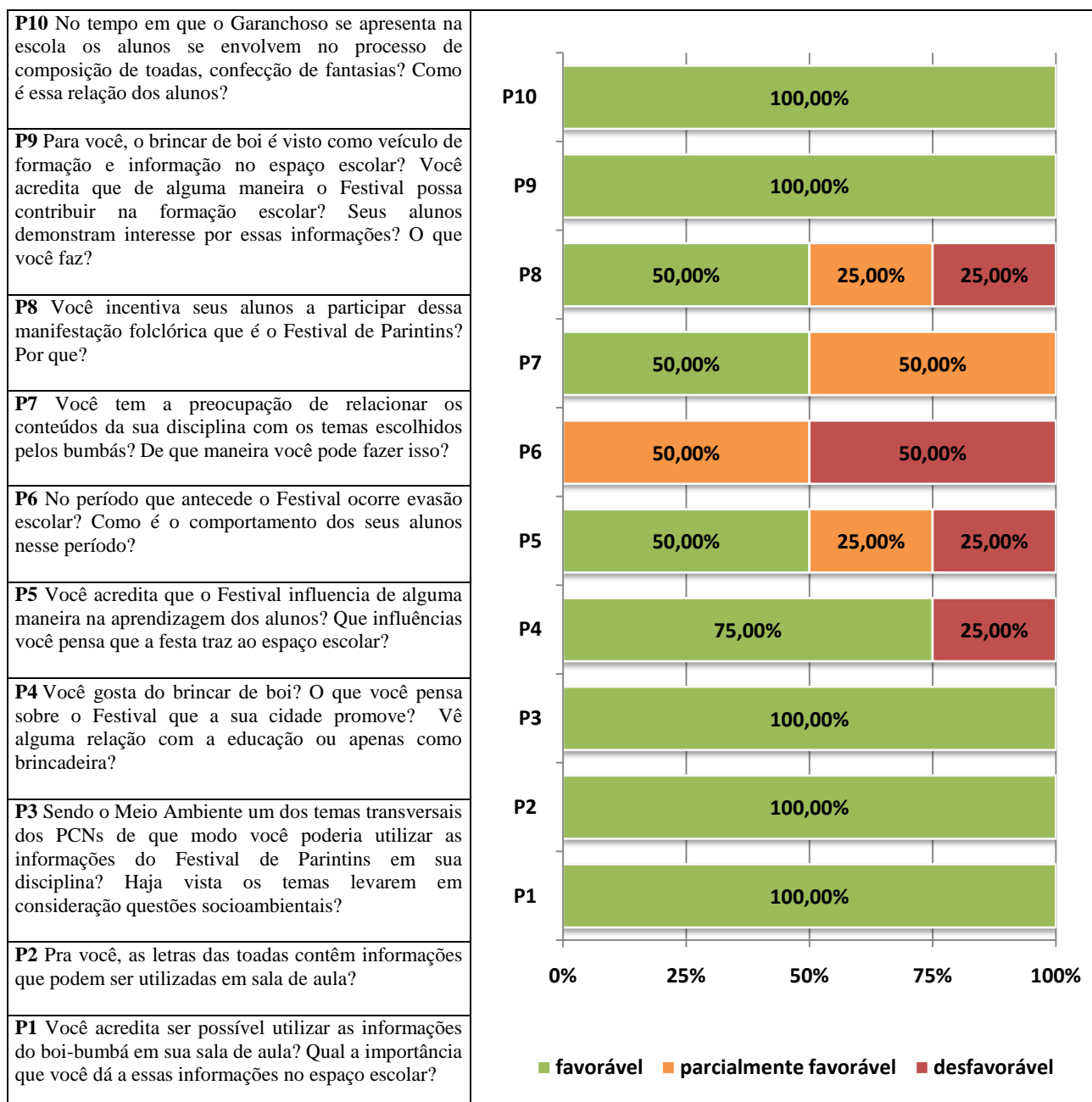
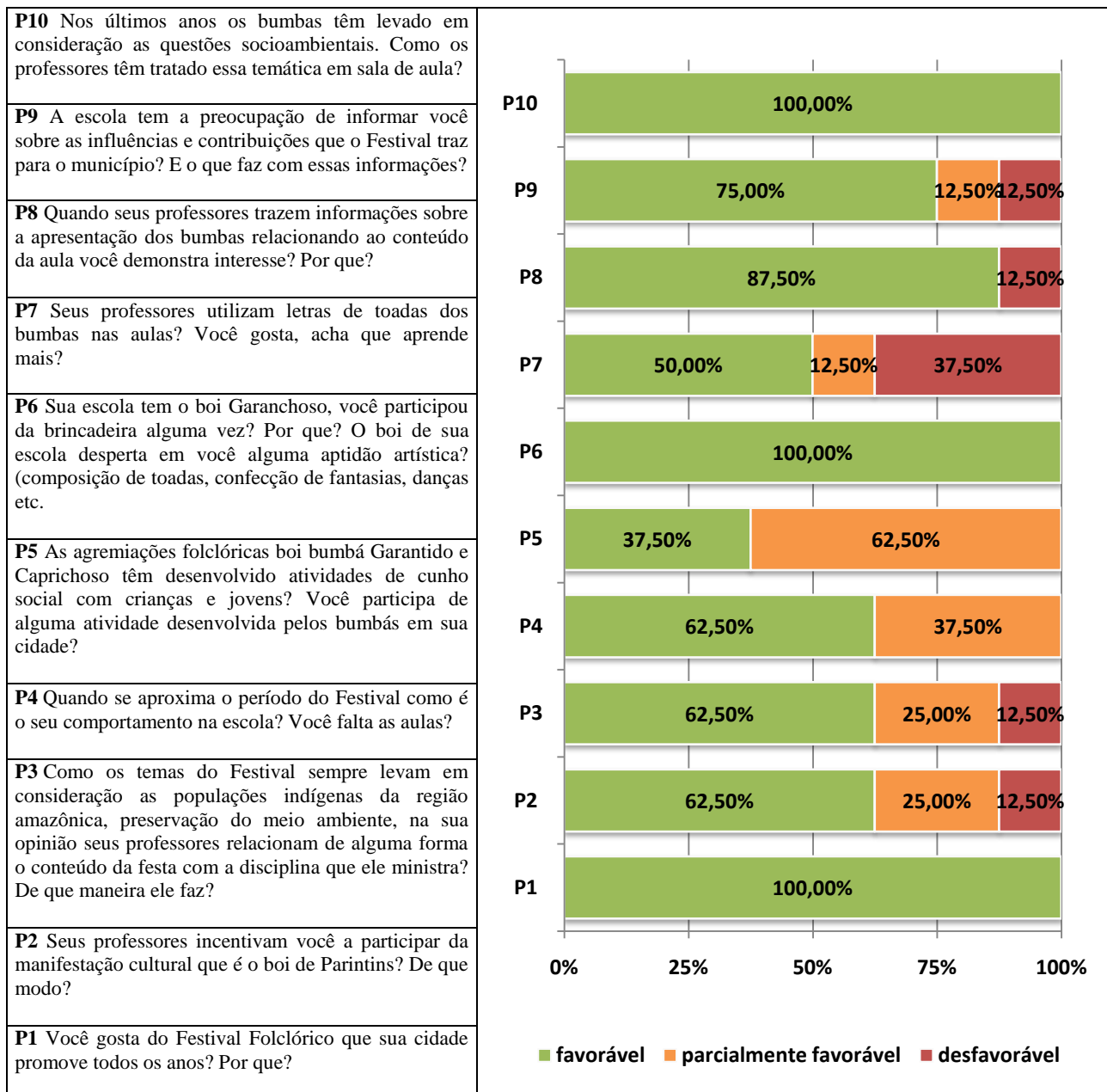


Gráfico 4
Entrevista com os alunos



REFERÊNCIAS

AMAZON VIEW: **A festa vai começar**. Ed. 70, jun, 2005.

ANDRADE, Maria Nascimento (Odinéia). **Síntese histórica do boi-bumbá Caprichoso**. Parintins, 2007.

ARAÚJO, Júlio César de (Org). **Simbolismo e imaginário**: um olhar sobre a cultura no Vale do Juruá. Manaus: Valer, 2007.

ASSAYAG, Simão. **Boi-bumbá**: festas, andanças, luz e pajelanças. Rio de Janeiro: FUNARTE/EDUA, 1995.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No rio Amazonas (1859)**. Tradução Eduardo de Lima Castro. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

AZEVEDO, Genoveva Chagas. **Representações sociais de meio ambiente**: a reserva florestal Adolpho Ducke. Manaus: EDUA, 2007.

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. 2 ed. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1983.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. Manaus: Valer, 1999.

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: _____ (Org.). **Cultura brasileira**: tradição e contradição. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor/ FUNARTE, 1987.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: FUNARTE/EDUA, 2002.

_____. O boi é bom para pensar: estrutura e história nos bois-bumbás de Parintins. In: **Somanlu**: revista de estudos amazônicos. Ano 2, n. 2-Edição Especial. Manaus, Valer, 2002.

_____. Culturas populares na cidade. In: FORTUNA, Carlos & LEITE, Rogério Proença (Orgs.). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra-Portugal. Almedina, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. Coleção primeiros passos, 60. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação musical:** bases psicológicas e ação preventiva. Campinas, SP: Átomo, edições PNA, 2003.

BURITY, Joanildo A. (Org). **Cultura e identidade:** perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro RJ: DP&A, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna.** Tradução Denise Bottmann. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo, SP. Ensaio Latino-americanos: EDUSP, 2000.

CARVALHO, Maria Michol Pinto de. **Matracas que desafiam o tempo:** é o bumba boi do Maranhão/ um estudo de tradição e modernidade na cultura popular. São Luís, MA, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradição:** ciência do povo. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1971.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** V II. 6. ed. São Paulo SP: Paz e Terra, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O indianismo revisitado pelo boi-bumbá. Notas de pesquisa. In: **Somanlu:** revista de estudos amazônicos. Ano 2, n. 2- Edição Especial. Manaus, Valer, 2002.

CONH, Gabriel; FERNANDES, Florestan (Orgs.). **Theodor W. Adorno.** São Paulo, SP: Ática, 1994.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. Instituto Paulo Freire. 7ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 9 ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** 11 reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1997.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental:** princípios e práticas. 9 ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações.** Tradução L F Raposo Fontenelle. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará/Tempo brasileiro, 1983.

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. **Festival folclórico de Parintins e Desenvolvimento Social.** Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais. Manaus, 2001.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Hueliton da Silveira; BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Por uma antropologia do espaço social: os ensaios de Garantido e Caprichoso em Manaus. In: **Somanlu**: revista de estudos amazônicos. Ano 4, n.2, jul./dez., 2004. Manaus, EDUA, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro RJ: LTC, 1989

GIROUX, Henry A; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GOÉS, Fred (Org). **A grande maloca**. Revista do Garantido. Parintins, 2006.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

GUEDES, Fátima. A saga do boi-bumbá em preto e branco. In: _____. **Ensaaios de rebeldia**. 2. ed. Parintins: Gráfica João XXIII, 2007.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis RJ. Vozes, 2005.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino da música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da Abem**. [sl] setembro de 2004. Número 11. Artigo 2. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br>>. Acesso em: 17 de mar. de 2011.

KUMAR, K. A Modernidade e Pós-Modernidade I: A idéia do moderno. In: _____. **Da sociedade pós-industrial a pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1997.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejusp, 1995.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar. **Revista da Abem**. [sl] março de 2004. Número 10. Artigo 9. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br>>. Acesso em: 28 de fev. de 2011.

_____. **O ensino da música na escola fundamental**. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Tradução Maria de Lourdes Menezes. 4 ed. Rio de Janeiro-RJ. Forense Universitária, 2006.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional.** 9 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

MEGALE, Nilza B. **Folclore brasileiro.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MENDES, Liduína. **Em toada.** Gráfica Sérgio Cardoso. Manaus, 1998.

MENEZES, Bruno de. **Boi-bumbá: auto popular.** 2. ed. Belém, PA: 1972.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio. Currículo, utopia e pós-modernidade. In: _____ (Org). **Currículo: questões atuais.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MORENO, Montserrat. Temas transversais: um ensino voltado para o futuro. In: BUSQUETS, Maria Dolors. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral.** Tradução Cláudia Schilling. 6 ed. São Paulo: Ática, 2003.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios.** Tradução Edgard de Assis Carvalho. 5 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

NEGRÃO, Keyla. **Parintins para o mundo ver: estratégias do discurso da televisão sobre amazonidade.** Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande / MS: 2001.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas amazônicas: Boi-bumbá, Ciranda e Sairé.** Manaus: Valer, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: A França do século XIX.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1991.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 5. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

_____. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural.** 5. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2001.

Parintins: cultura e folclore, n 1, jun. Parintins, 2000.

PELLANDA, Nize Maria Campos. A música como reencantamento: um novo papel para a educação. **Revista da Abem**. [sl] março de 2004. Número 10. Artigo 2. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br>>. Acesso em: 28 de fev. de 2011.

RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá evolução**: livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Valer, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Lucíola L. de C. P; LOPES, José de S. Miguel. Globalização, multiculturalismo e currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio. **Currículo**: questões atuais. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação ambiental e festas populares**: Um estudo de caso na Amazônia utilizando o Festival Folclórico de Parintins.-AM. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2001.

_____. Educação ambiental e festas populares: um estudo de caso na Amazônia utilizando o Festival Folclórico de Parintins. In: **Somanlu**: revista de estudos amazônicos. Ano 2, n. 2-Edição Especial. Manaus, Valer, 2002.

_____. **Transversalidade e áreas convencionais**. Manaus: Valer, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Coleção primeiros passos; 110. 16. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

SAUNIER, Tonzinho. **O magnífico folclore de Parintins**. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. Manaus, 1989.

_____. **Parintins**: memória dos acontecimentos históricos. Governo do Amazonas. Manaus: Valer, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SILVA, Jorge Gregório. Análise histórico-crítica do processo de globalização na região Amazônica. **Revista Trabalho Necessário**. Rio de Janeiro (s/m) 2010. Ano 8. Número 11. Disponível em :<http://www.uff.br/trabalhonecessario>. Acesso em 10 de janeiro.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo, SP: Loyola, 2004.

SOUZA, Fernanda. O brinquedo popular e o ensino da música na escola. **Revista da Abem**. [sl] março de 2008. Número 19. Artigo 8. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br>>. Acesso em: 17 de mar. de 2011.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Revista Eletrônica Temática**. [S.l.], maio de 2005. Ano I. Disponível em: <<http://www.osun.org>>. Acesso em: 13 jul. 2010.

TRIVINOS, Augusto N S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Tradução Nancy Campi de Castro. Petrópolis RJ. Vozes, 1974.

VALENTIN, Andreas. **Contrários**: a celebração da rivalidade dos bumbas de Parintins. Manaus: Valer, 2005.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. A festa do boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. In: **Somanlu**: revista de estudos amazônicos. Ano 2, n. 2-Edição Especial. Manaus, Valer, 2002.

_____. **Bumbás de Parintins**: tradição e mudança cultural. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, 2003.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Vivências e concepções de folclore e música folclórica: um survey com alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental. **Revista da Abem**. [sl] setembro de 2004. Número 11. Artigo 8. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br>>. Acesso em: 17 de mar. de 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.